

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Carlos Vinicius Ludwig Viegas Soares

**A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA (1867-2010)**

Porto Alegre

2012

Carlos Vinicius Ludwig Viegas Soares

**A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA (1867-2010)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia, com ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Augusto de Lima Maldonado Filho

Porto Alegre

2012

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis Wiebbelling do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

S676i Soares, Carlos Vinicius Ludwig Viegas

A influência dos Estados Unidos no desenvolvimento econômico canadense : uma análise histórica / Carlos Vinicius Ludwig Viegas Soares. – Porto Alegre, 2012.

107 f. : il.

Orientador: Eduardo Augusto de Lima Maldonado Filho.

Ênfase em Economia do Desenvolvimento.

Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre, 2012.

1. Desenvolvimento econômico: Canadá. 2. História econômica.
3. Dependência econômica. 4. Relações econômicas. I. Maldonado Filho, Eduardo Augusto de Lima. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Economia. III. Título.

CDU 339.9

Carlos Vinicius Ludwig Viegas Soares

**A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA (1867-2010)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Aprovada em 02 de maio de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Orientador Eduardo Augusto de Lima Maldonado Filho - UFRGS

Prof. Dr. Eugenio Lagemann - UFRGS

Prof. Dr. Gentil Corazza - UNILA

Prof. Dr. Pedro Silveira Bandeira - UFRGS

Porto Alegre
2012

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos Professores e colegas do PPGE pelo intenso aprendizado que me proporcionaram e pelas inúmeras trocas de experiências que contribuíram de forma ímpar para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Augusto de Lima Maldonado Filho, por seu interesse, compreensão e suas contribuições sem as quais não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Eugênio Lagemann, pelos conselhos e ideias durante a difícil fase do Projeto de Dissertação.

Agradeço também, aos meus colegas Rodrigo Franklin, pela amizade e pelas incontáveis discussões e debates durante a realização do curso e a Alexandre Markoski e Marco da Luz pelo apoio durante esta jornada.

Ao meu grande amigo Luís Filipe Brandão por ter sido um dos maiores incentivadores para meu retorno à vida acadêmica.

Aos meus pais, Norma e Oli Soares, pelo apoio incondicional e por nunca terem medido esforços para que eu pudesse chegar até aqui.

A história é o incalculável impacto das
circunstâncias sobre as utopias e os sonhos.

Mariano Picón Salas

RESUMO

Neste trabalho é feita uma análise histórica das relações econômicas entre Canadá e Estados Unidos, visando mostrar a influência americana sobre o desenvolvimento econômico canadense. O trabalho apresenta como foco principal dois períodos distintos. O primeiro inicia com a Confederação (1867) e vai até o final da II Guerra Mundial e é marcado por diversas tentativas protecionistas canadenses, destacando-se neste sentido, a *National Policy*, visando um desenvolvimento autônomo em relação aos Estados Unidos e até mesmo buscando evitar a anexação de seu território pelo país vizinho. O segundo período, compreendido entre 1945 até os dias atuais é marcado pela aproximação canadense em relação aos Estados Unidos e um amplo domínio americano sobre a economia canadense, tanto no que diz respeito às relações de comércio e de investimentos, assim como na desestruturação do modelo econômico canadense, notadamente mais focado em questões sociais do que o americano. O auge da dependência canadense ocorre com a entrada em vigor dos tratados de livre comércio, principalmente com o *Free Trade Agreement* (FTA), em 1989 e o *North American Free Trade Agreement* (NAFTA) em 1994. No entanto, no início do século XXI, a ascensão do conservadorismo americano, os custos econômicos gerados pelo enrijecimento das fronteiras aliados às divergências culturais e sociais entre os dois países, que voltaram à tona na última década, contribuíram novamente para a busca da redução da dependência canadense, através de novas parcerias comerciais e de investimentos com outros países. Estas parcerias, mesmo que ainda incipientes, vem reduzindo de forma lenta a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e criando opções de diversificação de suas relações econômicas, até então não verificadas na história do Canadá.

Palavras-chave: Canadá. Estados Unidos. Desenvolvimento econômico. Dependência econômica.

ABSTRACT

This study presents a historical analysis of the economic relations between Canada and the United States aiming to demonstrate the US influence over the Canadian economic development. The work focuses mainly on two distinct periods. The first, starting with the Confederation (1867) and lasting until the end of World War II, is marked by various Canadian protectionist attempts, with emphasis, in this sense, on the *National Policy*, which sought an autonomous development in relation to the United States, even seeking to avoid the attachment of its territory by the neighboring country. The second period, from 1945 until the present days, is marked by the Canadian approximation in relation to the United States and a large American dominance over the economy of that country, both in regards to trade and investment relations and the disintegration of the Canadian economic model, noticeably more focused on social issues than the US model. The apex of Canada's dependency occurs with the free trade treats coming into force, especially with the Free Trade Agreement (FTA) in 1989, and the North American Free Trade Agreement (NAFTA) in 1994. However, at the start of the 21st century, the ascension of the American conservatism, the economic costs generated by stiffening the frontier lines, together with the cultural and social differences between the two countries, which reemerged in the last decade, contributed again for the pursuit of reducing Canadian dependency, through new commercial partnerships and investments with other countries. These partnerships, even if still incipient, have been slowly decreasing the economic dependency in relation to the United States and creating options for diversifying its economic relations, which, until then, were not observed in the history of Canada.

Keywords: Canada. United States. Economic development. Economic dependence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exportação e Importação de Bens e Serviços em milhões de US\$ e em Percentual da Despesa Nacional Bruta em anos selecionados (1870-1945).....	42
Tabela 2 - Percentual de Exportação e Importação de Bens e Serviços - Canadá em anos selecionados (1870-1945):	43
Tabela 3 - Distribuição de exportações e importações em % por nível de fabricação – Canadá em anos selecionados (1870-1945).....	44
Tabela 4 - Principais Produtos de Exportação e Importação em US\$ milhões- Canadá em anos selecionados (1870-1930).....	45
Tabela 5 - Exportações de bens canadenses por país de destino em anos selecionados: 1870-1945 (milhões de US\$).....	46
Tabela 6 - Importações canadenses de bens por país de origem em anos selecionados: 1870-1945 (milhões de US\$).....	47
Tabela 7 - Investimentos Estrangeiros Diretos no Canadá em anos selecionados: (1900-1945)- (milhões de US\$)	50
Tabela 8 - Participação percentual dos 10% mais ricos na renda do Canadá (1989-2000)	72
Tabela 9 - Média de renda por unidade fiscal no Canadá no ano de 2000 em dólares canadenses- CAD	73
Tabela 10 - Percentual de Importações Americanas para Consumo em Valor Aduaneiro provenientes do Canadá (2010).....	78
Tabela 11 - Percentual do valor de exportações americanas para o Canadá (2010)	79
Tabela 12 - Balança de Serviços do Canadá – Pagamentos (1995-2010).....	80
Tabela 13 - Balança de Serviços do Canadá – Recebimentos (1995-2010).....	81
Tabela 14 - Investimentos Diretos do Canadá no Exterior (1995-2010).....	82
Tabela 15 - Investimentos Diretos Estrangeiros no Canadá (1995-2010).....	83
Tabela 16 - Importação de Bens com Base no Balanço de Pagamentos em US\$ milhões (1995-2010)	88
Tabela 17 - Exportação de Bens com Base no Balanço de Pagamentos em US\$ milhões (1995-2010)	89
Tabela 18 - Principais Países Exportadores de Bens para o Canadá- Base Alfandegária (2010).....	90
Tabela 19 - Principais Países Importadores de Bens Canadenses – Base Alfandegária (2001-2010).....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE	18
2.1 STAPLE THEORY.....	18
2.2 A ABORDAGEM MARXISTA	23
2.3 A ABORDAGEM DE GERSCHENKRON	24
2.4 RELEVÂNCIA DAS ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE.....	26
3 CONFEDERAÇÃO, PROTECIONISMO E INVESTIMENTOS AMERICANOS (1867-1945)	28
3.1 O CANADÁ ANTES DE 1867.....	28
3.1.1 A Colonização Francesa	29
3.1.2 A Colonização Inglesa	31
3.1.3 O Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos	33
3.2 A CONFEDERAÇÃO.....	36
3.3 A <i>NATIONAL POLICY</i>	39
3.4 AS RELAÇÕES ECONÔMICAS COM OS ESTADOS UNIDOS A PARTIR DA CONFEDERAÇÃO	41
4 PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DO PROTECIONISMO AO APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS (1945-2010)	53
4.1 O CENÁRIO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	53
4.2 O ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS E DE INVESTIMENTOS	59
4.2.1 O Auto Pact	60
4.2.2 A Implementação do <i>Free Trade Agreement (FTA)</i> e do <i>North American Free Trade Agreement (NAFTA)</i>	63
4.2.3 Os Efeitos dos Tratados de Livre Comércio	66
4.3 SÉCULO XXI - CONSERVADORISMO AMERICANO, RESTRIÇÕES NA FRONTEIRA E A BUSCA DE NOVOS ACORDOS COMERCIAIS COMO FORMA DE REDUZIR A DEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS.....	74

4.3.1 O Cenário Atual e as Opções Canadenses	74
4.3.1.1 As Relações de Comércio e Investimento.....	77
4.3.1.2 As opções canadenses: entre a extrema dependência e a diversificação das relações econômicas externas.	83
5 CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

As relações econômicas entre Estados Unidos e Canadá constituem-se em um interessante campo para pesquisa por serem dois países altamente desenvolvidos, com economias com características semelhantes e pelo fato de, na maior parte de sua história, apresentarem uma extensa fronteira livre entre eles. Esta relação distingue-se, por um lado, de outras mantidas pelos Estados Unidos com os demais países do continente americano, nas quais os EUA assumem o papel de superpotência econômica, cabendo aos demais países, o papel de economias subdesenvolvidas ou em desenvolvimento. A literatura sobre o tema consagrou a ideia de uma “relação especial” entre Canadá e Estados Unidos que a distinguiria de quaisquer outras no cenário econômico mundial, com a predominância de uma atmosfera de maior harmonia de interesses, harmonia esta que teria chegado ao seu auge com a criação do NAFTA em 1994.

Por outro lado, autores como Thompson e Randall (2008) defendem a tese de que apesar das diferenças de força econômica entre os países da América Latina e do Canadá, o aspecto central das relações entre os Estados Unidos e Canadá têm sido similar à posição americana¹ em relação à América Latina, ou seja, unilateral, além disso descartam a possibilidade de uma relação econômica “especial”. Outros autores como Lipset (1987; 1990) descartam também a possibilidade da convergência de valores sociais e instituições, que seriam outros diferenciais que aproximariam suas economias e sustentariam uma relação diferenciada.

No que diz respeito às questões econômicas, os Estados Unidos aparecem como o maior defensor mundial da liberdade de mercado e de investimentos, enquanto os canadenses, historicamente sempre defenderam uma maior intervenção do Estado na economia, considerada essencial no seu processo de desenvolvimento. Além disto, a sociedade canadense tem tradicionalmente uma cultura mais coletivista, enquanto os americanos, ao contrário, possuem princípios notadamente individualistas.

A visão de harmonia de interesses, de relações econômicas notoriamente diferenciadas e de convergência de valores, certamente não encontra sustentação

¹ A palavra americano(a) neste trabalho é utilizada unicamente em referência aos Estados Unidos da América.

quando se analisa a história destes países nos séculos XIX, XX e início do século XXI, marcadas por um lado pela construção de uma série de instituições bilaterais, mas também por diversos conflitos, geralmente associados à tentativa canadense de se manter independente, tanto economicamente como culturalmente da superpotência americana.

O Canadá dificilmente teria sobrevivido como entidade política distinta dos Estados Unidos sem a conexão com o Império Britânico no século XIX devido à ascensão da Teoria do Destino Manifesto² e sua filosofia de anexação de territórios.

A própria Confederação³ canadense surge como uma reação à Revolução Americana, na qual o Canadá optou por permanecer em um regime de monarquia constitucional dentro do Império Britânico.

As revoluções Americana e Haitiana, assim como as Guerras da América Espanhola por independência deixaram o Canadá, Cuba e Porto Rico entre os poucos postos avançados remanescentes do colonialismo europeu no hemisfério ocidental. Pelo fato de a Inglaterra e os Estados Unidos terem sido as únicas grandes forças deste hemisfério durante o século XIX, a tensão bilateral Anglo-americana fez do Canadá um coadjuvante da disputa entre estas duas potências econômicas (THOMPSON; RANDHALL, 2008).

Do ponto de vista econômico, a questão principal que marcou a relação entre os países na segunda metade do século XIX foi o tema do livre comércio. O Tratado de Reciprocidade (1854) é o primeiro tratado neste sentido, porém tem curta duração e foi revogado pelos Estados Unidos já em 1866 como uma reforma de retaliação à ajuda britânica aos Estados Confederados canadenses. A partir da revogação deste, os canadenses passaram, historicamente, a fazer oposição à total liberdade comercial com os Estados Unidos.

Com a Confederação, os canadenses explicitamente criaram sua "*National Policy*"⁴, visando gerar uma atmosfera de desenvolvimento econômico transcontinental em desafio aos Estados Unidos (THOMPSON; RANDHALL, 2008). Passado o período da *National Policy*, a preocupação em relação à dominação

² Doutrina fundada na crença americana do século XIX de que os Estados Unidos estariam destinados a se expandir em todo o continente. Foi utilizada para justificar a guerra com o México em 1840.

³ União das Colônias Britânicas da América do Norte: Nova Escócia, New Brunswick e Canadá sob o novo nome de Domínio do Canadá.

⁴ Política introduzida durante o governo de John Macdonald com o objetivo de construir uma ferrovia transcontinental, proteger a nascente indústria canadense através da imposição de tarifas as importações e o incentivo à imigração visando povoar o oeste do país.

americana permaneceu, alimentando o nacionalismo canadense de forma significativa.

As políticas de tarifas elevadas para importação estipuladas pela *National Policy* atraíram grandes somas de capital americano e investimentos para o mercado interno canadense, fazendo com que na segunda década do século XX, os investimentos americanos superassem os ingleses neste país (AITKEN,1959).

Já no final do Século XIX, a Inglaterra, devido a mudanças no equilíbrio de poder dentro da Europa, assim como por problemas para a manutenção de seu próprio Império, acabou modificando suas relações com os Estados Unidos, tornando-as mais amistosas. Desta forma, os interesses econômicos do Canadá podiam ser sacrificados por objetivos estratégicos maiores e, por consequência, uma aliança com os Estados Unidos tornou-se desejável para os ingleses.

No início do século XX, ocorreu uma expansão rápida da industrialização no Canadá apoiada pelo capital americano, com a criação de novas filiais e a compra de empresas com o objetivo inicial de suprir as necessidades do mercado interno e mesmo o mercado inglês em indústrias como a química, de processamento de metais e de equipamentos elétricos.

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, o eixo financeiro mundial já havia migrado de Londres para Nova Iorque e o declínio da Inglaterra era evidente, trazendo consigo um período de transição na economia canadense: sua maior dependência em relação aos Estados Unidos do que à Inglaterra. Com a Grande Depressão, ficaram claros os riscos associados a esta dependência.

Em 1930, em resposta à crise, o Congresso americano aprova a *Hawley-Smoot Tariff Act* que elevou as tarifas de importação aos níveis mais altos da história americana até então, o que gerou retaliações pelo governo canadense e mostrou a necessidade de buscar alternativas à dependência crescente. Já em 1932, o governo promoveu em Ottawa a *Imperial Economic Conference*⁵ buscando revisar o sistema de tarifas dentro da Comunidade Britânica. Em 1934, as relações econômicas tornaram-se menos tensas com a aprovação do *Reciprocal Trade Agreement Act* e a negociação para a redução das tarifas de importação e de

⁵ Nesta Conferência foi discutida a Grande Depressão e os governos decidiram instituir “Preferências Imperiais”, ou seja, um sistema de tarifas protecionistas para importações de países não pertencentes ao império.

aumento das relações comerciais. Um segundo acordo comercial foi assinado em 1938, levando a maiores reduções nas tarifas de importação.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, ocorre um acentuado aumento da dependência em relação aos Estados Unidos tanto no que concerne a questões econômicas como políticas. Os Estados Unidos emergem como a grande potência do planeta, enquanto o Canadá permanece como uma potência intermediária no cenário econômico internacional, agravando sua dependência econômica e cultural em relação ao país do sul. A intensidade da Guerra Fria, a hegemonia americana e a impossibilidade de não alinhamento tornavam qualquer outra alternativa pouco provável. O período compreendido entre o início dos anos de 1940 e o final dos anos de 1950 foi marcado tanto por alianças para a II Guerra Mundial como para a Guerra Fria baseados em interesses econômicos e pressupostos supostamente compartilhados sobre questões políticas e ideológicas.

Do início dos anos de 1960 até o início da década de 1980, o consenso binacional do pós-guerra sofreu um intenso desgaste e os dois países entraram em disputas em temas relacionados ao comércio e investimentos. Neste período, as políticas de bem-estar social do Canadá também destoavam de um modelo de economia convergente com o americano. Foram as décadas em que o modelo de gerir a economia canadense surgia como uma terceira opção entre o capitalismo liberal americano e a social democracia europeia.

No entanto, já em 1965, o *Auto Pact* surgia como um primeiro passo de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos. Com a criação do FTA (*Free Trade Agreement*) em 1989 e posteriormente do NAFTA (*North American Free Trade Agreement*) em 1994, ocorre o auge da integração econômica entre os Estados Unidos e o Canadá e a aceleração da dependência econômica. Não obstante, o início do século XXI trouxe, junto à ascensão do conservadorismo republicano nos Estados Unidos, o retorno do questionamento do futuro da dependência econômica e as reais alternativas para poder superá-las.

Neste cenário de relações singulares e de forte dependência econômica canadense surgem questões sobre quais problemas econômicos podem ser decorrentes desta dependência, quais são os efeitos econômicos para uma economia desenvolvida como a deste país ser vizinha da maior potência econômica mundial e finalmente de como a economia americana influenciou e continua influenciando o desenvolvimento do Canadá.

Visto que a influência americana sobre a economia do Canadá tornou-se muito elevada, é natural que haja preocupação por parte dos canadenses sobre sua autonomia como país, sobre a autonomia de suas políticas internas muitas vezes embasadas em visões de mundo diferentes das americanas e sobre os rumos econômicos que podem ser impostos pelos EUA.

De fato, as relações econômicas entre os dois países continuam sendo de crucial importância para o Canadá. Os Estados Unidos são o principal parceiro comercial, sendo responsáveis pela importação de produtos que correspondem a 18,8% do PIB do Canadá em 2010 (e pela aquisição de 73,28% dos produtos exportados) (STATISTICS CANADA, 2011a). O Canadá também é o maior importador de produtos americanos, com cerca de 14% de todos os produtos exportados pelos Estados Unidos, o que corresponde a 62,8% dos produtos importados pelos canadenses (US CENSUS, 2011).

Além disto, os Estados Unidos têm historicamente realizado elevados investimentos na área de bens de capital e em tecnologia naquele país. Se por um lado estes investimentos e a tecnologia podem ter beneficiado a economia canadense, os resultados dos acordos comerciais e a grande disparidade entre a população e o mercado consumidor dos dois países têm trazido diversos problemas, incluindo um elevado grau de dependência e de vulnerabilidade à política econômica dos Estados Unidos.

A partir da constatação de que o Canadá é um país que sofreu forte influência dos EUA no que concerne a seu processo de desenvolvimento econômico, neste trabalho será feita uma análise histórica de distintos períodos de desenvolvimento desta economia apresentando as relações econômicas entre estes países e o impacto dos Estados Unidos neste desenvolvimento.

Para a consecução do trabalho, faz-se necessário, inicialmente, delimitar períodos do desenvolvimento da economia canadense. Neste sentido, Urquhart (1988) e Rea (1998) apresentam seis períodos de desenvolvimento: Colonial (1500-1867); *National Policy* (1867-1896), Industrialização (1896-1929), o período de instabilidade e retomada do crescimento (1929-1950), o período de forte crescimento do pós II Guerra Mundial (1950-1975) e o período de desaceleração e reestruturação da economia a partir de 1975.

Com o intuito de apresentar as questões mais importantes do impacto americano sobre o desenvolvimento econômico canadense, optou-se por agrupar estes períodos em três:

- a) Inicialmente, é feita uma breve análise do Período Colonial (1500-1867) abordando-se a colonização inglesa e francesa, assim como o Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos, que ganha importância por ser o primeiro tratado de livre comércio relevante entre estes países;
- b) Posteriormente, é feita uma análise do período 1867-1945 caracterizado tanto pelo forte protecionismo da economia a partir da *National Policy*, pela industrialização e pelos conflitos comerciais, mas também pela aceleração da dependência devido aos elevados investimentos americanos neste país;
- c) O último período do pós Segunda Guerra Mundial (1945-2010) é marcado pela transição de uma política protecionista para uma política que passou a privilegiar o estreitamento das relações comerciais e de investimento através do *Auto Pact* (1965), do *Free Trade Agreement* (1989) e finalmente do *North American Free Trade Agreement* (1994). Com o início do século XXI e o surgimento das restrições de fronteira, abordam-se as novas tensões econômicas e as alternativas que o Canadá vem buscando para minimizar a dependência em relação aos Estados Unidos.

No segundo capítulo são apresentadas as principais abordagens utilizadas para analisar o desenvolvimento econômico canadense, com destaque para a *Staple Theory*. A apresentação desta abordagem torna-se relevante por seu poder explicativo em relação à dependência do Canadá em relação a outros países (inicialmente a Inglaterra e posteriormente aos Estados Unidos) e de como esta economia se desenvolveu a partir de poucos produtos de exportação.

Além da teoria dominante, também apresenta-se a abordagem Marxista e a de Gershenkron com o objetivo de expor enfoques alternativos e que podem contribuir para uma análise mais profunda do fenômeno do desenvolvimento naquela sociedade.

Na parte inicial do terceiro capítulo é feita uma breve análise do desenvolvimento econômico canadense no período anterior à Confederação, desde a colonização francesa e inglesa até o início das relações econômicas com os Estados Unidos. Após parte-se para uma análise mais profunda das relações econômicas a partir da Confederação até a Segunda Guerra mundial, destacando-se

os instrumentos de protecionismo econômico direcionados aos Estados Unidos, assim como o crescimento das relações comerciais e de investimentos entre ambos.

No quarto capítulo, que compreende o período pós II Guerra Mundial até os dias atuais, é feita uma análise do período de transição pelo qual passa a economia canadense, do protecionismo ao estreitamento das relações econômicas com os Estados Unidos, a partir de acordos como o *Auto Pact*, FTA e NAFTA. Neste capítulo também são abordados os novos rumos da economia canadense a partir do início dos anos 2000, com a busca de novos acordos de livre comércio com outros países visando à redução da dependência econômica.

O trabalho tem como objetivo geral analisar a influência americana sobre o desenvolvimento econômico canadense em distintos períodos históricos, marcados tanto por uma fase de maior protecionismo canadense e posteriormente pela aproximação econômica com os Estados Unidos. Parte-se da hipótese de que mesmo com as tentativas protecionistas, o desenvolvimento econômico canadense, desde o período colonial até o século XX, foi preponderantemente condicionado, levando-se em consideração a *Staple Theory*, pela exportação de poucos produtos e dependente das relações econômicas com um único país mais desenvolvido, inicialmente a Inglaterra e posteriormente os Estados Unidos, que é o objeto de estudo deste trabalho.

No entanto, com os desdobramentos recentes das relações econômicas entre Estados Unidos e Canadá, analisa-se a hipótese de que muito embora no século XX a economia canadense tenha se tornado profundamente dependente da americana, principalmente no que diz respeito às relações comerciais e de investimentos, o auge desta dependência já teria passado, com a busca canadense por novos acordos comerciais e de investimentos com outros países.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE

O presente capítulo tem por objetivo apresentar as principais abordagens utilizadas pelos economistas canadenses na análise do desenvolvimento econômico deste país, com ênfase na *Staple Theory* que tem dominado o estudo de sua história econômica.

2.1 STAPLE THEORY

A *Staple Theory* foi elaborada na década de 1920 pelos economistas canadenses Harold Innis e W. Mackintosh. Nesta teoria é defendida a ideia de que o desenvolvimento econômico e o padrão de povoamento do Canadá têm sido moldados pela produção de poucos produtos voltados para a exportação. De forma resumida, a *Staple Theory* defende que:

- a) A produção de *staples*⁶ motivou o interesse europeu em manter contato com o Canadá;
- b) O crescimento econômico exitoso exigiria flexibilidade na mudança de produção de uma *staple* para outra, de acordo com as circunstâncias econômicas;
- c) As características técnicas da *staple* determinariam a extensão do povoamento de uma determinada área e as outras formas de produção econômica na área povoada;
- d) A *staple* moldaria a sociedade e sua evolução histórica. Assim, por exemplo, a tendência centralizadora observada na parte central do Canadá seria fruto da necessidade de defesa das rotas comerciais dos mercados de peles, enquanto a estrutura política fragmentada observada

⁶ A palavra staple indica uma commodity que domina as exportações de uma economia que de acordo com a Staple Theory deveria ser relativamente pouco processada. São exemplos de staples canadenses as peles, peixes, trigo e madeira.

na região litorânea seria decorrente da natureza dispersa e independente da atividade de pesca.

Segundo esta teoria, a exportação de *staples* do Canadá para economias mais avançadas geraria efeitos significativos ao sistema econômico, social e político deste país. Além disto, diferentes produtos primários de exportação trariam distintos impactos sobre a colonização e conflitos dentro das províncias. Embora Innis e Mackintosh concordassem sobre o fato de que a origem do desenvolvimento da economia canadense fosse essencialmente baseado na *staple economics*, estes discordavam dos efeitos futuros deste modelo. Para Mackintosh, a dependência da exportação de poucos produtos primários geraria uma evolução contínua da economia canadense até um estágio de industrialização madura baseada na produção de *staples*. Já Innis, vislumbrou a tendência do Canadá tornar-se preso a um modelo de dependência e limitado ao papel de um país periférico fornecedor de matérias primas.

De fato, a *Staple Theory* tem dominado o estudo da história econômica canadense tendo sido utilizada também para a análise de diversas outras economias dependentes da exportação de produtos primários. Para Harold Innis, o grande problema enfrentado pelos colonos quando chegam em um novo país são as novas características culturais deste ambiente. A dificuldade do processo de transição cultural pode ser minimizada pela continuação da dependência em relação ao seu país de origem.

Como destaca Pomfret (1981, p.33):

As dificuldades trazidas pelo processo de transição podem ser reduzidas pela contínua dependência em relação ao país de origem. Em um nível material o imigrante é incapaz de satisfazer imediatamente todas as suas necessidades, e se estas necessidades tiverem que ser atendidas, este terá que contar com produtos de seu país. Alguns destes produtos podem ter sido trazidos pelo imigrante, mas a forma mais importante de obtê-los é pelo comércio. Nisso consiste a base da exportação de produtos primários na vida colonial.⁷

⁷ Todas as citações deste texto foram traduzidas do inglês para o português pelo autor do trabalho. The severity of the transition process can be reduced by continuing dependence on the mother country. On a material level the migrant is unable immediately to supply all his needs, and if these needs are to be met he will be forced to rely on goods obtainable from the mother country. Some of these goods may have been brought with migrant, but the most important device for obtaining them is by trade. Here lies the basis for the importance of the staple export in colonial life.

A abordagem de Innis acabou sendo utilizada para explicar uma série de fenômenos que vão desde o desenvolvimento econômico até mudanças culturais e é considerada por Watkins (1963, p.141), “a mais importante contribuição canadense para a economia política”.

Os estudos de Innis foram primariamente centrados na questão da exportação de peles e peixes. Porém, na maior parte do século XIX, ganhou grande destaque a exportação de madeira, e as características desse produto de exportação influenciaram o desenvolvimento da agricultura e a política comercial. Já o período que compreende as últimas três décadas do século XIX é marcado pela diminuição da exportação de *staples*, e é considerado pelos defensores desta teoria como um período de depressão da economia canadense. Com o aumento do preço do trigo na última década do século XIX, este produto ganha espaço na pauta de exportação, tornando-se a mais importante *staple* nas primeiras décadas do século XX. Mesmo atualmente, a energia elétrica e diversos minerais têm sido consideradas novas *staples* para satisfazer as demandas dos países industrializados (POMFRET,1981).

Levando-se em consideração que as *staples* dependem da exploração de recursos naturais, torna-se profundamente relevante a importância dos fatores geográficos para o desenvolvimento econômico. Esta ênfase nos fatores geográficos também levou os defensores da *Staple Theory* a enfatizar a importância das políticas de governo para superar as desvantagens geográficas apresentadas pelo território canadense. Como exemplo da intervenção do Estado como forma de diminuir estas desvantagens, pode-se destacar a construção da ferrovia transcontinental *Canadian Pacific-CPR* (1880-1885) que reduziu os obstáculos geográficos da área de planalto que cobre grande parte da área central e leste do Canadá conhecida como *Canadian Shield*. A CPR foi fundamental na redução dos custos de transporte necessários ao sucesso de uma economia baseada na exportação de bens primários. A CPR proporcionou um acesso direto entre as pradarias e o Atlântico, superando as dificuldades de locomoção entre pontos geográficos críticos como a ligação entre o Lago Superior e Winnipeg e quando os acessos de ligação entre as pradarias e o leste foram aprimorados, criaram-se as condições para um enorme crescimento na exportação de trigo, em uma época de substanciais aumentos no preço deste produto. De acordo com os defensores da

Staple Theory, este é o momento em que inicia o processo que resultou na prosperidade atual da economia canadense.

Uma questão relevante refere-se ao fato de que se a *Staple Theory* é utilizada como uma teoria do crescimento e desenvolvimento econômico faz-se necessário compreender as consequências econômicas da exploração dos produtos primários. Quando é feita uma análise da economia colonial, as exportações de produtos primários possuem o papel mais importante no que concerne ao crescimento econômico, porém caso o crescimento econômico seja sustentado após o declínio da exportação destes produtos, terá sido necessário deslocar estes recursos para atividades econômicas mais diversificadas. Um aspecto central da *Staple Theory* é este efeito de disseminação que é determinado pela tecnologia de produção.

Neste sentido, ganha destaque o estudo de Watkins (1963), que classificou os efeitos da disseminação da produção de *staples*. Watkins defende a ideia de que os encadeamentos entre a produção de *staples* e outros setores da economia ocorrem de três formas. Encadeamentos para trás ocorrem quando a produção de *staples* aumenta a demanda por insumos produzidos internamente. Encadeamentos para frente acontecem a partir do aumento da disponibilidade de uma *staple* que estimula a expansão de um setor da economia usando esta *staple* como insumo. Já o encadeamento final da demanda é uma consequência do aumento de renda gerado pela produção da *staple* e em que proporção este aumento de renda gera aumento na demanda por bens dos consumidores do país. Watkins também identifica encadeamentos pelo lado da oferta nos quais a natureza da *staple* vai determinar o nível de empreendedorismo, a taxa de imigração e a quantidade de capital na economia.

Até o final da década de 1950 existe um consenso na literatura canadense de que a *Staple Theory* seria a principal abordagem para analisar o desenvolvimento econômico daquele país. Na obra clássica “História Econômica do Canadá” de Aitken e Easterbrook, publicada em 1956, as *staples* peixes, pele, madeira e trigo ocupam um papel central como produtos de exportação e conseqüentemente no desenvolvimento da economia. A partir deste período, no entanto, surgem dúvidas sobre a real relevância da *Staple Theory* e suas aplicações na nova fase do desenvolvimento da economia canadense.

Uma primeira visão cética em relação a sua aplicação foi apresentada por Buckley (1958) que argumentou que embora a *Staple Theory* tenha sido fundamental para o entendimento dos primeiros estágios do desenvolvimento da economia canadense, esta teoria não seria mais válida desde a década de 1820 quando ocorreu a mudança do centro comercial de peles de Montreal para Hudson Bay. Desde então, a economia canadense já seria muito diversificada para sofrer forte influência da exportação de apenas um produto, argumento este contestado por Aitken (1958). De fato, mesmo que o início da contestação da *Staple Theory* tenha iniciado no final da década de 1950, até os dias atuais não há consenso sobre a validade desta teoria para analisar a história econômica recente do Canadá, porém há consenso entre os defensores desta teoria nos dias de hoje sobre perspectivas pessimistas em relação ao futuro da economia canadense que permaneceria vulnerável devido à concentração em poucos produtos de exportação e pela incapacidade de diversificação na produção industrial.

Pomfret (1981) destaca que caso a *Staple Theory* seja considerada válida para toda a história econômica do Canadá, então a interpretação específica de sua história deve enfatizar os seguintes pontos:

- a) O desenvolvimento econômico canadense é extremamente vulnerável às mudanças de demanda do exterior, ocorrendo a necessidade de intervenção do governo para aliviar as perturbações sociais durante os períodos de recessão;
- b) A intervenção do governo na economia também é necessária para superar os obstáculos geográficos ao desenvolvimento econômico, visto que as distâncias internas e a dificuldade de acesso a algumas regiões tornavam necessárias obras de infraestrutura, principalmente na área de transportes e estas só poderiam ser realizadas pelo governo;
- c) O desenvolvimento industrial, com exceção daquele vinculado às *staples*, não é natural e só poderá ser obtido com a assistência do governo, como por exemplo, com a restrição de entrada no país de produtos importados similares.

2.2 A ABORDAGEM MARXISTA

Stanley Ryerson (1968) propôs uma abordagem marxista como forma de análise da história do desenvolvimento econômico canadense, baseada no materialismo dialético. Embora concordasse com os defensores da *Staple Theory* sobre o papel crucial desempenhado por fatores geográficos e naturais para o modelo de desenvolvimento deste país, o autor critica a omissão desta teoria em relação às questões sociais. Para Ryerson, embora as características técnicas das *staples* forneçam a base material para as mudanças na evolução das relações sociais, são as mudanças posteriores geradas pelos conflitos entre classes sociais já estabelecidas e as emergentes que são os fatores mais relevantes na determinação do desenvolvimento. O ponto central de sua análise está relacionado com a mudança na estrutura de classes e os eventos políticos que refletem as mudanças no balanço de poder entre classes sociais. O aumento da demanda dos Estados Unidos pelos produtos primários canadenses e as disputas tarifárias adquirem papel secundário em sua análise.

De acordo com Pomfret (1981, p.39-40):

Para Ryerson, as datas mais importantes da história econômica canadense no século XIX não estão relacionadas a mudanças nas tarifas sobre a madeira ou na demanda americana, mas com os estágios da Revolução Burguesa. A indústria de madeira foi importante para o estímulo da indústria nascente e para a criação do trabalho assalariado, atividades relacionadas à madeira, especialmente serrarias e construção naval, estiveram na vanguarda do desenvolvimento industrial entre 1825 e 1840 e os navios de madeira em retorno proporcionaram transporte barato para os imigrantes. Mas havia também outros fatores. O início da industrialização também foi estimulada pelas inovações tecnológicas da Revolução Industrial Inglesa e pela crescente demanda doméstica que levou ao surgimento de indústrias de pequena escala voltadas a produção de bens de consumo em áreas mais férteis como o Richelieu Valley. As novas atividades levaram à emergência de novas classes, e foram estas classes que forneceram a pressão para mudanças políticas.⁸

⁸ For Ryerson, the important dates in nineteenth-century Canadian economic history are not related to changes in British timber tariffs or American demand, but the stages of the bourgeois revolution. The timber industry was important as one of the stimuli to early industry and the creation of wage labour; timber-related activities, especially sawmills and shipbuilding, were in the vanguard of industrial development during 1825 to 1840, and returning lumber ships provided cheap transport for immigrants. But there were other factors too. Early industry was also stimulated by the technological innovations of the British industrial revolution and by the increasing domestic demand which led to the development of small-scale consumer goods industries in more fertile areas like the Richelieu Valley. The new activities led to the emergence of new classes, and it was these classes which provided the pressure for political changes.

A implantação do sistema fabril no Canadá na década de 1840 e o desenvolvimento das indústrias posteriormente foram acelerados pela construção de ferrovias, que necessitavam de grandes volumes de capitais. Estes eram obtidos com financiadores, que em grande parte dos casos eram comerciantes que atuavam em conjunto com o capital externo. Surgia neste cenário uma nova oligarquia constituída por uma burguesia industrial e pelos financiadores das rodovias que buscariam representantes no governo visando à defesa de seus interesses.

Quando tomou posse o governo de Baldwin-La Fontaine em 1848, com o apoio desta nova oligarquia, ocorreu uma mudança de rumo na política canadense, seguindo a política britânica ao priorizar os interesses da burguesia industrial em detrimento dos interesses mercantilistas. O governo passou então claramente a apoiar os interesses da classe capitalista em ascensão como, por exemplo, com subsídios para a construção de ferrovias e políticas de proteção tarifárias em relação aos bens manufaturados.

A teoria de Ryerson acaba também por abordar questões relevantes sobre o desenvolvimento econômico canadense que haviam sido negligenciados pela *Staple Theory*, como o surgimento da burguesia industrial, já no século XIX, que ganharia grande destaque por atuar no setor dinâmico do início do século XX.

2.3 A ABORDAGEM DE GERSCHENKRON

Embora a análise de Gerschenkron tenha tido como objeto de estudo países como a Rússia, Bulgária e Alemanha, que eram mais atrasados economicamente do que o Canadá na fase pré-industrial, sua abordagem também tem sido utilizado para analisar esta economia, principalmente a partir da industrialização no século XX. Se por um lado, o Canadá era mais desenvolvido economicamente do que estes países, por outro, apresentava-se bastante atrás de outros que serviam como seus pontos de referência, no caso Estado Unidos e Inglaterra.

A questão central de Gerschenkron (1962) não é buscar uma explicação de por que a industrialização ocorre, mas sim entender por que esta ocorre de diferentes formas. O autor explica as variações na natureza e velocidade do

desenvolvimento industrial, levando em consideração o atraso relativo de um país quando o processo de industrialização inicia.

De acordo com Fishlow (2003), a abordagem de Gerschenkron pode ser sintetizada a partir de algumas ideias principais:

- a) O atraso em relação a outras economias cria uma tensão entre a promessa de desenvolvimento econômico que já foi atingido por estes outros países e a continuação da estagnação. Esta tensão toma uma forma política e motiva inovações institucionais, cujo produto torna-se a substituição apropriada para as pré-condições, até então ausentes para o crescimento econômico;
- b) Quanto maior é o nível de atraso econômico, maior terá que ser a intervenção do Estado na economia de mercado para canalizar capital e lideranças empresariais para as indústrias nascentes. Também terão que ser abrangentes e coercitivos os métodos utilizados para a redução do consumo doméstico e aumento da poupança nacional;
- c) Quanto mais atrasada é uma economia, mais provável é o conjunto de características adicionais: uma ênfase na produção doméstica de bens de produção ao invés de bens de consumo, o uso de métodos intensivos em capital ao invés de métodos intensivos em trabalho;
- d) Preponderância da produção em grande escala, tanto nas firmas como nas plantas individuais;
- e) Dependência do capital estrangeiro;
- f) Dependência de tecnologias avançadas vindas do exterior ao invés da utilização de técnicas desenvolvidas localmente;
- g) Quanto mais atrasado é o país, menos provável será que o setor agrícola forneça um mercado crescente para a indústria e mais dependente ficará a indústria dos ganhos de produtividade e das vendas intraindustriais para sua expansão. Este crescimento desequilibrado poderia ser possível com a intervenção do Estado na economia.

Várias das características apresentadas por Gerschenkron podem ser observadas no processo de industrialização canadense e pode-se observar a presença americana neste processo, mais notadamente em relação à dependência

de tecnologias mais avançadas que eram levadas pelos industriais americanos para suas filiais instaladas no território canadense e o papel desempenhado pelo capital estrangeiro através dos investimentos diretos estrangeiros (preponderantemente americano).

2.4 RELEVÂNCIA DAS ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CANADENSE

Indiscutivelmente, nenhuma teoria causou tanto impacto na análise do desenvolvimento econômico canadense como a *Staple Theory*, embora seja argumento recorrente na literatura sobre o tema de que esta possui relevância apenas parcial desde a metade do século XIX com a industrialização deste país e a diversificação de seus produtos de exportação. Trabalhos mais recentes, como os de George (1968) e Nelles (1974) têm tentado demonstrar suas inconsistências, porém geralmente falham ao não conseguirem apresentar uma explicação geral para o desenvolvimento econômico.

De fato, todas as abordagens aqui apresentadas apresentam falhas, seja por não serem completas ou por não poderem ser aplicadas a determinados períodos históricos, porém ainda são consideradas as teorias com maior poder de explicação sobre a realidade canadense.

Até o século XIX, a abordagem da *Staple Theory* apresenta forte poder explicativo. O comércio de peles dominou a economia canadense do início do século XVII até o final do século XVIII e o crescimento econômico ficou condicionado a este produto. As características de alta especialização e baixo crescimento populacional foram interrompidas neste período apenas por fatores exógenos. Os assentamentos na fronteira e os efeitos migratórios gerados pela Independência Americana trouxeram como efeito a substituição das peles pela madeira como principal produto de exportação no leste e centro do Canadá. No entanto, a oeste, o comércio de peles manteve-se preponderante até a corrida do ouro em 1858 em British Columbia.

As características econômicas do comércio de madeira explicam o crescimento econômico do período 1820-1851. Os navios que levavam a madeira

canadense quando retornavam à província podiam trazer imigrantes, o que reduziu sensivelmente os custos de migração para o Canadá e um rápido crescimento populacional. Neste período ocorreu um forte crescimento econômico, porém o comércio de madeira tinha poucos efeitos sobre outros setores da economia, à exceção da indústria naval e das serrarias.

No início da segunda metade do século XIX começou um processo de maior diversificação da economia que aliada ao aumento populacional geraram significantes mudanças econômicas e políticas na então Província do Canadá. As mudanças ocorridas neste período foram descritas por Ryerson (1968) como a revolução burguesa no Canadá ou como a revolução industrial canadense.

A década de 1860, como visto acima, caracteriza-se por ser o primeiro período de rápido crescimento industrial e de adoção de tecnologias modernas em escala significativa e o desenvolvimento industrial a partir de então passa a ser fortemente influenciado pela capacidade canadense de associação com economias mais avançadas, notadamente a inglesa e a americana. Neste momento, a abordagem de Gerschenkron ganha relevância, pois as tecnologias de produção adotadas já se encontravam em elevado estágio de desenvolvimento. Em 1880, já eram predominantes as grandes unidades de produção e os problemas causados pelo pequeno mercado consumidor de certa forma eram resolvidos através de fusões e formação de cartéis. A industrialização também trouxe o aumento da dependência do capital estrangeiro que era predominantemente inglês até o final do século XIX, mas que passa a ser preponderantemente americano no século XX.

No pós 1850, a atividade industrial ganhou importância relativa e esta veio acompanhada pela urbanização e pelo aumento das desigualdades regionais geradas pela concentração geográfica desta atividade, porém os recursos naturais continuaram desempenhando papel fundamental o que tornou esta economia mais sensível às mudanças nas demandas externas e mais instáveis do que a maioria das outras economias industrializadas.

Como pode ser observado, todas as abordagens aqui discutidas possuem importância no entendimento do desenvolvimento econômico canadense, porém nenhuma delas parece capaz de fornecer uma explicação completa a respeito deste desenvolvimento. De fato, em momentos históricos distintos estas possuíram maior ou menor relevância e até hoje apresentam um certo grau de complementaridade .

3 CONFEDERAÇÃO, PROTECIONISMO E INVESTIMENTOS AMERICANOS (1867-1945)

3.1 O CANADÁ ANTES DE 1867

O Canadá, desde o início de sua história, tem sido uma economia vulnerável, exposta às pressões e estímulos de nações mais avançadas. Durante a maior parte de sua história, a economia canadense pode ser descrita como uma extensão da economia europeia, não sendo possível estudar o desenvolvimento desta economia de forma isolada em relação à Europa e ao restante da América do Norte (AITKEN; EASTERBROOK, 1956). O início da história marítima canadense faz parte da própria história das rivalidades imperialistas dos Estados-nação da Europa: França, Espanha, Portugal e Grã-Bretanha. A costa do Pacífico foi objeto da rivalidade comercial e imperial intensa entre a Rússia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. As pradarias ocidentais, por sua vez, através da produção de trigo, serviram como monocultura de exportação para as economias industrializadas da Europa Ocidental (AITKEN, 1959).

Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Holanda tiveram um papel primordial nas atividades coloniais e comerciais com o Novo Mundo. Destes países, a Inglaterra e a França desempenharam o papel mais importante em relação ao desenvolvimento da economia canadense, cabendo também um pequeno destaque a Espanha que concentrou alguma atenção em áreas que hoje fazem parte do sul do Canadá.

O início do desenvolvimento da economia canadense ocorreu, de forma incontestável, a partir das demandas geradas pelos países centrais da Europa por suas riquezas naturais. De acordo com Wallace (1948, p.153):

Era como um local de pesca que o Canadá foi abordado inicialmente pelos europeus. As águas extremamente produtivas das costas foram visitadas por franceses e portugueses na primeira metade do século dezesseis. Os pescadores ingleses, que desenvolveram a técnica de pesca seca estabeleceram-se firmemente na Península de Avalon em Newfoundland na segunda metade do século; sua pesca expandiu-se com o aumento do preço do produto importado pela Espanha e pelo colapso da pescaria espanhola. A participação francesa na pesca seca necessitava de uma

penetração em regiões mais distantes do Canso e Gaspé, e o comércio de peles teve seu início quando os pescadores encontraram os índios do St. Lawrence e seus afluentes.⁹

Produtos como peles, peixes e madeiras tornaram-se os maiores geradores de renda chamando a atenção dos países europeus para sua exploração. Durante o longo período em que o Canadá manteve-se como um mero exportador de matérias-primas para regiões mais avançadas da Europa entre os séculos XVI e XIX, os fundamentos de seu crescimento econômico estiveram limitados a estas exportações, as técnicas trazidas ou desenvolvidas para sua exploração e ao surgimento de instituições necessárias para a manutenção de um modelo econômico fundado na exportação de matérias-primas.

3.1.1 A Colonização Francesa

O interesse econômico da França no Canadá deu-se inicialmente a partir da grande quantidade de peles que podiam ser exportadas para o mercado de chapéus de pele de castor e pela possibilidade de monopolizar sua exploração, situação esta facilitada pela demanda existente por parte dos índios locais de produtos como ferro e pólvora e pela possibilidade de troca das peles pelos produtos trazidos da Europa. No entanto, o apoio holandês dado aos Iroqueses¹⁰, suas incursões nos territórios onde era feita a exploração de peles e o praticamente extermínio dos Hurons¹¹ pelos mesmos, fizeram com que o comércio de peles decaísse no século XVII e o processo de colonização ficasse prejudicado.

⁹ It was as a fishing ground that Canada was first approached by Europeans. The enormously productive waters of the coasts were visited by French and Portuguese in the first half of the sixteenth century. English fishermen, developed the dry fishery, and established themselves securely on the Avalon peninsula of Newfoundland in the second half of the century; their fishery expanded as prices rose in Spain and the collapse of the Spain fishery. French participation in the dry fishery necessitated penetration to the more distant regions of Canso and Gaspé, and the fur-trade had its beginning when the fishermen met Indians of the St. Lawrence and its tributaries.

¹⁰ Grupo de nativos norte-americanos que viviam em torno da região dos Grandes Lagos, primariamente no sul de Ontário e no nordeste dos Estados Unidos.

¹¹ Confederação de cinco tribos localizadas no norte do condado de Simco e, Ontário e no centro e norte do Quebec.

Em 1663, Louis XIV revogou a Carta da Companhia da Nova França¹² e passou a governar diretamente a colônia. Para restabelecer a exploração do Canadá, Luís XIV encaminhou a colônia o *Carignan Saliers Regiment*¹³, que conseguiu vencer os Iroqueses assim como assentar colonos nas terras ao longo do Richelieu.

De acordo com Wallace (1948, p.154):

Imigrantes foram enviados em grande número e senhorios foram generosamente concedidos. A igreja e os senhores feudais prescreveram um padrão para a vida dos habitantes, o comércio de peles chamou os homens para a floresta, já agricultura, prejudicada pelo clima e pela dificuldade de desmatamento, progrediu lentamente. O cultivo do trigo ocorreu em pequena escala e de forma incerta, poucas cabeças de gado foram mantidas e a colônia ficou fortemente dependente dos bens e mesmo da comida francesa.¹⁴

Ocorreu uma penetração dos comerciantes franceses para o interior da colônia devido ao aumento da população neste período, assim como o restabelecimento da rota para o oeste destruída pelos Iroqueses e a construção de fortes ao longo dos Grandes Lagos e o Niágara.

Após o Tratado de Utrecht¹⁵, os ingleses obtiveram acesso a Oswego, no Lago Ontário no sul da colônia e transporte barato para Hudson Bay, no norte, fazendo com que os franceses se deslocassem mais para oeste por Kaministikwi; por um novo caminho que conduzia ao Lago Winnipeg e a Saskatchewan. A nova área a ser explorada era abundante em peles, mas a distância em relação a Montreal aumentou fortemente os custos de transporte que junto com as despesas de guerra levaram ao colapso da colônia francesa e o domínio inglês neste país.

¹² Companhia criada visando assegurar o poder real sobre as possessões francesas. Com este objetivo foi dado o monopólio sobre a Nova França a um restrito grupo de aristocratas próximos ao Rei.

¹³ Regimento de 1100 homens enviado pela França em junho de 1665 para conter os ataques dos Iroqueses em assentamentos Franceses no Canadá.

¹⁴ Immigrants were sent out in numbers, and seigniories were liberally granted. The church and the seigniors prescribed a feudal pattern for the life of the habitants, and the fur-trade drew men to the woods, so that agriculture, handicapped by climate and difficulties of clearing, progressed slowly. Wheat crops were small and uncertain few cattle were kept; and the colony was closely dependent upon France for goods and even for food.

¹⁵ Tratado pelo qual a luta entre Grã-Bretanha e França conhecida na Europa como a Guerra da Sucessão Espanhola e nos Estados Unidos como a Guerra da Rainha Anne chegou ao fim em 1713. Com este Tratado a França cedeu às reivindicações inglesas em relação aos territórios de Hudson Bay, Acádia e Newfoundland.

3.1.2 A Colonização Inglesa

As mudanças ocorridas a partir do domínio inglês na colônia logo foram sentidas com a inclusão do Canadá nos mercados do então Império Britânico. Observou-se um rápido desenvolvimento do comércio, das técnicas de produção agrícola e da infraestrutura local com a construção de novas estradas.

Após o Tratado de Versalhes em 1783, um número expressivo de imigrantes desembarcaram na Nova Escócia e em New Brunswick. Para que isto fosse possível foram fornecidas terras e suprimentos de forma gratuita, porém a atividade agrícola permaneceu tendo um papel secundário nestes locais, nos quais continuaram preponderando a pesca (Nova Escócia) e a exploração de madeira (New Brunswick). Ambos os produtos foram exportados para as Índias Ocidentais, porém sofriam forte concorrência dos americanos. Com a Guerra de 1812¹⁶, ocorreu o fechamento da *British West Indies* aos navios americanos, trazendo como consequência um aumento de importância da Nova Escócia como exportadora de peixe. Já o Tratado de 1818¹⁷, restringiu a pesca da Nova Inglaterra em águas britânicas.

Assim como já havia ocorrido anteriormente em New Brunswick, no início do século XIX, a atividade madeireira ganha força no vale de Ottawa e a madeira de pinho passa a ser o principal produto de exportação das colônias. Na Nova Escócia, pesca e navegação continuavam sendo as atividades principais. A Baía de Fundy tornou-se importante com a diversificação da pesca, assim como a Baía de Chaleur e o Golfo de St. Lawrence com a produção de bacalhau. As Índias Ocidentais constituíram-se em grande mercado para a exportação de peixes, principalmente até 1830 quando iniciou a concorrência por este mercado com os Estados Unidos (WALLACE, 1948).

Nesta época, as florestas americanas estavam sendo destruídas devido ao aumento populacional e um novo mercado para exportação de madeiras estava se abrindo para as colônias do norte. As então colônias de New Brunswick e Canadá

¹⁶ Conflito militar entre o Império Britânico e os Estados Unidos que perdurou até 1815. Várias razões podem ser citadas para a guerra, sendo que as principais foram as restrições comerciais impostas aos Estados Unidos devido à guerra entre Grã-Bretanha e França e o apoio britânico às tribos indígenas americanas contra a expansão norte-americana.

¹⁷ Tratado entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha que resolveu questões referentes à delimitação de fronteiras entre os Estados Unidos e a América do Norte Britânica (Canadá).

passaram a receber um grande numero de imigrantes principalmente nos anos de 1830 e 1840.

No entanto, as epidemias de cólera de 1832 e 1834, trazidas nos navios pelos imigrantes, espalharam-se rapidamente pelas colônias, fazendo com que houvesse resistência à imigração no sul do país. Já no norte, os imigrantes continuaram sendo bem vindos até 1847 quando da chegada de grande quantidade de irlandeses famintos vítimas da fome das batatas¹⁸. A partir deste episódio foram criadas restrições a imigração para o norte do Canadá.

A imigração acentuou os problemas de distribuição de terras. O tamanho das áreas de terra concedidas foram reduzidas a cerca de 100 acres após 1815. O cultivo era pobre, a produção de trigo era impiedosamente explorada sem respeitar a rotação de culturas, mas o solo virgem do Upper Canadá era bastante produtivo e os colonos logo tiveram lucros com suas plantações.

As exportações de trigo e farinha foram prejudicadas não apenas pelos custos de transporte para a Inglaterra, mas também pela abolição das *Corn Laws*, em 1846, que previam preferências comerciais com as colônias. Não obstante, a conclusão dos canais de St. Lawrence e a construção de ferrovias na década de 1850 fizeram com que a exportação de farinha e trigo fosse expandida rapidamente. O comércio permanecia restrito aos navios britânicos, à exceção dos Grandes Lagos e do St. Lawrence. O contrabando na extensa fronteira livre com os Estados Unidos também era característica da época, principalmente de produtos como chá e açúcar.

A construção naval, a pesca e a extração de madeira continuaram como atividades centrais da economia nas províncias marítimas até os anos de 1850, mas a introdução de ferrovias e o navio a vapor acarretaram em seu declínio.

Os problemas financeiros trazidos pela construção das ferrovias aliados ao declínio da indústria de construção de navios de madeira contribuíram de forma decisiva para a Confederação.

A economia, que até então tinha se aproveitado de suas florestas e rios para centrar suas atenções na pesca e exportação de madeiras abria espaço para a exploração de novos produtos como o carvão e ferro. Em 1856 deixou de vigorar o monopólio da *General Mining Association* e o Tratado de Reciprocidade com os

¹⁸ Na década de 1840, um fungo atacou as plantações da Irlanda. Este episódio ficou conhecido como a praga da batata, que provocou um dos maiores surtos de fome na Europa moderna, matando milhares de irlandeses e obrigando muitos sobreviventes a emigrar para países do além-mar, entre eles o Canadá.

Estados Unidos em 1854, abriu o mercado americano para o carvão da Nova Escócia. As minas de Cape Breton passaram a encaminhar o carvão para Montreal pela ferrovia intercolonial e pelos canais do St. Lawrence.

Nos anos que antecederam à Confederação, o domínio das atividades de mineração, pesca e extração de madeira conferiram à agricultura um papel secundário no desenvolvimento das Colônias Inglesas da América do Norte. A ampliação das ferrovias possibilitaria a integração das colônias e um novo cenário econômico no qual a influência americana sobre o desenvolvimento econômico canadense se sobreporia à influência inglesa estava prestes a ser iniciado.

3.1.3 O Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos

As atividades econômicas das Colônias Britânicas da América do Norte na primeira metade do século XIX constituem-se basicamente na produção de matérias-primas destinadas à exportação para a Inglaterra. O sistema de tarifas preferenciais permitia às colônias superar os obstáculos geográficos para a exportação dos produtos e conseguia tornar atrativos investimentos e imigração para as colônias. Porém, quando em 1846, a Inglaterra abandona o sistema de tarifas preferenciais, as relações entre o país central e as colônias sofrem importantes alterações e as colônias passam a ter que buscar alternativas de sobrevivência sem os privilégios tarifários.

Neste novo contexto, fazia-se necessária uma nova estratégia que possibilitasse a venda dos produtos da colônia, assim como a obtenção de recursos necessários para sua sobrevivência e crescimento. Adotou-se então, a estratégia de construção de ferrovias, que teriam por objetivo diminuir os custos de transporte pelo St. Lawrence e para tornar os portos das províncias marítimas em alternativa para o comércio ocidental. Além disso, o sistema de tarifas era utilizado como instrumento de barganha para assegurar o acesso ao mercado americano, como forma de garantir receitas ao governo e eventualmente como instrumento de proteção à frágil indústria local. No entanto, a perda de privilégios com a Inglaterra e a necessidade de obtenção de acesso ao mercado americano como forma de garantir as exportações necessárias para a manutenção das colônias, logo levaram a tentativa

de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, o que de fato ocorreu em 1854.

O Tratado de Reciprocidade de 1854 constitui-se em um marco na relação entre os Estados Unidos e o Canadá (Colônias Britânicas da América do Norte), pois é considerado o primeiro acordo de livre comércio entre os dois países. Este tinha por objetivo criar na América do Norte uma área de mercado único, que pudesse abranger distintas jurisdições nas quais produtos específicos pudessem ser trocados livremente e diante do cenário da época era vista pelo Canadá como uma das únicas alternativas viáveis que não a anexação ao país do sul.

Como observam Aitken e Easterbrook (1956, p.362):

Os homens de negócios canadenses estavam entre os primeiros a defender a ideia da reciprocidade, divulgá-la e convertê-la em um dos objetivos da política de governo. Os argumentos que eles usavam eram simples. As Colônias Britânicas da América do Norte se quisessem encontrar mercados para suas exportações teriam que buscar algum substituto para o sistema de preferências imperiais que neste momento estava desaparecendo. Seguir o país natal na adoção unilateral do livre comércio não era politicamente possível nem economicamente desejável, considerando os interesses da agricultura canadense. Ir para o outro extremo e buscar a união política e econômica com os Estados Unidos implicaria no sacrifício de uma série de importantes instituições e tradições, entre elas o incipiente senso de identidade nacional e a tradição de lealdade à Grã-Bretanha. Mas não existiria um caminho intermediário? Não seria possível obter algumas vantagens econômicas com os Estados Unidos sem perder a independência política ou a integridade cultural? Isto não poderia ser feito através de um processo de redução recíproca ou abolição de tarifas ou pela eliminação por cada um dos países dos impostos aduaneiros na importação dos produtos naturais do outro?¹⁹

Neste período, já havia consenso entre os políticos britânicos de que seria inevitável a perda das Colônias Norte Americanas. No entanto, a perda das colônias, não significava que seria interessante para as colônias serem anexadas pelos Estados Unidos, uma nação que já nesta época demonstrava seu apetite pela

¹⁹ Business men were among the first to seize upon the idea of reciprocity, publicize it, and convert it into an objective of government policy. The arguments they used were simple. The British colonies in North America, if they were to find markets for their exports, had to devise some substitute for the system of imperial preferences which was now disappearing. To follow the mother country in its unilateral adoption of free trade was neither economically desirable nor, considering the strength of the farming interest in Canada, politically possible. To run to the other extreme and seek entail the sacrifice of a host of valued institutions and traditions, not least among them incipient sense of national identity and the tradition of loyalty to Britain. But was there not a middle way? Was it not possible to attain some of the economic advantages of union with the United States without loss of political independence or cultural integrity? Could this not be brought about by a process of reciprocal reductions or abolitions of tariffs, as for instance by the removal by each participating country of all customs duties on imports of natural products from the others?.

anexação de outros territórios como tinha ficado demonstrado em relação ao Texas e o Oregon. A Reciprocidade então parecia ser um ótimo instrumento para satisfazer os interesses canadenses (AITKEN; EASTERBROOK, 1956).

No entanto aprovar a ideia da Reciprocidade nos Estados Unidos parecia ser uma tarefa bem mais complicada. Em questões tarifárias, as regiões Norte e Sul costumavam possuir posições opostas. O Sul, caracterizado por ser uma economia de escravidão, defendia tarifas mais baixas com o objetivo de adquirir produtos do exterior com preços mais baixos e assim poder reduzir o custo de produção para as suas exportações. Já o norte, onde predominavam as pequenas fazendas e fábricas, tinha como uma de suas características o forte protecionismo.

Mesmo com todas as disputas internas americanas pró e anti-protecionistas o Tratado de Reciprocidade foi assinado em Junho de 1854 e aprovado pelo Senado Americano em agosto daquele ano. A Grã-Bretanha, Canadá, Nova Escócia, New Brunswick e Newfoundland também aprovaram o Tratado naquele período e este entrou em vigência ainda naquele ano.

As principais disposições do Tratado podem ser assim sintetizadas:

- a) As taxas de importação foram abolidas em uma grande quantidade de produtos naturais, entre os principais podem ser citados: grãos, farinha de trigo, peixes, gado, carvão e madeira.
- b) Os pescadores americanos passaram a ter livre acesso à pescaria costeira das Colônias Britânicas. Os pescadores das Colônias Britânicas receberam uma autorização similar na costa americana ao norte do paralelo 36;
- c) As embarcações americanas foram autorizadas a utilizar o St. Lawrence e outros canais canadenses em igualdade de condições com a Grã-Bretanha. Da mesma forma os Estados Unidos concederam as mesmas autorizações em relação ao Lago Michigan.

As colônias de Newfoundland, New Brunswick e Nova Escócia obtiveram vantagens com o Tratado, pois o peixe produzido passou a entrar livremente no mercado americano. Além disto, Newfoundland e a província do Canadá foram beneficiadas pela retirada das taxas alfandegárias sobre a exportação de madeiras.

As relações comerciais entre as colônias e os Estados Unidos cresceram acentuadamente com a aprovação do Tratado, embora outros fatores como a

Guerra Civil Americana e as ferrovias canadenses também tenham tido um forte impacto sobre esta aceleração (MASTERS, 1963).

No Tratado estava previsto que este permaneceria em vigência por dez anos, e que após este prazo poderia ser rescindido por qualquer uma das partes com um aviso prévio de doze meses, o que de fato ocorreu em 1866 por iniciativa dos Estados Unidos que frequentemente alegava estar sendo prejudicado por cláusulas do acordo. Após a rescisão do Tratado de Reciprocidade, outras tentativas de acordos semelhantes foram tentadas pelos canadenses e americanos, porém sem êxito. Destacam-se entre estas tentativas o fracasso em tornar a reciprocidade mais ampla no Tratado de Washington (1871), a “*commercialunion*” rejeitada pelos próprios canadenses nas eleições de 1891 e o *Reciprocity Agreement* de 1911, também aprovado pelo Congresso Americano, mas rejeitado pelo Canadá. Passadas estas tentativas, os acordos de reciprocidade perderam importância nas relações entre estes países, mesmo que outros acordos mais restritos tenham sido aprovados em 1935 e 1938. Acordos amplos e bilaterais de livre comércio ganhariam força novamente apenas em 1965 com o *Auto Pact*.

3.2 A CONFEDERAÇÃO

O termo confederação é utilizado para descrever o processo que uniu as Colônias Britânicas da América do Norte (Nova Escócia, New Brunswick e Canadá), em 1º de julho de 1867, sob o novo nome de Domínio do Canadá. Logo o Domínio do Canadá expandiu-se com a incorporação de Manitoba (1870), British Columbia (1871), Prince Edward Island (1873) e finalmente Newfoundland (1949).

Vários fatores internos e externos contribuíram para a formação da Confederação, sendo alguns destes ligados diretamente aos Estados Unidos e ao temor da anexação das colônias a este país.

Como fatores internos pode-se destacar:

- a) Impasses gerados pela estrutura política da época;
- b) O nacionalismo econômico,

- c) O cancelamento do Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos em 1865, motivado principalmente por uma retaliação dos Estados Unidos à Grã-Bretanha pelo apoio ao Sul na Guerra Civil Americana;
- d) A construção de uma ferrovia intercolonial que poderia favorecer o comércio e o transporte em geral entre estas regiões.
- e) Como fatores externos mais relevantes podem ser citados:
- f) A doutrina americana do Destino Manifesto e a consequente possível invasão americana;
- g) A Guerra Civil Americana e suas retaliações ao Canadá;
- h) A criação da nova política colonial Britânica em que a Inglaterra manifestava não ter mais interesse em manter tropas em suas colônias.

A aprovação do *British North American Act (BNA Act)*, em 29 de março de 1867, foi o último passo para a criação da Confederação. Nesta ocasião, a Rainha Victória proclama: “Ordenamos e declaramos que a partir do dia 1º de julho de 1867, as Províncias do Canadá, Nova Escócia e New Brunswick devem formar apenas um Domínio com o nome de Canadá” (BOUSFIELD; GARRY, 1991, p.17).

Esta lei que uniu a Província do Canadá com as colônias da Nova Escócia e New Brunswick substituiu a *Act Union* de 1840 que havia unificado o Canadá superior e inferior. Novas províncias foram estabelecidas com os nomes de Ontário e Quebec.

A Confederação Canadense surge não apenas como uma resposta à possível anexação destes territórios pelos Estados Unidos, mas também pelas tensões entre Inglaterra e Estados Unidos e suas repercussões sobre o Canadá, como pode ser observado no discurso feito por John Macdonald (que tornou-se Primeiro Ministro em 1867 com a Confederação) no parlamento canadense em fevereiro de 1865:

Se não estamos cegos em relação à nossa posição atual, devemos ver a situação perigosa em que os grandes interesses do Canadá estão em relação aos Estados Unidos. Não sou alarmista e não acredito na perspectiva de uma guerra imediata. Acredito que o senso comum das duas nações evitará uma guerra, embora não possamos confiar em probabilidades [...] Sabemos que os Estados Unidos, neste momento estão engajados em uma guerra de enormes dimensões: a possibilidade de uma guerra com a Grã-Bretanha surge e pode ressurgir a qualquer momento. Não podemos prever o resultado, mas um conflito entre as duas nações pode ocorrer assim como ocorreram entre outras nações. Seria então tarde demais, uma vez começado, pensar em nosso fortalecimento ou iniciarmos as negociações

para uma união com as províncias irmãs. Neste momento, em consequência do mal-estar das relações entre Inglaterra e Estados Unidos e certos de que o Canadá não foi nem a causa e nem a consequência do infeliz estado das coisas neste continente, arcaremos provavelmente com as consequências com o provável termino do Tratado de Reciprocidade. Por outro lado, nosso comércio é prejudicado pelo sistema de passaporte e a qualquer momento podemos ser privados da autorização de transportar nossas mercadorias através dos canais americanos[...] Nossos comerciantes podem ser obrigados a voltar ao sistema antigo de trazer apenas no verão todos os produtos necessários para o ano todo. Se não tomarmos as devidas precauções agora e diante de um cenário ameaçador, nossas relações comerciais e políticas poderão ser destruídas e enquanto uma avenida parece estar se fechando, outra pode estar se abrindo. Podemos obter vantagens do presente desejo das províncias em construir fortes alianças, caso contrário poderemos sofrer desvantagens comerciais e políticas que demorarão muito tempo para serem revertidas (MACDONALD, 1865).²⁰

Também fica claro no discurso de Macdonald, os valores distintos existentes entre os líderes das duas sociedades na época e a própria rejeição da Revolução Americana por estes líderes:

Ao aderir ao princípio monárquico evitamos um defeito inerente à Constituição dos Estados Unidos. Pela eleição do presidente por uma maioria e por um curto período, ele nunca é reconhecido como o soberano e chefe da nação. Ele nunca é visto por todo o povo como o principal membro da nação. Ele é na melhor das hipóteses o líder bem-sucedido de um partido. Este defeito é ainda maior por conta da prática da reeleição. Durante seu primeiro mandato, ele busca tomar medidas para garantir sua própria reeleição, e a continuação no poder de seu partido. Evitamos isso aderindo ao princípio monárquico-a soberania que respeitamos e amamos. Eu acredito que é de extrema importância que o soberano seja reconhecido para que seja colocado acima da região do partido, para que não seja

²⁰ If we are not blind to our present position we must see the hazardous situation in which all the great interests of Canada stand in respect to the United States. I am no alarmist, I do not believe in the prospect of immediate war. I believe that the common sense of the two nations will prevent a war; still we can not trust to probabilities [...] We know that the United States at this moment are engaged in a war of enormous dimensions: that the occasion of a war with Great Britain has again and again arisen and may at any time in the future again arise. We can not foresee what may be the result; we can not say but that the two nations may drift into a war as other nations have done before. It would then be too late, when war had commenced, to think of measures for strengthening ourselves or to begin negotiations for a union with the sister Provinces. At this moment, in consequence of the ill feeling which has arisen between England and the United States - a feeling of which Canada was not the cause - in consequence of the irritation which now exists owing to the unhappy state of affairs on this continent, the reciprocity treaty, it seems probable, is about to be brought to an end; our trade is hampered by the passport system, and at any moment we may be deprived of permission to carry our goods through United States channels [...] Our merchants may be obliged to return to the old system of bringing in during the summer months the supplies for the whole year. Ourselves already threatened, our trade interrupted, our intercourse, political and commercial, destroyed, if we do not take warning now when we have the opportunity, and, while one avenue is threatened to be closed, open another by taking advantage of the present arrangement and the desire of the Lower Provinces to draw closer the alliance between us, we may suffer commercial and political disadvantages it may take long for us to overcome.

levado pela ação de um partido, nem deprimido pela ação de outro; que seja o líder e soberano de todos (Macdonald, 1865).²¹

O *British North American Act* ficou longe de conceder total independência ao Canadá. Se por um lado a defesa da América do Norte Britânica passou a ser responsabilidade do Canadá, a política externa continuou sendo de responsabilidade inglesa e as alterações na Constituição do país continuavam podendo ser feitas apenas pela Inglaterra. Apenas em 1931, o Canadá conseguiu autonomia quase total em relação à Comunidade Britânica com o Estatuto de Westminster²², porém a falta de acordo entre as províncias do Canadá quanto às alterações na Constituição do país fizeram com que a autonomia constitucional canadense ocorresse apenas a partir de 1982 com o *Canadá Act*²³.

3.3 A NATIONAL POLICY

A adoção da *National Policy* visando à proteção industrial e à construção de uma ferrovia transcontinental são as principais características do novo período da história econômica canadense (AITKEN; EASTERBROOK, 1956).

Embora a *National Policy* tenha sido implementada apenas com a Confederação, a ideia de consolidação de uma nação transcontinental é anterior a este período. A própria construção de canais e ferrovias era um sinal visível da indisposição canadense em integrar-se aos Estados Unidos e uma busca de aumentar os laços com a Inglaterra.

²¹ By adhering to the monarchical principle we avoid one defect inherent in the Constitution of the United States. By the election of the president by a majority and for a short period, he never is the sovereign and chief of the nation. He is never looked up to by the whole people as the head and front of the nation. He is at best but the successful leader of a party. This defect is all the greater on account of the practice of reelection. During his first term of office he is employed in taking steps to secure his own reelection, and for his party a continuance of power. We avoid this by adhering to the monarchical principle—the sovereign whom you respect and love. I believe that it is of the most importance to have that principle recognized so that we shall have a sovereign who is placed above the region of party—to whom all parties look up; who is not elevated by the action of one party nor depressed by the action of another; who is the common head and sovereign of all.

²² Lei Britânica que esclareceu os poderes do Parlamento canadense e de seus outros domínios e concedeu às ex-colônias liberdade legal completa, exceto nas áreas que optaram por permanecer subordinadas à Grã-Bretanha.

²³ Lei do Parlamento do Reino Unido acabando com a necessidade do governo canadense solicitar autorização deste parlamento para fazer alterações em sua constituição. A lei também cancelou disposições do Estatuto de Westminster que estendiam a validade de leis britânicas ao Canadá.

Com a perda de privilégios em relação à Inglaterra, as colônias tiveram que aumentar seus esforços na busca de sua manutenção, mas isto não significava nenhum tipo de alinhamento político com os Estados Unidos. No campo econômico o fim do Tratado de Reciprocidade rompido unilateralmente pelos americanos também demonstrava a necessidade da criação de uma unidade nacional para vencer os desafios políticos e econômicos da época.

Uma vez implementada a Confederação, foi estabelecido um governo central cuja a principal responsabilidade seria a criação de unidade nacional entre as diversas e esparsas regiões das colônias. Quando a *National Policy* foi formulada em 1879, os caminhos a serem seguidos eram claros: criação de tarifas protecionistas que tinham como principal alvo os Estados Unidos, implementação da ferrovia transcontinental visando dar unidade à nação e reduzir os custos de transporte entre as colônias, política de assentamento e a promoção de imigração.

Como observam Aitken e Easterbrook (1956, p.383):

O desenvolvimento agrícola do oeste era fundamental para todo o programa e o trigo iria se tornar a nova staple básica para onde a economia transcontinental seria orientada, a forma de atração de capital e de imigrantes e para a criação de um mercado de massa para os materiais e produtos fabricados em outras regiões do Dominion. A unidade perdida em 1821 deveria ser restaurada através de um programa de planejamento nacional, em que as empresas privadas, fortemente apoiadas pelo Estado, iriam criar a estrutura da economia canadense do século XX.²⁴

Mesmo que o termo *National Policy* tenha sido utilizado com vários significados desde o programa que serviu para unificar a nação canadense, até em sentido bem restrito como um programa de proteção tarifária, fica bastante evidente que este tinha objetivos claros, assim sintetizados:

- a) Tornar a área do St. Lawrence a base da expansão continental;
- b) A busca de melhorias dos transportes como forma de obter a expansão territorial;
- c) Concentração da produção em poucas staples visando o mercado europeu;

²⁴ Agricultural development of the west was basic to the whole programme, and wheat was to become the new staple to which the transcontinental economy was geared, the means of attracting capital and immigrants and of creating a mass market for the materials and manufactured products of the other regions of the Dominion. The unity lost in 1821 was to be restored by a programme of national planning in which private enterprise, strongly backed by the state, was to create the strong thought vulnerable structure of the twentieth-century Canadian economy.

- d) Desenvolvimento de indústrias secundárias como forma de suportar o crescimento.

3.4 AS RELAÇÕES ECONÔMICAS COM OS ESTADOS UNIDOS A PARTIR DA CONFEDERAÇÃO

Desde a metade da década de 1850, as colônias enfrentavam um grave problema, ou seja, a perda de fatias consideráveis do mercado inglês a partir da revogação de privilégios relativos às preferências comerciais. Conforme observado anteriormente, o Tratado de Reciprocidade e a Guerra Civil Americana haviam trazido grandes oportunidades comerciais com o vizinho Estados Unidos. Os interesses comerciais pareciam mais promissores neste sentido do que com a própria Europa. Com a constituição do Canadá, dois objetivos eram evidentes de acordo com Firestone (1958): a criação de um grande mercado doméstico que pudesse absorver a produção industrial das províncias e a exploração dos ricos recursos naturais do interior do país. A Confederação tinha sido apenas um dos passos para a criação do Canadá, mas cabia ainda explorar as potencialidades econômicas e sociais de um país que nascia com regiões bastante distintas tanto em aspectos econômicos como culturais.

Firestone (1958) destaca quatro características do desenvolvimento econômico canadense neste período, que seriam fundamentais também para a compreensão de suas relações com os outros países, principalmente com os Estados Unidos: a vastidão do território, as limitações climáticas, as características e distribuição dos recursos naturais.

A vastidão do território criou a necessidade de grandes investimentos em transportes (principalmente ferroviários) e comunicação, visto que cerca de 80% da população vivia próximo da fronteira com os Estados Unidos, o que tornava muito mais simples a integração econômica e política e até mesmo a absorção aos Estados Unidos, do que a criação e manutenção de uma nação independente.

As limitações climáticas eram um obstáculo para a produção agrícola. Apenas no início do século XX o desenvolvimento tecnológico teria criado as condições para que a produção agrícola canadense (principalmente de trigo) atingisse escala

suficiente para se tornar uma das principais *staples* de exportação. Da mesma forma, as questões climáticas prejudicavam a colonização e mesmo a manutenção da população, em uma época em que não existiam restrições de fronteira quanto à imigração para os Estados Unidos.

Por sua vez, os recursos naturais canadenses podiam apenas ser explorados com grandes esforços, conhecimentos tecnológicos sofisticados e elevados investimentos de capital que facilitaram a participação americana neste processo.

Diante deste cenário, em que preponderaram dificuldades de transporte e de exploração de recursos naturais aliadas à baixa população e à necessidade de capital externo, mesmo com todas as tentativas protecionistas não restava outra alternativa ao Canadá se não integrar-se mais profundamente tanto em relações comerciais como de investimentos aos Estados Unidos, ficando sua prosperidade econômica severamente condicionada ao comércio externo.

Se por um lado, o comércio internacional desde período constituiu-se em um dos pilares do desenvolvimento econômico canadense, o papel desempenhado pelas exportações e importações variou durante o período. As exportações cresceram de 17,2% em 1870 para 30,4% em 1945 em relação às despesas nacionais brutas conforme tabela 1. Enquanto isso as importações canadenses mantiveram-se estáveis no mesmo período passando de 24,8% para 24,6%.

Tabela 1 - Exportação e Importação de Bens e Serviços em milhões de US\$ e em Percentual da Despesa Nacional Bruta em anos selecionados (1870-1945)

Ano	Exportação de Bens e Serviços	%	Importação de Bens e Serviços	%	Saldo Externo Líquido	%
1870	79	17,2	114	24,8	-35	-7,6
1890	110	13,4	166	20,3	-56	-6,9
1900	203	19,6	245	23,7	-42	-4,1
1910	349	16,3	626	29,3	-277	-13,0
1920	1.619	29,2	1.889	34,1	-270	-4,9
1929	1.632	26,4	1.945	31,5	-313	-5,1
1930	1.286	23,2	1.625	29,3	-339	-6,1
1933	826	23,3	828	23,3	-2	0,0
1939	1.451	25,4	1.328	23,2	123	2,2
1945	3.597	30,4	2.910	24,6	687	5,8

Fonte: Firestone (1958, p.142,143).

No período compreendido entre a Confederação e 1890, as exportações tiveram menor relevância do que em épocas posteriores, o que não deve ser interpretado como uma estagnação econômica, visto que progressos consideráveis estavam sendo obtidos em relação à urbanização e industrialização do país e estes seriam responsáveis pela aceleração do desenvolvimento já no início do século XX. Observa-se também a predominância de exportação e importação de bens e a pouca relevância dos serviços neste período conforme a tabela 2, situação esta que se inverteria no que diz respeito às importações de serviços que ganham grande destaque já a partir de 1933 quando atingem 55,6% do total de importações.

Tabela 2 - Percentual de Exportação e Importação de Bens e Serviços - Canadá em anos selecionados (1870-1945):

Ano	Exportações (%)			Importações (%)		
	Bens	Serviços	Bens e Serviços	Bens	Serviços	Bens e Serviços
1870	89,9	10,1	100	86,0	14,0	100
1890	87,3	12,7	100	69,9	30,1	100
1900	91,1	8,9	100	77,1	22,9	100
1910	85,1	14,9	100	71,9	29,1	100
1920	82,8	17,2	100	74,7	25,3	100
1929	74,4	25,6	100	65,4	34,6	100
1930	71,5	28,5	100	59,9	40,1	100
1933	74,3	25,7	100	44,4	55,6	100
1939	75,1	24,9	100	53,7	46,3	100
1945	75,4	24,6	100	49,6	50,4	100

Fonte: Firestone (1958, p.148).

A partir da confederação, muitas mudanças começaram a ocorrer tanto na estrutura como na composição do comércio exterior canadense. As mudanças internacionais de demanda alteraram não apenas os bens vendidos, mas também o destino das exportações e importações canadenses.

Como pode ser observado na tabela 3, no período compreendido entre 1870 e 1890, ocorreu um aumento das exportações de matérias-primas e produtos manufaturados, embora estes fossem de pouca complexidade como queijos, frutas secas e conservas de peixe. Este período é também marcado pelo declínio das exportações de madeira, enquanto peixes e grãos ganhavam espaço. O declínio na

exportação de madeiras estava relacionado à maior competição com os produtores do Báltico pelo mercado inglês.

Tabela 3 - Distribuição de exportações e importações em % por nível de fabricação – Canadá em anos selecionados (1870-1945)

Ano	Exportações (%)			Importações (%)		
	Matérias-primas	Parcialmente Manufaturados	Manufaturados	Matérias-primas	Parcialmente Manufaturados	Manufaturados
1870	32,9	38,5	28,6	17,6	7,5	74,9
1890	41,4	26,4	32,2	21,7	8,8	69,5
1900	41,5	17,7	40,8	24,9	10,6	64,5
1910	51,2	16,1	32,7	24,6	10,1	65,3
1920	44,1	16,3	39,6	25,0	12,2	62,8
1929	36,4	19,6	44,0	23,1	7,7	69,2
1930	37,8	17,2	45,0	23,9	7,6	68,5
1933	36,2	21,5	42,3	30,1	8,9	61,0
1939	29,6	26,7	43,7	26,7	8,8	64,5
1945	26,7	16,6	56,7	27,0	5,9	67,1

Fonte: Firestone (1958, p.156).

Apesar da mudança na composição das exportações entre 1870 e 1890, dificilmente poderia ser dito que estas teriam tornando-se mais diversificadas neste período visto que de acordo com a tabela 4, os cinco principais produtos de exportação representavam 44,8% das exportações em 1870 e 43,8% em 1890. Observa-se também que o principal destino das exportações deixou de ser os Estados Unidos que absorvia 50% das exportações em 1870 e apenas 42,7% em 1890, enquanto a Inglaterra que era responsável por adquirir 37,9% das exportações atingiu a marca de 48,3% em 1890. Ocorreu também uma maior concentração de exportações para apenas estes dois países que em conjunto importavam 87,9% dos produtos canadenses em 1870 e 91,0 % em 1890 (tabela 5).

Tabela 4 - Principais Produtos de Exportação e Importação em US\$ milhões- Canadá em anos selecionados (1870-1930)

Ano e Item	Exportações	%	Ano e Item	Importações	%
1870			1870		
Tabuas e Pranchas de madeira	13	22,5	Lã	11	13,0
Madeira	6	10,3	Algodão	9	10,7
Manteiga	3	5,2	Trigo	4	4,8
Bacalhau	2	3,4	Açúcar	3	3,6
Gado	2	3,4	Chá	3	3,6
Total	26	44,8	Total	30	35,7
1890			1890		
Tabuas e Pranchas de madeira	14	15,7	Lã	11	9,8
Queijo	10	11,2	Carvão	10	8,9
Gado	9	10,1	Algodão	8	7,1
Bacalhau	3	3,4	Açúcar	6	5,4
Madeira	3	3,4	Produtos Laminados	6	5,4
Total	39	43,8	Total	41	36,6
1910			1910		
Trigo	46	16,8	Algodão	33	7,3
Tabuas e Pranchas de madeira	22	8,0	Carvão	32	7,1
Queijo	21	7,7	Lã	26	5,7
Farinha de Trigo	14	5,1	Produtos Laminados	23	5,0
Gado	9	3,3	Açúcar	17	3,8
Total	112	40,9	Total	131	28,9
1930			1930		
Trigo	189	21,9	Carvão	57	5,6
Papel de jornal	133	15,4	Maquinaria	50	5,0
Farinha de trigo	43	5,0	Produtos laminados	47	4,6
Polpa de madeira	39	4,5	Petróleo bruto	38	3,8
Tábuas e pranchas de madeira	37	4,2	Aparelhos elétricos	30	3,0
Total	441	51,0	Total	222	22,0

Fonte: Firestone (1958, p.160).

Tabela 5 - Exportações de bens canadenses por país de destino em anos selecionados: 1870-1945 (milhões de US\$)

Ano	Estados Unidos	%	Reino Unido	%	Outros Países	%	Total	%
1870	29	50,0	22	37,9	7	12,1	58	100
1890	38	42,7	43	48,3	8	9,0	89	100
1900	68	38,4	93	52,6	16	9,0	177	100
1910	104	38,0	132	48,1	38	13,9	274	100
1920	555	43,8	341	26,9	372	29,3	1.268	100
1929	493	42,8	290	25,2	369	32,0	1.152	100
1930	373	43,2	235	27,2	256	29,6	864	100
1933	168	31,8	211	39,8	150	28,4	529	100
1939	380	41,1	328	35,5	217	23,4	925	100
1945	1.197	37,2	963	29,9	1058	32,9	3.218	100

Fonte: Firestone (1958, p.168, 169).

Já, no que diz respeito às importações, ocorre um aumento da importação de matérias-primas que passaram de 17,6% para 21,7% e uma redução na importação de produtos manufaturados que caem de 74,9% para 69,5%, conforme tabela 3. Destaca-se neste período, um aumento acentuado na compra de minerais não-metálicos, principalmente carvão que foi responsável por 8,9% das importações em 1890 devido às demandas crescentes por energia da indústria doméstica (tabela 4).

As mudanças nos fornecedores de importações para o Canadá ocorreram no sentido contrário ao das exportações. As importações provenientes dos Estados Unidos aumentaram de 32,2% para 46,4% nestes vinte anos, as importações inglesas decresceram de 57,1% para 37,5% e as importações de outros países passaram de 10,7% para 16,1% (tabela 6). A queda no volume de importações da Inglaterra está relacionada à expansão industrial canadense. Por outro lado, o aumento das importações de outros países (excluindo Estados Unidos e Inglaterra) deve-se em grande proporção ao aumento de competitividade das indústrias em outros países europeus.

Tabela 6 - Importações canadenses de bens por país de origem em anos selecionados: 1870-1945 (milhões de US\$)

Ano	Estados Unidos	%	Reino Unido	%	Outros Países	%	Total	%
1870	27	32,2	48	57,1	9	10,7	84	100
1890	52	46,4	42	37,5	18	16,1	112	100
1900	107	60,1	43	24,2	28	15,7	178	100
1910	276	60,9	110	24,3	67	14,8	453	100
1920	921	68,9	231	17,3	185	13,8	1.337	100
1929	894	68,8	195	15,0	210	16,2	1.299	100
1930	654	64,9	163	16,1	191	19,0	1.008	100
1933	217	54,2	98	24,4	86	21,4	401	100
1939	497	66,2	114	15,2	140	18,6	751	100
1945	1.202	75,8	141	8,9	243	15,3	1.586	100

Fonte: Firestone (1958, p.168, 169).

Já o período compreendido entre 1890 e 1910 foi marcado pelo sensível aumento nas exportações de trigo que não constava entre os principais produtos de exportação em 1890 e passa a ser o principal produto já em 1910, atingindo 16,8% de todas as exportações naquele ano (Tabela 4). Os motivos que levaram a esta situação estão diretamente ligados aos Estados Unidos, visto que por volta de 1900 a maior parte das áreas cultiváveis deste país já estava ocupada e a produção foi se deslocando para o oeste canadense, gerando uma rápida ocupação das pradarias e conseqüentemente, um grande crescimento no cultivo de trigo neste país. Isto fez com que a exportação de matérias-primas contribuisse em uma proporção maior de exportações em 1910 do que em 1890, respectivamente 51,2% e 41,4% (Tabela 3).

Em 1910, a Inglaterra continuava sendo o principal importador de produtos canadenses adquirindo 48,1% de seus produtos, proporção semelhante à de 1890, enquanto as importações para os Estados Unidos caíram de 42,7% para 38% (Tabela 5).

Quanto às importações, a participação americana aumentou, passando de 46,4% em 1890 para 60,9% em 1910 (Tabela 6). Ganhou maior destaque neste sentido a importação de ferro e com importância relativa menor madeira, papel e metais não ferrosos. O aumento da importação de ferro refletia as necessidades da indústria por produtos laminados e peças utilizadas na produção de bens de consumo e para equipamentos de capital.

A crescente participação americana no mercado canadense ocorreu praticamente à custa da Inglaterra. As importações feitas pelas filiais americanas de peças e materiais, assim como de bens de capital contribuíram para o aumento da importância americana como fornecedor de bens para o Canadá.

Através da política tarifária, o Canadá tentou reduzir a dependência americana incentivando importações inglesas. Em 1898 foram reduzidos em 25% os impostos sobre importações inglesas e em 1900 este percentual passou para 33,3%. No entanto, como pode ser observado na tabela 6 estas medidas não causaram o efeito desejado, pois as importações inglesas que em 1900 representavam 24,2% mantiveram-se no mesmo patamar em 1910.

O período entre 1910 e 1930 é marcado pela aceleração da industrialização canadense e pela queda no volume de exportações de matérias primas de 51,2% para 37,8%. Em compensação a exportação de produtos manufaturados passou a representar 45% de todas as exportações, um acréscimo considerável quando comparado aos 32,7% obtidos em 1910 (Tabela 3). O destino das exportações mudou substancialmente e os Estados Unidos passaram a liderar a compra de produtos canadenses já em 1920 com 43,8% contra 26,9% da Inglaterra e 29,3% de outros países, sendo que esta situação se manteve praticamente estável até 1930. Com a perda do posto de principal parceiro comercial canadense por parte dos ingleses, a década de 1920 acaba por marcar a transição da dependência em relação à Inglaterra para a dependência em relação aos Estados Unidos. Além desta transição, é importante também notar a importância crescente do Canadá no comércio mundial neste período com suas exportações para outros países (exceto Estados Unidos e Canadá) aumentando de 13,9% em 1910 para 29,6% em 1930 (Tabela 5).

Outro aspecto relevante a ser analisado neste período foram os fortes impactos causados pela I Guerra Mundial sobre o comércio exterior canadense. Se até a guerra os valores obtidos com exportações eram cerca da metade dos gastos com importações, após a I Guerra Mundial passou a ocorrer um equilíbrio na balança comercial. Esta situação deve-se principalmente ao fato de que a capacidade industrial desenvolvida durante os anos de guerra foi utilizada para produzir bens e equipamentos necessários aos aliados. Cabe destacar ainda que este aumento considerável de exportações só foi possível pelos investimentos

pesados realizados através da *National Policy* em infraestrutura principalmente na área de transportes.

Quanto às importações, observou-se uma maior participação americana em 1930 do que em 1910, respectivamente 64,9% e 60,9%, assim como de outros países (excluindo Estados Unidos e Inglaterra) que foram responsáveis por 19,0% das importações canadenses em 1930 contra 14,8% em 1910. Já os ingleses perderam participação neste período caindo de 24,3% em 1910 para 16,1% em 1930 (Tabela 6).

Os motivos que explicam o aumento da participação americana nas importações canadenses e a crescente dependência dos produtos americanos podem ser parcialmente encontrados na crescente necessidade de bens de capital e matérias-primas por parte das indústrias, que por questões de transporte e custo podiam ser mais rapidamente obtidas e de forma mais barata nos Estados Unidos. Outra questão relevante foi o aumento do padrão de vida dos canadenses e a conseqüente maior demanda por consumo de bens duráveis importados. Questões culturais e estratégias de *marketing* americanas também teriam contribuído para que os canadenses preferissem produtos americanos ao invés dos europeus. Com a implantação de filiais americanas em território canadense, também aumentaram significativamente as importações de peças e componentes necessários para a produção de bens de consumo duráveis.

No período compreendido entre 1930 até o término da II Guerra Mundial, ocorreu a continuidade e intensificação do processo de industrialização canadense. Em 1933, a Inglaterra recuperou o posto de maior importador de produtos canadenses com 39,8% das exportações daquele país, no entanto este percentual não se manteve e chegou a 29,9% em 1945. Os Estados Unidos consolidaram-se como os maiores importadores de produtos canadenses já em 1939 com 41,1%, mesmo que este valor tenha caído para 37,2% em 1945, posição esta que se mantém até os dias de hoje (Tabela 5).

Quanto às importações, consolidou-se a profunda dependência em relação aos Estados Unidos e a perda de espaço dos outros países no mercado canadense. Em 1945, as importações dos Estados Unidos já representavam 75,8% de todas as importações, um aumento de 16,79% em relação a 1930. Já a Inglaterra que era responsável por 16,1% das importações canadenses em 1930, foi responsável por apenas 8,9% dessas importações em 1945, situação esta que não foi diferente para

os demais países que respondiam por 19% das importações em 1930 e 15,3% em 1945 (Tabela 6).

Em relação aos investimentos diretos, como pode ser observado na tabela 7, em 1900 estes ainda são preponderantemente ingleses atingindo 85%. Porém, a participação inglesa vai cedendo continuamente espaço para os investimentos americanos que passam de 13,6% em 1900, para 53,2% em 1926 e chegam a 70,3% em 1945.

Tabela 7 - Investimentos Estrangeiros Diretos no Canadá em anos selecionados: (1900-1945)- (milhões de US\$)

Ano	Inglaterra	%	Estados Unidos	%	Outros Países	%	Total
1900	1.050	85,2	168	13,6	14	1,2	1.232
1910	1.958	77,4	487	19,3	84	3,3	2.529
1914	2.778	72,4	881	23,0	178	4,6	3.837
1918	2.729	60,2	1.630	35,9	177	3,9	4.536
1920	2.577	52,9	2.128	43,7	165	3,4	4.870
1926	2.637	43,9	3.196	53,2	170	2,9	6.003
1930	2.766	36,3	4.660	61,2	188	2,5	7.614
1939	2.476	35,8	4.151	60,1	286	4,1	6.913
1945	1.750	24,7	4.990	70,3	352	5,0	7.092

Fonte: Brecher e Reisman (1957, p. 88) & Firestone (1958, p. 145).

Se por um lado, os motivos da diminuição do volume de investimentos ingleses já foram explicados, caberia compreender o que teria levado a um aumento tão significativo neste período dos investimentos diretos americanos. Neste sentido, basicamente pode-se identificar que o aumento de investimentos em sua maior parte era feito com o objetivo de abastecer as matrizes americanas com matérias primas ou produtos semiprocessados. O mercado de exportação para os Estados Unidos continuava sendo o principal alvo das filiais de empresas instaladas no Canadá. Secundariamente, os investimentos diretos também visavam suprir o mercado canadense e mesmo buscar mercados externos na Europa, como por exemplo, nas indústrias do setor elétrico.

Os motivos que levaram os Estados Unidos ao aumento do volume de investimentos estavam relacionados em diversas situações ao desejo e à necessidade de garantir recursos naturais escassos aos americanos. Além disto,

pode-se considerar também os menores custos de exploração ou produção no Canadá e, em outras situações, interesses políticos e estratégicos.

Como observa Firestone (1958, p.149):

Havia uma nítida diferença no uso dos capitais obtidos com a Grã-Bretanha e Estados Unidos. O Reino Unido disponibilizou a maioria do capital utilizado na construção de ferrovias, canais, estradas e outras obras públicas no Canadá. Por outro lado, a maior parte do capital americano vinha na forma de investimentos diretos. Entre 1870 e 1887 oitenta e duas fábricas controladas ou coligadas aos americanos foram instaladas no Canadá, 48 das quais eram de propriedade direta ou controladas pelos americanos. Mais da metade dessas fábricas foram estabelecidas entre 1879 e 1883 em função do aumento das tarifas canadenses em 1879 sobre os produtos manufaturados.²⁵

No que diz respeito aos produtos manufaturados, havia diversas vantagens em instalar filiais americanas no Canadá ao invés de simplesmente exportar para este mercado, sendo que a principal eram as proteções tarifárias que dominaram o cenário econômico neste período e que perderam importância apenas após a II Guerra Mundial. Além das questões tarifárias, Brecher e Reisman (1957, p.118) destacam que:

Outros fatores influenciaram as decisões de empresas estrangeiras em instalar ou expandir suas fábricas no Canadá. Enquanto um mercado está em crescimento ou possui potencial de crescimento, de certa forma há vantagens de instalar plantas próximas ao mercado. Os custos de transporte, a adaptação dos produtos as necessidades locais, a preferência dos consumidores por produtos nacionais devem ser levados em consideração. Em alguns casos a decisão de produzir no Canadá refletia o desejo de fortalecer a posição de mercado da firma, em outros casos para se posicionar a frente dos concorrentes. A necessidade de fornecer serviços próximos ao mercado consumidor também contribuiu para a instalação de empresas no Canadá.²⁶

²⁵ There was a distinct difference in the use to which the capital funds obtained from Britain and the United States were put. The United Kingdom was the source of most of the capital used for railway construction and for the construction of canals, roads and other public works by the governments of Canada. On the other hand, the major part of American capital was in the form of direct investment. Between 1870 and 1887 eighty-two American controlled or affiliates plants are known to have been set up, forty-eight of which were owned outright or controlled by American interests. More than half of these plants were established between 1879 and 1883 following increases in 1879 in the Canadian tariffs on manufactured goods.

²⁶ Other factors which influence the decisions of foreign enterprises to locate or expand manufacturing facilities in Canada. Once a market has reached, or gives promise of reaching, a certain size, it is often advantageous to locate plant near the market. Transportation costs, product adaptation to local needs, consumer preference for domestic commodities- these and similar considerations often have to be taken into account. In some cases, a decision to locate in Canada reflects the desire to strength the firm's market position; in other cases, to enter the field as a producer ahead of competitors. The need to provide servicing facilities close to market has also been an important inducement to location of producing facilities in Canada.

Na segunda metade do século XIX eram necessários grandes volumes de capital para a implementação de projetos nacionais como as ferrovias e outras obras de infraestrutura que se tornariam essenciais para o futuro desenvolvimento das indústrias no país. Estas obras eram feitas em grande parte pela obtenção de empréstimos por parte do governo. Com o crescimento da atividade industrial no início do século XX, o setor privado ganha importância e novas formas de financiamento e outros recursos passam a ser necessárias para o desenvolvimento destas atividades.

Como observam Brecher e Reisman (1957, p.121):

Muitos investimentos canadenses exigiam não apenas elevados volumes de capital de risco, mas também tecnologia avançada e habilidades empreendedoras e de gestão, um mercado de exportação que pudesse absorver grande parte de sua produção além da eficiência e segurança associadas às empresas verticalmente integradas. Nos últimos anos o Canadá tem obtido sucesso no cumprimento destes requisitos sem utilizar seus próprios recursos. O fato é que as empresas estrangeiras, principalmente as dos Estados Unidos possuem muito mais de todos estes recursos. O que o Canadá necessita é um pacote indivisível de dinheiro, tecnologia, habilidades e mercados. É este tipo de pacote que os não-residentes disponibilizaram, realizando tarefas vitais que os canadenses poderiam fazer porém de forma menos eficiente ou que só poderiam fazer depois de um determinado tempo.²⁷

Assim, cada vez mais o espaço para os investimentos americanos no país se consolidava e os desdobramentos do pós II Guerra Mundial trariam um novo cenário *no qual* a dependência em relação aos Estados Unidos atingiria novos patamares e as políticas protecionistas perderiam espaço em prol de um modelo mais identificado com os interesses americanos.

²⁷ Many Canadian investment undertakings require not only substantial outlays, but also an advanced technology, specialized entrepreneurial and managerial skills, an assured export market for a large part of the output, and the efficiency and security associated with vertically integrated enterprises. Here again Canada has, in recent years, made significant progress in meeting these requirements out of its own resources. The fact is, however, that foreign enterprises, particularly from the United States, have much more of all these facilities at their command. In effect, then, what Canada has required, especially in the course of her recent economic development, is an indivisible package of money, technology, skills and markets. It is this kind of package which non-residents have provided, thereby performing vital tasks which Canadians alone could either less efficiently, more slowly or in some cases perhaps not for a very long time to come.

4 PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DO PROTECIONISMO AO APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS (1945-2010)

4.1 O CENÁRIO DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Como foi visto anteriormente, os primeiros 170 anos após a Independência dos Estados Unidos foram marcados por relações econômicas e políticas tensas entre os dois países. A manutenção da lealdade ao Império Britânico e a consequente rejeição da Revolução Americana, o receio de uma anexação do território pelos Estados Unidos, o protecionismo econômico e a criação de instituições e de um modelo de economia no qual o Estado desempenhava um papel muito mais ativo do que no do país do sul mostravam algumas das fortes divergências entre os dois países. Se por um lado ficou claro que no início do século XX o Canadá já se tornava extremamente dependente do país vizinho tanto no que concerne às relações comerciais como nas relações de investimento, por outro, era também notória a tentativa canadense de se manter independente e autônomo como país.

No entanto, o pós II Guerra Mundial traz uma mudança significativa nas relações econômicas e políticas entre os países. O novo cenário é intensificado a partir de 1948 com o advento da Guerra Fria. A notória fraqueza econômica inglesa do pós-guerra criou um novo cenário para o Triângulo do Atlântico Norte e o Canadá perdeu o contrapeso representado pela Inglaterra no que diz respeito às relações com os Estados Unidos. No espectro político, a luta contra o comunismo forçou ainda mais uma aproximação com os Estados Unidos visto que a ameaça bélica russa tornou o Canadá indispensável para os planos de defesa americanos. No campo econômico, acordos buscando a produção compartilhada no setor de defesa e a necessidade americana por matérias-primas encorajaram ainda mais a integração econômica. Como observam Thompson e Randhall (2008, p.184) “Durante a década de 1950, o Canadá tornou-se uma parte integral do novo Império Americano, mais integral como diriam os nacionalistas, do que tinha sido no antigo Império Britânico”.

Até o início da década de 1940, o Canadá possuía *superávit* na balança comercial com os países europeus o que acabava por compensar os constantes *déficits* comerciais com os Estados Unidos. No pós II Guerra Mundial, a crise econômica da Europa Ocidental fez com que as importações de peixes, madeira e grãos fossem reduzidas em um momento em que a demanda por importação de bens de consumo americanos era crescente. Já em 1946, o governo canadense encontrou-se diante de uma situação de forte escassez de dólares para pagar suas dívidas com os Estados Unidos. Em novembro de 1947, o governo viu-se obrigado a impor controles emergenciais às importações e à saída de dólares do país. Mas, além das medidas emergenciais, soluções de longo prazo também passaram a ser buscadas e uma destas soluções foi a assinatura do GATT (*General Agreement on Tariffs and Trade*). Mas como observaram Bothwell e English (1977, p.52) “a Europa continuava economicamente fraca para oferecer respostas reais, soluções mais plausíveis para os problemas canadenses estavam em Washington”.

Um dos objetivos na época era justamente buscar relações comerciais mais equilibradas com os Estados Unidos. Durante a II Guerra Mundial, as importações realizadas dos Estados Unidos chegaram a 70% do total de importações e este patamar foi mantido até o início dos anos 2000. O fato novo do pós II Guerra Mundial ocorreu com o aumento do percentual de exportação dos produtos canadenses para os Estados Unidos. Como destacam Thompson e Randall (2008, p.202-203):

Entre 1946 e 1951, as exportações canadenses para os Estados Unidos mais do que dobraram em termos reais (em dólares canadenses passaram de \$ 888 milhões para 2.298 milhões). Os Estados Unidos absorveram 38% do total de exportações em 1946 e 59% em 1951. As exportações canadenses para a Inglaterra estagnaram passando de 598 milhões para 631 milhões e declinaram em termos proporcionais de 26% do total de exportações canadenses em 1946 para apenas 16% em 1951.²⁸

Diante do cenário do período não parecia haver outra grande possibilidade para o Canadá a não ser a de uma maior aproximação com os Estados Unidos. Por outro lado, os americanos atingiam um de seus objetivos principais em relação à

²⁸ Between 1946 and 1951, Canadian exports to the United States, more than doubled in real terms(from \$888million CDN to \$2.298 million CDN. The United States absorbed 38 percent of Canada’s total exports in 1946 and 59 percent in 1951. Canadian exports to Britain stagnated (from \$598 million CDN to \$631 million CDN) and declined in proportional terms from 26 percent of total Canadian exports in 1946 to only 16 percent in 1951.

política externa com o Canadá, ou seja, fazer com que o Canadá ficasse mais próximo aos Estados Unidos e cada vez mais distante do sistema de comércio preferencial com a Grã-Bretanha (MUIRHEAD,1989).

Na década de 1950, os produtos canadenses não abasteceriam apenas o mercado de bens de consumo americano, mas também as necessidades militares daquele país. O Canadá então despontava como um fornecedor seguro em um mundo marcado por turbulências que poderiam fugir ao controle americano. Neste período, destacaram-se o aumento na importação de urânio, alumínio, cobre, chumbo, ferro, níquel e zinco e a produção para a exportação era em grande parte controlada por multinacionais americanas como a *American Metal Corporation* (AROSSEN,1982).

Conforme observam Thompson e Randall (2008, p.206):

Durante os anos de 1950, tanto o comércio como a presença econômica americana no Canadá expandiram-se rapidamente ao mesmo tempo. O Departamento de Estado calculou que os investimentos diretos naquele país cresceram de US\$ 3,58 bilhões em 1950 para 8,33 bilhões em 1957, um crescimento mais significativo do que aquele ocorrido na América Latina naquele período. A maior parte deste investimento foi realizado em manufaturas (US\$3,51 bilhões) seguido por petróleo (US\$2,15 bilhões) e mineração e fundição (US\$ 1bilhão).O valor total do investimento americano no Canadá estimado, tanto de forma direta como em portfólio chegou a US\$ 16,72 bilhões no final de 1960. Isto representou 75% de todo investimento externo no Canadá, comparados aos 60% em 1939.²⁹

A produção bélica constituiu-se em elemento essencial da integração econômica. Na década de 1950, a indústria de defesa canadense já era controlada em grande parte por subsidiárias de empresas americanas, entre elas *General Dynamics, Pratt & Whitney, Westinghouse e General Electric* (WOODWARD, 1953).

Se por um lado, na década de 1960, a dependência econômica canadense chegava a níveis não observados anteriormente, por outro, este é também um momento no qual as divergências sobre o modo de gerir a economia e em relação a questões culturais e políticas ficam evidentes. Neste período, várias das

²⁹ During the 1950s, both trade and the US economic presence in Canada expanded rapidly at the same time. The State Department calculated that US direct foreign investment in Canada grew from \$3.58 billion (US) in 1950 to \$8.33 billion by the end of 1957, an increase more significant than that of US direct foreign investment in Latin America over the same period. The bulk of that investment was in manufacturing (\$3.51 billion) followed by oil (\$2.15 billion) and by mining and smelting (\$1 billion). Canadian estimates set the value of total American investment, direct and portfolio, at \$16.72 billion at the end of 1960. This represented 75 percent of all foreign investment in Canada, as compared to 60 percent in 1939.

características que diferenciam os dois países acentuam-se. Entre elas podem ser citadas: a ascensão do Partido Social Democrata representante do movimento sindical canadense, o fortalecimento do Estado de Bem-estar social e o reconhecimento legal da natureza *bicultural* (francesa e inglesa) do país. Notoriamente um movimento social de esquerda aliado a um Estado de Bem-estar Social eram fenômenos que não tinham nenhum espaço no cenário americano da época, mas que obteve sucesso na sociedade canadense mesmo com uma economia quase que totalmente dependente dos interesses americanos. O choque entre culturas distintas magistralmente apresentado na obra de Martin Lipset (1990) traria seus efeitos sobre as questões econômicas e as relações entre os países. O Canadá obtinha vantagens financeiras ao vender carros e armamentos para os Estados Unidos, mas isso também acabava por gerar o desgaste político dos governantes ao apoiarem a impopular Guerra do Vietnã. Os nacionalistas canadenses em ascensão pressionavam também o governo de Trudeau para tomar medidas que visassem inibir a americanização do país, controlar os investimentos americanos e bloquear a expansão da cultura popular daquele país.

O nacionalismo econômico canadense antes dos anos de 1950 tomava a forma de tarifas protetoras em relação aos produtos manufaturados americanos, a partir de então mesmo que as tarifas protetoras tenham permanecido importantes o foco principal passou a ser os investimentos externos provenientes dos Estados Unidos. De fato, o pós II Guerra Mundial é marcado por um significativo aumento dos investimentos diretos americanos. Em períodos anteriores, os investimentos vindos do exterior eram mais diversificados e uma parte substancial dos mesmos era oriunda da Inglaterra.

Alguns argumentos relevantes dos nacionalistas ganhavam espaço neste período, entre eles, o fato de que as sucursais canadenses produziam majoritariamente para o mercado doméstico e faziam poucos investimentos em P & D, o que acarretava na geração de poucos empregos de alta qualificação. Da mesma forma, a rejeição aos investimentos diretos americanos estava diretamente relacionada ao antiamericanismo em ascensão.

Porém, de forma concreta, uma das únicas instituições criadas na década de 1960 que poderia ser considerada de viés nacionalista foi o *Canadian National Energy Board*, que tinha por objetivo estabelecer um controle nacional mais efetivo sobre a exploração e exportação de petróleo e gás natural.

Se por um lado o nacionalismo econômico nos anos de 1960 tinha permanecido mais nos discursos políticos do que em ações práticas a década de 1970 não tardou em demonstrar os riscos da excessiva dependência, riscos estes que ficaram evidentes com a nova política econômica do presidente Nixon. O início da década de 1970 é marcado pela estagnação econômica, inflação e problemas referentes ao balanço de pagamentos. Em 1971, o presidente Nixon anunciou um aumento do valor do ouro em dólares e a suspensão da conversibilidade do ouro em dólares. Ambas as medidas trouxeram como resultado a desvalorização da moeda americana. Não bastassem estas medidas, os Estados Unidos impuseram uma sobretaxa de 10% sobre todas as suas importações.

Muito embora o Canadá não fosse o centro das atenções na implementação destas medidas, o impacto sobre sua economia foi imediato em uma época em que 70% de suas exportações tinham por destino os Estados Unidos. Naquele período Edgar Benson e Mitchell Sharp, respectivamente ministros das finanças e das relações exteriores, nenhum deles nacionalista, já admitiam que a “relação especial” era parte do passado (GRANATSTEIN; BOTHWELL, 1990).

Em 1971, pouco após as duras medidas tomadas pelo Presidente Nixon, é criada a *Canada Development Corporation* (CDC) que era resultado da proposta feita por Walter Gordon na *Royal Commission on Canada's Economic Prospects* (1956) e do *Watkins Report* em 1968 e tinha como objetivo estimular o desenvolvimento de empresas públicas canadenses, particularmente na área industrial e de recursos naturais. Até os anos de 1980, a CDC fez volumosos investimentos em mineração, química e companhias farmacêuticas. A terceira via que incluía também o aumento dos laços comerciais com a Europa e a Ásia estava no centro das atenções (THOMPSON; RANDHALL, 2008).

Em 1974, o governo canadense cria a *Foreign Investment Review Agency* (FIRA) com o objetivo de controlar as aquisições estrangeiras de corporações canadenses e analisar o interesse nacional nestas aquisições. A CDA e a FIRA foram exemplos do nacionalismo econômico na década de 1970 e partiam do pressuposto de que uma vez que o Estado desse o primeiro passo no sentido de retomar o controle da economia, a atividade econômica poderia ser novamente comandada pelo setor privado local. Um exemplo claro de intervenção estatal na época foi a criação da PetroCanada controlada pelo governo em uma época em que

as empresas americanas já controlavam cerca de 60% desse setor no Canadá (WALLACE, 1981).

O fato da criação de uma companhia canadense para exploração de petróleo era sem dúvida uma questão delicada para os Estados Unidos. Desde a I Guerra Mundial, a necessidade de importação de petróleo por parte dos americanos vinha crescendo e era considerada uma questão de segurança nacional. O Canadá era um dos principais fornecedores de petróleo e gás natural para os americanos, mas também passou a enfrentar problemas energéticos, e buscando resolver este problema, o governo canadense criou um imposto sobre a exportação do produto o que gerou mais uma vez conflitos nas relações entre os dois países e o fortalecimento do nacionalismo econômico no Canadá.

Mesmo com a tentativa de buscar novos parceiros, principalmente europeus e japoneses, a terceira via canadense não obteve sucesso e obteve muitas críticas no meio empresarial canadense que se posicionou contra medidas protecionistas em relação aos Estados Unidos. Em 1972, 1978 e 1982, em grande medida pressionados por empresários canadenses, o *Senate Standing Committee on Foreign Affairs* apresentou relatórios defendendo a remoção das barreiras comerciais impostas aos Americanos. A política comercial do governo canadense de 1981-1982 recomendava a manutenção firme do país no sistema multilateral do GATT, mas também defendia a liberação comercial com o país do sul (MCKINNEY, 2010).

De fato, até o início dos anos de 1980, o papel desempenhado pelo Estado na economia canadense ainda era bastante distinto do americano. O estado canadense deste período representava um ponto médio entre os padrões europeus e americanos, tanto no que dizia respeito a empresas públicas como aos subsídios ao setor privado. Durante os anos de 1970, os subsídios para o setor privado e os investimentos em empresas públicas eram em média cinco vezes maiores no Canadá do que nos Estados Unidos (BANTING, 1986).

Como observa McLeod (1976, p.6) ao escrever sobre o tema na metade da década de 1970, no Canadá ocorria:

O aparecimento frequente de propriedade pública, em um cenário em que o Estado sempre dominou e moldou a economia. Ao contrário dos Estados

Unidos, o Canadá nunca experimentou um período de capitalismo de mercado puro nos moldes de um irrestrito *laissez-faire*.³⁰

Da mesma forma, Mercer e Goldberg (1982, p.27) demonstram a importância do envolvimento do governo canadense na economia no início da década de 1980:

Em 1982 das 400 principais empresas industriais canadenses, 25 eram controladas pelo governo federal ou pelos governos provinciais. Entre os 50 principais industrialistas, todos ranqueados por vendas, 7 eram de propriedade ou integralmente controladas pelo governo federal ou governos provinciais. Quanto as instituições financeiras, 9 das 25 principais eram de propriedade ou totalmente controladas pelos governos provinciais ou federal[...] os governos canadenses em todas as esferas apresentam pouca reticência em estarem envolvidos em diversos empreendimentos que podem abranger ferrovias, companhias aéreas, fabricação de aeronaves, instituições financeiras, empresas siderúrgicas, empresas petrolíferas e produção e vendas de reatores atômicos para a produção de energia.³¹

Porém os anos de 1980 trariam um novo cenário nas relações econômicas, no qual o até então historicamente protecionista Canadá aderiria aos princípios liberais americanos e tornar-se-ia mais dependente do que em qualquer outro período histórico aos interesses americanos.

4.2 O ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS E DE INVESTIMENTOS

O estreitamento das relações comerciais e de investimentos pode ser observado a partir da década de 1960 com a implementação do *Auto Pact*, que seria um dos precursores dos acordos de livre comércio entre estes países. Acordo este, realizado mesmo com todas as tensões econômicas observadas nesta década. Os anos de 1980 e 1990 marcariam dois novos passos significativos na integração destas economias através da implementação do FTA e do NAFTA. Neste tópico

³⁰ The frequent appearance of public ownership where the state has always dominated and shaped the economy. Unlike the United States, Canada has never experienced a period of pure unadulterated *laissez-faire* market capitalism.

³¹ In 1982 of 400 top industrial firms, 25 were controlled by the federal or provincial governments. Of the top 50 industrialists, all ranked by sales, 7 were either wholly owned or controlled by the federal or provincial governments. For financial institutions, 9 of the top 25 were federally or provincially owned or controlled[...] canadian governments at all levels exhibit little reticence about involvement in such diverse enterprises as railroads, airlines, aircraft manufacture, financial institutions, steel companies, oil companies, and selling and producing atomic reactors for energy generation.

serão apresentados estes acordos comerciais e seus impactos sobre a economia canadense.

4.2.1 O Auto Pact

Até a assinatura do *Auto Pact* (Canada - United States *Automotive Products Act*) em 1965, o setor automobilístico canadense via-se limitado a um pequeno mercado interno, plantas de produção ultrapassadas com equipamentos do período da II Guerra Mundial e técnicas de produção obsoletas que não teriam como serem adaptadas às demandas dos consumidores locais que buscavam o mesmo padrão e variedade de produtos encontrados no mercado americano. Além disto, outros fatores deveriam ser levados em consideração como a dependência do Canadá em relação a peças para a fabricação de seus automóveis, que geraram um *déficit* comercial com os Estados Unidos em 1963 de 500 milhões de dólares, o que representava 90% do *déficit* comercial total do Canadá (ANASTAKIS, 2005).

Diante deste cenário adverso, o debate canadense sobre o tema na época apontava em duas direções opostas: a primeira seria de defesa do protecionismo do mercado, que constituía-se em uma opção custosa do ponto de vista político ao gerar insatisfação por parte dos consumidores em relação à pouca variedade de produtos. Já a segunda opção, seria a implementação de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, o que poderia trazer como prováveis implicações o final da indústria automobilística canadense e conseqüentemente, a perda de milhares de empregos nesta indústria.

De fato, as ideias de protecionismo e livre comércio estavam no centro do debate canadense na década de 1960. Enquanto os conservadores vislumbravam uma economia integrada na América do Norte, tendo como exemplo a lenta integração do continente europeu e apoiavam com entusiasmo o crescimento do GATT, surgia um novo nacionalismo no país liderado por Walter Gordon, então ministro das finanças, que defendia a ideia de protecionismo da indústria e a resistência à integração continental com os Estados Unidos.

Entre os extremos que dominavam o debate da época, os *policymakers* canadenses conseguiram negociar com os Estados Unidos uma terceira via para o

setor automobilístico, que por um lado era capaz de resolver os interesses desta indústria e também conseguia agradar em parte tanto os interesses dos defensores do protecionismo como os do livre comércio. Assim, em janeiro de 1965, o Primeiro Ministro Lester Pearson e o Presidente Lyndon Johnson assinaram o *Auto Pact*, criando a partir deste uma indústria automobilística “sem fronteiras” que permitiria um comércio livre de produtos automotivos, embora apresentasse limitações para cada um dos países. Para não serem tarifadas, as importações que tinham como destino os Estados Unidos teriam que ser produzidas no Canadá, mas deveriam possuir no mínimo, 50% de conteúdo norte americano. Para os produtos não serem tarifados no Canadá, os fabricantes deveriam manter um nível de conteúdo canadense regulado e teriam que produzir no Canadá um número de veículos equivalente aos veículos que o fabricante vendia neste país. As peças poderiam então ser importadas dos Estados Unidos sem impostos.

Desta forma, o *Auto Pact* atendia os interesses americanos pelo livre comércio, mesmo que seletivamente no setor automotivo, e encerrava uma disputa comercial tensa entre os dois países. Pelo lado canadense, a solução garantia uma parcela do mercado automotivo americano e evitava o fechamento de fábricas no Canadá, que constituía-se em grande preocupação dos nacionalistas.

Embora os governos dos dois países tenham desempenhado um papel relevante nas negociações, caberia o papel fundamental a um terceiro ator, ou seja, as grandes corporações da indústria automobilística americana (*General Motors, Chrysler e Ford*).

A estrutura da indústria automobilística americana, particularmente as de propriedade americana no Canadá, a similaridade dos mercados e de gostos dos consumidores, aliados à redução de custos de produção permitiram às empresas americanas pressionar os governos pelo acordo e a instalar fábricas no Canadá criando um novo regime de comércio entre os países.

Além das garantias de produção previstas no acordo, as três grandes comprometeram-se a aumentar os investimentos no Canadá, no curto prazo com cartas de compromisso. Em contraposição, a natureza condicional do acordo assegurou que as multinacionais americanas continuassem sendo os maiores fabricantes de automóveis na América do Norte.

O Pacto causou um efeito praticamente imediato e extremamente considerável na economia canadense. Se por um lado a indústria canadense

começou a produzir uma variedade menor de modelos de carros, por outro foram construídas plantas significativamente maiores para a produção de modelos específicos que passaram a ser produzidos exclusivamente no Canadá para todo o mercado dos dois países.

De acordo com Anastakis (2005, p.6-7):

Os canadenses produziam um a cada vinte carros na América do Norte em 1964. Já em 1999 produziam um a cada cinco veículos e exportavam US\$100 bilhões em bens automotivos anualmente. Um em cada sete canadenses possuía emprego direta ou indiretamente relacionado com a indústria automobilística.³²

O impacto econômico ocorreu de forma tão considerável na economia deste país que a produção de automóveis rapidamente ultrapassou a produção de papel e celulose, para tornar-se a mais importante indústria canadense. Como observa Crane (2011):

entre 1965 e 1982 o Canadá teve um déficit no comércio automobilístico de US\$ 12,1 bilhões com os Estados Unidos, com um superávit de US\$ 28 bilhões em veículos montados e um déficit de aproximadamente US\$ 40 bilhões em peças para veículos. O Canadá obteve superávits totais nos anos de 1970, 1971, 1972 e 1982. Desde 1982 o Canadá tem obtido superávits contínuos com os Estados Unidos. Entre 1982 e 1986 as exportações atingiram o valor de US\$ 135,5 bilhões e as importações um valor de US\$112,9 bilhões, gerando em cinco anos um superávit de US\$22,5 bilhões [...] o número de empregos gerados na indústria automobilística deste país chegou a 70.600 em 1965, chegando a 125.000 em 1978, caindo para 99.000 em 1982, até estabilizar em cerca de 140.000 empregos.³³

Mesmo com estes resultados favoráveis, o *Auto Pact* sofreu uma série de críticas. Por um lado, um dos argumentos favoráveis a sua criação decorria dos benefícios gerados pelo aumento do nível de emprego, o que de fato ocorreu. Porém, estes novos empregos ficaram extremamente concentrados ao sul de

³² Canadians produced fewer than one in twenty of the cars manufactured in North America in 1964. By 1999 canadian factories were turning out nearly one of every five vehicles produced in North America, while Canadians were exporting nearly \$100 billion dollars worth of automotive goods annually. One in seven Canadians could trace their employment either directly or indirectly to the auto industry.

³³ Between 1965 and 1982 Canada had an overall automotive trade deficit of \$12.1 billion with the US, with a surplus of about \$28 billion in assembled vehicles and a deficit of about \$40.5 billion in automotive parts. Canada had overall surpluses in 1970, 1971, 1972 and 1982. Since 1982 Canada has had a continuing surplus with the US. In 1982-86 exports were \$135.5 billion and imports were \$112.9 billion, for a 5-year surplus of \$22.5 billion [...] automotive industry employment totaled 70 600 in 1965, reached about 125 000 in 1978 before falling to about 99 000 in 1982. Since then employment has recovered to about 140 000.

Ontário. Estes empregos também eram essencialmente operacionais, enquanto as áreas de administração, pesquisa e desenvolvimento permaneceram nos Estados Unidos.

Por outro como observa Anastakis (2005, p.7):

A natureza condicional do acordo assegurou que as multinacionais americanas continuassem sendo os fabricantes predominantes de automóveis na América do Norte [...] a indústria automobilística canadense foi irreversivelmente integrada em um setor automobilístico maior, e o *Auto Pact* amarrou ainda mais a economia canadense a sorte dos Estados Unidos.³⁴

Além disto, este acordo trouxe como consequências a prevenção de que o Canadá participasse de outros acordos de livre comércio no setor automobilístico e a adoção das regulamentações técnicas da *U.S. National Highway Traffic Safety Administration* ao invés da participação do consenso internacional de segurança automobilística e de regulação de emissões baseado no modelo europeu.

De fato, a implementação do *Auto Pact* foi um dos mais significativos eventos recentes da América do Norte, e um grande passo na criação de acordos comerciais entre os dois países como o *Free Trade Agreement*. Este acordo permaneceu com efeito nos Estados Unidos até 1989 com a implementação do FTA e no Canadá até 2001, quando a Organização Mundial do Comércio determinou seu cancelamento por violar as regras do comércio internacional.

4.2.2 A Implementação do *Free Trade Agreement* (FTA) e do *North American Free Trade Agreement* (NAFTA)

O início da década de 1980 é marcado pela pressão americana no que diz respeito à abertura dos mercados em um âmbito mundial e pela desregulamentação das economias. Como arquiteto principal do sistema multilateral de comércio do GATT, os Estados Unidos permaneceu firme em sua posição de impor a

³⁴ The conditional nature of the agreement ensured that the US multinationals remained the predominant manufacturers of motor vehicles in North America [...] the canadian auto industry was irreversibly integrated into a larger North American sector, and the auto agreement tied the fate of the canadian economy even more securely to the fortunes of the United States.

liberalização comercial, mesmo levando em consideração os acordos regionais de comércio que estavam sendo implementados na Europa e América do Sul. Na administração do Presidente Reagan, os Estados Unidos buscaram uma reaproximação com a União Europeia, assim como com o Oriente Médio visando à implementação de acordos de livre comércio. Não obstante a pressão americana, apenas Israel respondeu positivamente à proposta, firmando o Acordo de Livre Comércio em 1985.

Com o fracasso na maioria das negociações, as atenções passariam para os outros países da América do Norte. O México imediatamente rejeitou a possibilidade de um acordo. No Canadá, o governo encontrava muita resistência popular ao acordo (HART, 1994).

Muitos oponentes alegavam que o livre comércio representaria uma maior dominação da indústria canadense por uma força externa, Os sindicatos advogavam a ideia de que a indústria canadense não teria como competir com a americana se não houvesse a imposição de restrições aos americanos, e o desemprego seria uma das mais dramáticas consequências da liberdade comercial. A questão referente à implementação do FTA foi a mais importante a ser discutida na campanha eleitoral de 1988, mas mesmo com a forte oposição liderada por John Turner, o governo conservador de Mulroney saiu vitorioso no pleito e o FTA que já vinha sendo negociado desde 1985, entrou em vigor em 1º de janeiro de 1989 (WATSON, 2000).

Os elementos centrais do acordo incluíam a eliminação de tarifas e a diminuição de barreiras não tarifárias, além de prever isenções para o comércio de serviços. Também foi criado um mecanismo de solução de conflitos visando resolver eventuais disputas em relação a questões comerciais.

Em seu primeiro capítulo são tratados os objetivos e alcance do FTA. Neste é destacado também que o acordo é mais amplo do que outros acordos negociados no GATT, como por exemplo, a Área de Livre Comércio Europeia (1960), o Acordo de Livre Comércio entre Grã-Bretanha e Irlanda (1965), o Acordo de Estreitamento das Relações Econômicas entre Austrália e Nova Zelândia(1983) e o Acordo de Livre Comércio entre Israel e Estados Unidos(1985).O FTA inovava por prever a liberalização de todos os setores da economia inclusive em setores como o agrícola, assim como desenvolveu novas regras para questões de subsídios, dumping e medidas compensatórias.

Os objetivos a serem alcançados eram:

- a) Eliminar barreiras para o comércio e serviços;
- b) Facilitar as condições de competição na área de livre-comércio;
- c) Liberalizar significativamente as condições para investimentos externos;
- d) Estabelecer procedimentos efetivos para a administração conjunta deste acordo e para a resolução de disputas;
- e) Estabelecer as bases para a expansão da cooperação bilateral e multilateral visando aumentar os benefícios obtidos pelo acordo.

Cinco anos após a criação do FTA, foi a vez do México ser incorporado ao acordo de livre comércio, quando entrou em vigor o NAFTA. De forma geral, os objetivos eram os mesmos do FTA como pode ser observado no artigo 102 do acordo. Conforme este artigo os objetivos do NAFTA seriam:

- a) Eliminar as barreiras comerciais e facilitar o movimento de bens e serviços entre os territórios das partes;
- b) Promover condições de concorrência justa na área de livre comércio;
- c) Aumentar significativamente as oportunidades de investimento entre os países;
- d) Fornecer proteção efetiva e adequada e aplicação dos direitos de propriedade em todos os países membros;
- e) Criar procedimentos efetivos para a implementação e aplicação deste Tratado, para sua administração e resolução de disputas;
- f) Estabelecer um quadro que possibilitasse a expansão da cooperação trilateral, regional e multilateral que pudessem expandir os benefícios deste acordo.

O artigo 103 também determinou que em caso de inconsistência entre este e acordos anteriores, o acordo do NAFTA prevaleceria, a não ser em situações previstas no artigo 104.

As exceções previstas no artigo 104 dizem respeito a acordos referentes a questões ambientais e de conservação, mais especificamente: a Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Flora e Fauna Selvagem (1973, alterada em 1979), o Protocolo de Montreal em Substâncias que Degradam a Camada de Ozônio (1987, alterado em 1990) e a Convenção da Basiléia sobre o

Controle dos Movimentos Fronteiriços de Resíduos Perigosos e sua Eliminação (1989).

Ao contrário da União Europeia, que pautou sua integração a partir da criação de instituições supranacionais com objetivos e prioridades bem definidas, as relações econômicas entre Estados Unidos e Canadá têm sido marcadas pela característica de serem menos formais. A integração foi mais óbvia na esfera econômica, porém nem o FTA nem o NAFTA quando de sua criação possuíam instituições supranacionais permanentes (Hampson; Molot, 2000). Cabe também salientar que tanto o NAFTA como o FTA são acordos comerciais e não uniões aduaneiras. Não há tarifas externas comuns ou a tentativa de uma criação de moeda comum, ocorre uma limitação da mobilidade de mão-de-obra e os governos continuam com algum poder sobre sua política interna.

4.2.3 Os Efeitos dos Tratados de Livre Comércio

Principalmente, a partir da implementação do FTA e do NAFTA a economia canadense tornou-se cada vez mais subordinada aos Estados Unidos e menos integrada entre suas províncias. O Canadá tornou-se ainda mais dependente do comércio internacional, sendo que a exportação de bens e serviços como percentual do PIB cresceu de 25% em 1989 para 43% em 2002 e quando levada em consideração apenas a participação americana, esta passou de 18,6% para 37,6% do PIB neste período. Já a importação de bens neste período cresceu de 25,8% para 38,1% do PIB com um aumento de 68,3% para 71,1% da participação americana. Em 2001, nove das dez províncias canadenses exportavam mais para os Estados Unidos do que para outras províncias, enquanto em 1989, apenas duas províncias exportavam mais para os Estados Unidos (COURCHENE, 2005). A participação americana sobre a exportação de mercadorias canadenses subiu de 74,9% em 1990 para 87,2% em 2002, mas caíram gradualmente até chegar a 75% novamente em 2009 (McKINNEY, 2010).

A partir do início dos anos 2000, os Estados Unidos tem se tornado relativamente menos importante para o Canadá no que concerne à questão de investimentos externos. Por um lado isto decorre da própria abertura comercial

gerada pelo NAFTA e queda das barreiras tarifárias em relação às importações fazendo com que investimentos em filiais canadenses não fossem mais necessárias para manter os produtos americanos competitivos neste país. Pelo lado canadense, também destaca-se a busca de novos acordos de investimento com outros países, através das FIPAs (*Foreign Investment Promotion and Protection Agreements*). Apenas na década de 1990 entraram em vigor 21 FIPAs incluindo países como a Rússia, Argentina e Venezuela. A participação nos investimentos externos diretos canadenses nos Estados Unidos caiu de 18,4% em 1988 para 10,2% em 2000 e chegou a 10,1% em 2007 (RUGMAN; BRIAN, 2003 & FERGUSON, 2009). Por outro lado, a participação americana em investimentos diretos externos no Canadá caiu de 72% em 1986 para 67% em 2001 e 58% em 2007 (GLOBERMAN; STORER, 2003 & FERGUSON, 2009).

Quando são analisados os efeitos do FTA e NAFTA, para além de indicadores sobre exportação, importação e investimentos, a acentuação da dependência econômica e política torna-se ainda mais perceptível.

De fato, a integração econômica já ocorre há mais de cinco décadas e sua intensidade variou de acordo com distintos momentos neste período. Os acordos de livre comércio que a princípio focavam questões de política econômica, acabaram por impor uma harmonização crescente de políticas sociais, culturais e ambientais. A uniformidade de políticas mesmo sem instituições que tomassem decisões conjuntas passou a ser um elemento chave da integração.

Ao contrário da União Europeia, na qual a integração ocorreu a partir da formação de instituições supranacionais e de acordos formais que geram uma partilha de soberania, no caso da América do Norte, onde as estruturas de governança são mais fracas ou em alguns casos inexistentes, a integração ocorre por alinhamento praticamente irrestrito à potência dominante. Como observa Campbell (2006, p.17), no caso da integração canadense com os Estados Unidos

o uso de termos como interoperacionalidade, comum, compatibilidade e reconhecimento mútuo mascaram a realidade de que a harmonização significa, na maioria dos casos, que o Canadá está flexibilizando suas políticas e regras ou simplesmente adotando as políticas e regras dos Estados Unidos.³⁵

³⁵ Use of terms such as interoperability, common, compability, and mutual recognition mask the reality that harmonization in most cases means Canada bending its policies and regulations, or simply adopting US policies and regulations.

A dominação cultural, social, econômica e ideológica acentuou-se após a criação do FTA e NAFTA. No que diz respeito às questões culturais e seus impactos econômicos, as implicações da dominação eram evidentes de acordo com Hoberg (2000, p.41):

Os Estados Unidos é um país único ao tratar cultura como mercadoria, e por isso neste aspecto preocupa-se com as barreiras comerciais, enquanto a política canadense é preocupada com a identidade cultural. Nos Estados Unidos, a cultura equivale (basicamente) a diversão, e é um bem que é propriamente alocado pelo mercado. No Canadá (assim como em muitos países europeus), cultura é uma expressão da identidade nacional e como tal é de responsabilidade pública protegê-la e promovê-la.³⁶

O FTA criou as garantias constitucionais para a implementação das reformas neoliberais e acelerou a integração econômica da América do Norte. Tratou-se de um documento pioneiro por prever as mesmas regras para o comércio de bens e de serviços como operações bancárias e contratos de seguros. O governo teria que passar a aplicar as mesmas regras do comércio para os investimentos, tratando os investidores estrangeiros da mesma forma que os domésticos, uma concessão que o Canadá tinha resistido durante a maior parte do século XX devido à alta proporção de investimentos estrangeiros diretos em sua economia.

Ao fornecer às companhias americanas, os mesmos incentivos das empresas locais, os governos das províncias tiveram que desistir das estratégias industriais que marcavam historicamente as políticas de desenvolvimento tanto destas províncias como do governo federal. Ficava descartada a possibilidade da implementação de políticas keynesianas; características do governo de Pierre Trudeau no início da década de 1980, que buscava no intervencionismo estatal a geração de crescimento econômico.

Por sua vez, o NAFTA assegurou a total liberdade de mobilidade do capital e endureceu as regras de proteção aos direitos de propriedade, que representaram uma mudança de direção na economia canadense que passa a ser muito mais centrada na crença nos mecanismos de mercado.

³⁶ Unique among countries, the United States treats culture like a commodity and is therefore concerned about trade barriers, while Canada's policy is one concerned with cultural identity. In the United States, culture is the equivalent (basically) to entertainment, and is a good that is properly allocated by the market. In Canada (as in many European nations), culture is an expression of national identity and as such is to be promoted and protected as a public responsibility.

No que diz respeito ao direito de propriedade intelectual, quando a Constituição Canadense foi alterada em 1982 para incorporar um capítulo sobre Direitos e Liberdade, os direitos de propriedade intelectual foram excluídos com a alegação de que estes aumentariam excessivamente o poder das corporações. No entanto o capítulo 11 do acordo determina a criação de direitos de propriedade, válidos apenas para as empresas estrangeiras. De fato, os direitos de propriedade intelectual teriam como principal beneficiário os Estados Unidos e acabariam por prejudicar setores como a indústria farmacêutica e de softwares canadenses.

Por outro lado, como observa Clarkson (2002, p.6):

Ao mesmo tempo em que os direitos de propriedade intelectual previstos no NAFTA garantem às corporações o direito de explorar seus conhecimentos, o tratado obriga o governo canadense a explorar seus recursos naturais no setor de combustíveis. O capítulo que dispõe sobre fontes de energia proíbe o governo federal ou as províncias de determinar preços inferiores para os cidadãos ou indústrias canadenses àqueles de exportação. Mesmo no caso de uma crise energética o Canadá é obrigado a fornecer aos Estados Unidos a mesma proporção de sua energia produzida nos últimos três anos.³⁷

As novas regras impostas pela aprovação do NAFTA limitaram bastante a atuação do Estado em relação às empresas estrangeiras. Os governos federais e locais ficaram impedidos de impor requisitos de desempenho para investidores estrangeiros, como por exemplo, em questões ambientais. As novas liberdades e direitos obtidos pelas corporações não criaram em contrapartida novas obrigações. No Nafta não há nenhuma instituição semelhante às criadas pela União Europeia para regular, fiscalizar ou monitorar o mercado. O NAFTA não se caracterizou pela criação de uma estrutura institucional para reger o mercado continental, e sim pela criação de instrumentos pelos quais o capital disciplina as ações dos governos (CLARKSON, 2002).

Nas disputas comerciais, pelo lado canadense, a questão principal para a implementação do NAFTA não resumia-se à redução de tarifas pelos americanos, mas sim, à garantia de um acesso privilegiado àquele mercado. Não obstante, os Estados Unidos, apoiado no artigo 1902 do acordo (que dispõe sobre a retenção da

³⁷ Whereas NAFTA'S intellectual property rights guarantee corporations the right to exploit their knowledge, the treaty enjoins Canadian governments from benefiting from their natural endowment in cheap fuels. Its energy chapter forbids federal or provincial governments from pricing energy consumed by Canadian citizens or industries below export price. Even in an energy supply crisis, Canada must share with the United States the same proportion of its energy production as it has done for the preceding three years.

lei *antidumping* doméstica e a lei do direito de compensação), recusou-se a garantir aos exportadores canadenses, a isenção de medidas antidumping (AD) e ações de compensação (CVD), cabendo ao Canadá buscar no sistema de arbitragem a resolução de conflitos que envolvessem questões protecionistas americanas (TRAKMAN, 1997).

Na ausência de instituições supranacionais, Canadá, Estados Unidos e México acordaram em realizar apelações a painéis binacionais que apenas garantem à parte interessada, uma análise visando verificar se a AD ou CVD estava sendo corretamente aplicada de acordo com o previsto pela legislação comercial vigente. O Capítulo XIX, que trata da análise e solução de controvérsias em matéria de direitos compensatórios e legislação antidumping, não estabeleceu um ordenamento jurídico efetivo baseado em regras claras criando tensões prolongadas na relação canadense com os Estados Unidos, como pode ser observado em relação à exportação de madeiras, em que temendo as retaliações americanas, a partir de uma CVD, o Canadá obrigou-se a concordar com a restrição da exportação de sua madeira para o país vizinho.

No que concerne aos possíveis conflitos entre investidores e o Estado o capítulo XI, que trata do tema investimentos, criou uma área de julgamentos privados, não apenas por adicionar à constituição canadense uma legislação de direitos de propriedade, de acordo com os interesses das corporações americanas, mas também, por introduzir um mecanismo de arbitragem para resolver disputas corporativas que limitaram a capacidade governamental neste campo ao transferir disputas que podem interferir em políticas de governo da esfera da legislação nacional para a esfera da legislação comercial internacional. Quando uma norma de direito corporativo internacional entra em conflito com uma norma jurídica canadense predomina a primeira. Este capítulo do tratado buscou garantir o direito das empresas em processar governos quando suas decisões “injustamente” prejudicavam os interesses econômicos destas empresas. Na prática, tornou-se uma ferramenta agressiva na mão de grandes corporações para desafiar o direito dos governos em impor regulamentações. Levando-se em consideração que a legislação societária americana é preponderante nos processos de direito comercial internacional, os conflitos entre as corporações americanas e o Canadá obrigam na maioria dos casos o Canadá a aceitar legislações tipicamente americanas na solução destes conflitos. O sistema legal canadense torna-se então dependente de

julgamentos por árbitros que não necessariamente estão de acordo com a racionalidade cultural e histórica deste país e que aplicam normas sob a influência individualista e litigiosa da cultura legal americana em contraposição à cultura menos litigiosa e menos voltada aos interesses empresariais do Canadá (CLARKSON, 2002).

O capítulo XI tem notadamente trazido fortes impactos sobre questões ambientais no Canadá como em alguns casos que ganharam notoriedade como o processo da *Ethyl Corporation* contra o Canadá que centrou-se na restrição no comércio internacional e interprovincial de MMT (um aditivo utilizado na gasolina suspeito de causar perturbações no sistema nervoso). A *Ethyl Corporation* ganhou a ação com a alegação de que o Canadá estava infringindo o curso normal dos mercados abrangidos pelo NAFTA. Após o sucesso da *Ethyl Corporation* em sua ação contra o governo do Canadá, diversas outras corporações americanas sentiram-se motivadas a exigir indenizações do governo canadense por alegar prejuízos em suas operações devido a decisões do governo canadense, entre elas: a *Sun Belt Water Inc* (prejuízos pela negativa canadense em exportar água proveniente da British Columbia) e a *United Parcel Services* (prejuízos causados pelo apoio estatal ao *Canada Post*).

O NAFTA não possui explicitamente nenhum poder de coação entre as partes, ficando estas livres para permanecer ou não no mesmo de acordo com seus próprios interesses. No entanto, devido à extrema assimetria econômica entre os países membros, a hegemonia americana prepondera sobre os dois outros países periféricos, criando um forte poder de imposição de seus interesses independentemente das posições de Canadá e México, comprometendo a soberania em termos jurídicos destes países.

Outro aspecto a ser considerado, é a questão da distribuição de renda no período de vigência dos acordos de livre comércio. Estudo realizado por Saez e Veall (2003), demonstra o aumento de concentração de renda dos canadenses que se encontram entre os 10% mais ricos (Tabela 8):

Tabela 8 - Participação percentual dos 10% mais ricos na renda do Canadá (1989-2000)

Ano	Percentil						
	90-100	95-100	99-100	99.5-100	99.9-100	90-95	95-99
1989	36,36	23,83	10,01	7,15	3,44	12,53	13,82
1990	35,54	23,08	9,35	6,55	2,98	12,46	13,73
1991	36,31	23,47	9,37	6,51	2,91	12,84	14,11
1992	36,72	23,60	9,31	6,44	2,82	13,12	14,29
1993	37,31	24,03	9,56	6,64	2,97	13,28	14,48
1994	37,49	24,16	9,59	6,65	2,94	13,33	14,57
1995	37,85	24,65	10,00	6,99	3,13	13,21	14,64
1996	38,77	25,48	10,62	7,53	3,47	13,29	14,85
1997	39,78	26,51	11,52	8,32	3,97	13,26	14,99
1998	40,61	27,35	12,18	8,87	4,34	13,26	15,17
1999	41,17	27,89	12,62	9,25	4,61	13,29	15,27
2000	42,34	29,01	13,56	10,11	5,23	13,34	15,44

Fonte: SAEZ e VEALL (2003, p.40).

Como pode ser observado entre os 10% mais ricos (percentil 90-100) desde a implementação do FTA até o ano 2000, ocorreu uma concentração de riqueza nesta parcela da população que passou de 36,36% para 42,34% da renda do país neste período, concentração esta que se acentua a partir da vigência do NAFTA em 1994. Observa-se também, que ocorre um maior aumento na concentração de renda entre os 5% mais ricos que passa de 23,83% em 1989 para 29,01% em 2000, do que no percentil compreendido entre 90-95 que concentrava 12,53% da renda em 1989 e 13,34% em 2000. Já os 0,01% mais ricos detinham 2,94% da renda canadense em 1994 quando entrou em vigor o NAFTA, aumentando sua participação para 5,23% no ano de 2000, o que demonstra o efeito concentrador de renda durante os primeiros anos de funcionamento dos acordos de livre comércio no Canadá.

No ano de 2000, os 5% mais ricos possuíam uma renda 3,86 vezes maior do que a renda média nacional, enquanto essa diferença aumentava para 6,9 vezes para os 1% mais ricos e 188,9 vezes para os 0,01 mais ricos (Tabela 9).

Tabela 9 - Média de renda por unidade fiscal no Canadá no ano de 2000 em dólares canadenses- CAD

Grupo	Percentil	Número de unidades fiscais	Média de renda
Toda população	0-100	22.807.585	24.859,00
10% mais ricos	90-95	1.140.379	66.310,00
5% mais ricos	95-99	912.303	95.982,00
1% mais ricos	99-99,5	114.038	171.728,00
0,5% mais ricos	99,5-99,9	91.230	303.035,00
0,1% mais ricos	99,9-99,99	20.527	923.385,00
0,01% mais ricos	99,99-100	2.281	4.695.923,00

Nota: cada unidade fiscal representa um indivíduo e não uma família como no caso americano.

Fonte: SAEZ e VEALL, 2005, p.833.

Notável neste período, também foi a redução dos gastos do governo canadense com medidas de bem-estar social e a convergência para um modelo de Estado mais semelhante ao americano como observa Campbell (2006, p.25):

Ao contrário de garantias prévias, houve uma diminuição deliberada do Estado social canadense- um ajuste estrutural do setor público e da capacidade fiscal. A convergência ao modelo americano, mesmo que longe de estar completa tem sido significativa. Enquanto os governos canadenses continuam gastando significativamente mais em programas sociais e em serviços públicos do que o americano, a diferença foi diminuindo rapidamente, como mostra um estudo do Departamento Federal de Finanças de 2003. Os gastos em programas não-militares do governo caíram de 42,9% do PIB em 1992 para 33,6% em 2001. Já nos Estados Unidos em comparação no mesmo período estes gastos tiveram uma leve alta passando de 27,7 para 27,9% do PIB. A diferença em despesas não-militares entre os dois países- 5,7 pontos percentuais no PIB de 2001 caiu dramaticamente em relação a 1992 quando era de 15,2 pontos percentuais.³⁸

Os primeiros anos do NAFTA teriam assim sido marcados por um aumento do nível de participação americana nas exportações canadenses que subiram de 77,52% em 1995 para 83,62% em 2000 (tabela 17), mas também pela queda de

³⁸ Contrary to prior assurances, there has been a deliberate shrinking of the Canadian social state- a structural adjustment of the public sector and of fiscal capacity. The convergence to the US model, although far for complete, has been significant. While Canadian governments still spend significantly more on social programs and public services than their American counterparts, the difference has been shrinking rapidly, as shown by a 2003 federal Finance Department Study. Canadian governments (non-military) program spending fell from 42.9 percent of GDP in 1992 to 33.6 percent of GDP in 2001. This compares with US (non-military) program spending, which increased marginally from 27.7 percent to 27.9 percent of GDP. The gap in non-military spending between the two countries- 5.7 percentage points of GDP in 2001- is down dramatically from a gap of 15.2 points of GDP in 1992.

investimentos diretos americanos no Canadá que representavam 67,16% em 1995 e chegaram a 60,68% em 2000(tabela 15), pelo aumento da concentração de renda principalmente entre os 5% mais ricos, por uma considerável perda de soberania devido à imposição de normas legais que estavam mais de acordo com os interesses americanos do que propriamente dos interesses canadenses ou mexicanos e pela redução do estado de bem-estar social canadense. Trata-se do período do auge da dependência e subordinação aos interesses americanos, porém novos acontecimentos do início do século XXI trariam outras perspectivas para esta relação.

4.3 SÉCULO XXI - CONSERVADORISMO AMERICANO, RESTRIÇÕES NA FRONTEIRA E A BUSCA DE NOVOS ACORDOS COMERCIAIS COMO FORMA DE REDUZIR A DEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

4.3.1 O Cenário Atual e as Opções Canadenses

Desde o início do século XX, e mesmo com o forte protecionismo econômico em alguns períodos históricos, as relações comerciais e de investimentos com os Estados Unidos foram extremamente relevantes para a economia canadense. A concentração de população, próxima à fronteira americana, que tornou o comércio mais barato e simples com o país vizinho do que com províncias do próprio Canadá, aliados a fatores culturais desempenharam um papel importante neste cenário. Porém, não há dúvida de que os acordos de livre comércio que iniciaram em 1965, mas que ganharam grande força com a implementação do FTA e do NAFTA, contribuíram para tornar a economia canadense ainda mais subordinada à americana.

Os dois países apresentam características semelhantes, tanto no que diz respeito ao crescimento de suas economias, como em padrões de vida. No que concerne ao crescimento econômico nos últimos dez anos, o PIB canadense cresceu mais do que o americano, respectivamente 2,1% contra 1,9% ao ano. Não obstante, a renda *per capita* canadense, em termos de Paridade de Poder de

Compra, ainda é cerca de apenas 82% da americana (*U.S. Census Bureau,2011 & Statistics Canada,2011a*).

Os acordos comerciais, principalmente o NAFTA, por sua vez, continuavam sendo responsabilizados em grande parte pelo aumento da concentração de renda no Canadá no início dos anos 2000 como observa Campbell (2006, p.24):

Prometeu-se que os benefícios econômicos gerados pelo NAFTA seriam amplamente compartilhados pelos canadenses. No entanto os salários médios estagnaram enquanto a renda de lucros como parcela da renda total cresceu para níveis recordes. Depois de quatro décadas de declínio da desigualdade, a desigualdade de renda familiar, após impostos e transferências, voltou a crescer na área de livre comércio. De acordo com o Statistics Canada as famílias pertencentes aos 20% mais pobres perderam 7,6% de sua renda no período 1989-2004, enquanto a renda dos 20% mais ricos cresceu 16,8%. Após declinar durante a década de 1980, a renda das famílias do grupo dos 20% mais ricos passou a obter uma participação sem precedentes da renda total que era de 41% em 1989 e 44% em 2004.³⁹

Mesmo com os acordos de livre comércio e todas as similaridades entre os dois países, a partir de 2002, durante o período da administração de George W Bush, ocorre o reinício de fortes tensões nas relações econômicas e uma nova tentativa canadense por uma terceira via que buscasse diminuir sua dependência em relação aos Estados Unidos.

Um dos principais motivos que trariam à tona a nova busca por uma terceira via pode ser buscada na reação americana aos atentados de 11 de setembro de 2001 e à conseqüente implementação de medidas referentes ao endurecimento dos controles de fronteira e os impedimentos criados para a integração das cadeias produtivas que acabaram por gerar um aumento nos custos de produção em ambos.

As restrições de segurança criadas nas fronteiras de acordo com o estudo realizado por Jackson, Robideaux & Taylor (2003) geraram um aumento médio de 2,3% nos custos do comércio bilateral, sendo que estes custos teriam sido acrescidos em US\$ 4 bilhões devido ao tempo de trânsito e incerteza na fronteira e em US\$6,28 bilhões devido a custos relativos à política comercial. Já o relatório da

³⁹ We were promised that the income benefits of NAFTA would be widely shared among Canadians. However, average wages have stagnated while profit income as a share of the income pie has increased to record levels. After four decades of declining inequality, after-tax-and-transfer family income inequality widened during the free trade area. According to Statistics Canada, the bottom 20 percent of families saw their incomes fall by 7.6 percent during 1989-2004, while the incomes of the top 20 percent of families rose 16.8 percent. After declining during the 1980s, the incomes of the top 20 percent of families grabbed and unprecedented extra share of the income pie during 1989-2004 - 41 percent to 44 percent.

Coalition for Secure and Trade-Efficient Borders (2005) aponta para o fato de que os tempos médios de processamento nas alfândegas aumentaram em 200% entre 2001 e 2004, passando de 45 segundos para 2,15 minutos. De acordo com este relatório, os custos do aumento de burocracia e atrasos fizeram, por exemplo, aumentar em US\$ 800,00 o preço de qualquer veículo produzido na América do Norte.

Além disto, é importante destacar que outra causa que pode explicar parcialmente o declínio das relações comerciais entre Canadá e Estados Unidos pode estar relacionado com a ascensão dos países do Leste Asiático e especialmente da China, que abriram novas alternativas comerciais para ambos os países.

Outro aspecto a ser considerado é o impacto da crise econômica a partir de 2008 e as medidas protecionistas decorrentes da mesma. O Congresso americano aprovou dentro do pacote de estímulos à economia uma disposição referente à compra de produtos feitos no país. Em decorrência desta medida, o *U.S. Office of Management and Budget* determinou que as empresas canadenses fossem excluídas de licitações que envolvessem projetos de governos estaduais e municipais nos Estados Unidos, embora não existisse nenhuma política de reciprocidade por parte do Canadá (FERGUSON, 2009).

A própria imposição de um modelo econômico mais pró-mercado que chegou ao auge com o NAFTA, criou uma série de resistências entre diversos setores da sociedade canadense e o fortalecimento dos movimentos nacionalistas, interessados não apenas em manter a soberania do Canadá como país, mas também criar condições para um desenvolvimento econômico que pudesse ultrapassar o modelo em que o país se consolidava como um exportador de *staples* para os Estados Unidos. A implementação do NAFTA dificultou sensivelmente a diversificação da economia canadense, visto que foram abandonadas as políticas desenvolvimentistas do governo típicas de outros momentos históricos e o mercado por si só, evidentemente, não foi capaz de criar as condições para tornar o setor industrial canadense competitivo e produtivo a ponto de disputar mercados com os americanos.

4.3.1.1 As Relações de Comércio e Investimento

O Canadá continua sendo o maior parceiro comercial dos Estados Unidos com um volume de comércio que atingiu, de acordo com o *US Census* de 2010, o valor de US\$ 526,7 bilhões (US\$ 249,1 bilhões em exportações e 277,6 bilhões em importações), o que representou uma queda de 11,74% nas relações comerciais quando comparado com o ano de 2008, sendo uma queda de 17,28% nas importações e de 9,67% nas exportações americanas para o Canadá. Em 2010, as exportações para o Canadá representavam 19,32% de todas as exportações e as importações representavam 14,35%, um pequeno decréscimo quando comparado ao ano de 2009, em que estes percentuais eram respectivamente de 19,4% e 14,4% (US Census, 2011).

Pelo lado canadense, as importações oriundas dos Estados Unidos representavam 62,82% de todas as suas importações (tabela 16), enquanto as exportações para o país vizinho representavam 73,28% (tabela 17). Estes percentuais são decrescentes, no entanto, desde 2002, no caso das exportações quando atingiram o percentual de 83,82% e das importações desde 1998 quando chegaram a 77,05%. Não obstante, a participação canadense tanto no que concerne a importações como exportações venha diminuindo, em relação ao mercado americano nos últimos anos, esta permanece ainda muito elevada e sem exemplos similares com outros países. Conforme destaca Ferguson (2010, p.3), no que diz respeito aos principais produtos de exportação e importação dos Estados Unidos para o Canadá pode-se observar que:

Carros e peças para carros lideram as exportações americanas para o Canadá, e também ocupam o segundo lugar nas importações. Agricultura e máquinas de construção, computadores, outras máquinas, produtos aeroespaciais e peças, química básica, remédios, ferro e aço e instrumentos de precisão são outros produtos que se destacam nas exportações americanas. Os principais produtos importados do Canadá, excluindo-se o setor automotivo são energia (gás natural, petróleo e eletricidade), celulose, papelão, produtos aeroespaciais, metais não ferrosos e processados (ex. alumínio) e produtos químicos básicos.⁴⁰

⁴⁰ Autos and auto parts represent the top US exports to, and second-largest imports from, Canada. Agriculture and construction machinery, computer equipment, general purpose machinery, aerospace product and parts, basic chemicals, pharmaceutical and medicines, iron and steel and precision instruments are other major U.S. exports. Primary U.S. imports from Canada outside the automotive sector are energy (natural gas, petroleum products, electricity), pulp, paperboard, aerospace products and parts, nonferrous metal and processing (ex. aluminum) and basic chemicals.

Em 2010, cerca de 53% do valor aduaneiro importado pelos Estados Unidos estavam concentrados em três categorias de produtos que incluíam combustíveis minerais, veículos e autopeças e maquinarias, e 71,82% do valor das importações americanas estavam concentradas em apenas dez categorias de produtos de um total de noventa e oito categorias apresentadas pela *United States Trade Commission* (Tabela 10).

Tabela 10 - Percentual de Importações Americanas para Consumo em Valor Aduaneiro provenientes do Canadá (2010)

Categoria	Percentual
Combustíveis minerais, óleos minerais e destilados, ceras minerais	29,82
Veículos com exceção de trens, peças e acessórios para veículos	16,69
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas e peças	6,39
Plásticos e artigos de plástico	3,28
Máquinas e equipamentos elétricos	2,87
NESOI- produtos de classificação especial	2,83
Papel, papelão e artigos de papel	2,72
Metas preciosos, pedras preciosas e semipreciosas	2,66
Alumínio e artigos de alumínio	2,58
Madeira e artigos de madeira, carvão vegetal	1,97
Outros	28,1

Fonte: United States Trade Commission-US Imports for Consumption and Customs Value from Canada.

Não obstante, como pode ser observado, na tabela 11, a pauta de exportações americanas para o Canadá é mais diversificada do que a de importações, sendo que as três categorias principais de produtos representam 39,96%, as cinco categorias principais 50,76% e as dez categorias principais 64,36 %.

Tabela 11 - Percentual do valor de exportações americanas para o Canadá (2010)

Categoria	Percentual
Veículos com exceção de trens, peças e acessórios para veículos	19,01
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas e peças	13,95
Máquinas e equipamentos elétricos	7,00
Combustíveis minerais, óleos minerais e destilados, ceras minerais	5,64
Plásticos e artigos de plástico	5,16
NESOI- produtos de classificação especial	3,01
Ferro e aço	2,77
Fotografia, cinematografia, instrumentos e aparelhos médicos e cirúrgicos	2,73
Artigos de ferro e aço	2,62
Papel, papelão e artigos de papel	2,47
Outros	35,64

Fonte: United States Trade Commission-US Exports at FAS Value to Canada.

A Balança de Serviços também apresenta papel de destaque entre os dois países, muito embora possa ser observado que a partir do ano 2000, a participação americana tanto no que concerne a pagamentos como recebimentos por serviços venha caindo. A importação de serviços cresce nos primeiros anos de implementação do NAFTA, passando de 61,55% em 1995 para 63,64% em 2000, atingindo o pior nível em 2008 com 56,24% e recuperando-se parcialmente no pós crise com 57,36% em 2010. Os dados evidentemente demonstram ainda a grande dependência de importação de serviços americanos, muito embora ocorra uma queda média anual no período 2000-2010 de 0,9% (Tabela 12).

Tabela 12 - Balança de Serviços do Canadá – Pagamentos (1995-2010)

Ano	Total Milhões (US\$)	Estados Unidos Milhões (US\$)	% Estados Unidos
1995	45.933	28.271	61,55
1996	48.961	31.280	63,89
1997	52.619	32.897	62,52
1998	56.549	35.142	62,14
1999	60.272	38.312	63,57
2000	65.500	41.686	63,64
2001	67.874	41.286	60,83
2002	70.707	42.294	59,82
2003	73.302	43.464	59,29
2004	76.417	44.767	58,58
2005	79.654	46.392	58,24
2006	82.521	46.694	56,58
2007	88.593	50.278	56,75
2008	94.048	52,890	56,24
2009	90.427	51.133	56,55
2010	94.011	53.928	57,36

Fonte: Statistics Canada: CANSIM- Tabela 376-0001 (2011c).

Quanto à exportação de serviços para os Estados Unidos, observa-se também, que no período inicial após a implementação do NAFTA ocorre um aumento neste tipo de transação passando de 56,36% em 1995 para 61,33% em 1999. Após o ano de 1999, novamente observa-se uma queda nestas exportações, atingindo-se um patamar de 53,97% em 2010, representando uma queda média anual de 0,92% (Tabela 13).

Tabela 13 - Balança de Serviços do Canadá – Recebimentos (1995-2010)

Ano	Total Milhões (US\$)	Estados Unidos Milhões (US\$)	% Estados Unidos
1995	35.796	20.175	56,36
1996	39.886	22.331	55,99
1997	43.755	24.901	56,91
1998	50.223	29.258	58,26
1999	53.636	32.896	61,33
2000	59.718	36.601	61,29
2001	60.065	35.736	59,50
2002	63.483	37.834	59,59
2003	61.781	35.710	57,80
2004	65.381	37.446	57,27
2005	67.599	38.260	56,60
2006	68.386	36.781	53,78
2007	69.804	38.102	54,58
2008	72.484	38.770	53,49
2009	68.292	37.402	54,77
2010	71.252	38.458	53,97

Fonte: Statistics Canada: CANSIM- Tabela 376-0001 (2011c).

No que diz respeito aos investimentos diretos canadenses nos Estados Unidos, estes apresentaram uma tendência de queda, desde o primeiro ano do NAFTA, caindo de 52,45%, em 1995 , para 40,52% em 2010, conforme tabela 14.

Tabela 14 - Investimentos Diretos do Canadá no Exterior (1995-2010)

Ano	Total Milhões (US\$)	Estados Unidos Milhões (US\$)	% Estados Unidos
1995	161.237	84.562	52,45
1996	181.238	93.939	51,83
1997	218.607	110.707	50,64
1998	262.909	133.267	50,69
1999	290.730	151.775	52,20
2000	356.506	177.943	49,91
2001	399.253	188.481	47,21
2002	435.404	199.992	45,93
2003	412.217	169.505	41,12
2004	448.546	198.460	44,25
2005	452.195	202.398	44,76
2006	518.839	224.020	43,18
2007	513.140	226.453	44,13
2008	642.026	288.900	45,00
2009	621.181	252.387	40,63
2010	616.689	249.910	40,52

Fonte: Statistics Canada: CANSIM-Tabela 376-0051 (2011d).

Já os investimentos diretos americanos no Canadá caem de 67,16% em 1995 para 54,51% em 2010 (tabela 15). A diminuição dos investimentos diretos entre os dois países pode parcialmente ser explicada pelo fato de que o próprio acordo de livre comércio ter tornado desnecessário ou pouco interessante o investimento em filiais estrangeiras devido à queda de proteções tarifárias para importações. Além disto, deve-se levar em consideração o fato dos custos de produção serem mais baixos no México do que nos Estados Unidos e Canadá gerando o deslocamento de investimentos para este país.

Tabela 15 - Investimentos Diretos Estrangeiros no Canadá (1995-2010)

Ano	Total Milhões (US\$)	Estados Unidos Milhões (US\$)	% Estados Unidos
1995	168.167	112.948	67,16
1996	182.126	121.943	66,96
1997	194.277	128.978	66,39
1998	219.389	146.893	66,96
1999	252.563	176.045	69,70
2000	319.116	193.651	60,68
2001	340.429	219.927	64,60
2002	356.819	231.566	64,90
2003	373.685	238.057	63,71
2004	379.450	243.328	64,13
2005	397.828	251.477	63,21
2006	437.171	265.096	60,64
2007	510.139	290.983	57,04
2008	542.732	295.400	54,43
2009	547.578	291.369	53,21
2010	561.616	306.141	54,51

Fonte: Statistics Canada: CANSIM- Tabela 376-0051 (2011d).

4.3.1.2 As opções canadenses: entre a extrema dependência e a diversificação das relações econômicas externas.

No início do Século XXI, com a ascensão do conservadorismo nos Estados Unidos e as restrições nas fronteiras, as diferenças que uma década atrás pareciam ter desaparecido voltaram a ressurgir, levando-se a indagação de se a “relação especial” entre Canadá e Estados Unidos deverá permanecer no longo prazo ou se a terceira via canadense finalmente obterá êxito. A própria adesão do México ao

NAFTA também cria complicações para negociações que visassem restabelecer a liberdade nas fronteiras.

Além disto, outros acontecimentos podem servir de incentivo a uma nova tentativa canadense por sua terceira via, ou seja, uma maior aproximação com a União Europeia e a emergência de novos mercados promissores para seus produtos, entre eles com grande destaque a China, mas também os mercados da Índia e Brasil.

Neste contexto, voltou a ganhar grande força nos últimos anos o debate no Canadá sobre o caminho a ser seguido entre a diversificação das relações econômicas ou o aumento da dependência em relação aos Estados Unidos. Embora o debate sobre as questões de fronteira nos Estados Unidos praticamente restrinja-se a questões de imigração e segurança, pelo lado canadense questões históricas sobre o interesse ou conveniência de estreitamento dos laços e os riscos de perda de soberania voltaram à tona.

Os defensores de uma maior aproximação com os Estados Unidos alegam que os episódios ocorridos em 11 de setembro mostram a necessidade de aumentar a cooperação com o país vizinho devido aos fluxos comerciais e à dependência econômica gerada por estes. Neste sentido, diversas opções de maior aproximação têm sido discutidas entre os *policymakers* que vão desde uma maior harmonização de regulamentos até opções de longo prazo como a criação de uma união monetária, de um perímetro de segurança, de um mercado comum e de uma união alfandegária.

Uma das ideias dos defensores da maior integração é a criação de um “NAFTA PLUS” com o objetivo de aprofundar a cooperação entre os membros do NAFTA, visto que os novos acordos de livre comércio assinados tanto pelos Estados Unidos como pelo Canadá com outros países não pertencentes ao bloco teriam diminuído a importância relativa deste acordo. Neste sentido foi instituído em 2005 a *Security and Prosperity Partnership* (SPP).

A SPP busca, além da implementação de estratégias comuns relativas à segurança de fronteiras, apresentar alternativas de cooperação nos setores de energia, transportes e serviços financeiros, assim como para a redução de pirataria e liberalização das regras de origem.

Outra medida apoiada pelos defensores da maior integração é a criação de um perímetro de segurança, que faria com que os procedimentos de segurança

exigidos pelos Estados Unidos ocorressem no primeiro contato de uma pessoa ou bem com a América do Norte e não necessariamente nos Estados Unidos. Porém, estas medidas além de controversas não só pela imposição americana das regras de segurança sobre os outros dois países do NAFTA e aos constrangimentos impostos a visitantes de outros países, também exigiria no caso dos bens, a padronização de inspeções e o perfeito compartilhamento de informações sobre as avaliações de possíveis ameaças aos Estados Unidos. E de qualquer forma estas medidas em nada afastariam as ameaças que pudessem ser provenientes do próprio território incluído no perímetro de segurança.

Outra discussão que ganhou destaque foi a possível criação de uma União Monetária, na qual o dólar canadense seria atrelado ao valor do dólar americano, ou o Canadá passaria a utilizar o próprio dólar americano ou mesmo seria criada uma nova moeda chamada de Amero, que substituiria os dólares americanos e canadenses e o peso mexicano. Neste sentido, os defensores da União Monetária argumentam que esta união forçaria o Canadá a realizar os ajustes estruturais necessários para se tornar mais competitivo em relação aos Estados Unidos. Dessa forma, o Canadá convergiria naturalmente para a política macroeconômica americana que historicamente se caracterizou por taxas de juros e de inflação inferiores às suas. Os opositores a essas medidas argumentam que a União Monetária constituir-se-ia em uma perda inaceitável da soberania econômica e política, perdendo os instrumentos de combate à inflação ou contra recessões, em um contexto em que essas economias reagem diferentemente a possíveis crises, necessitando então de mecanismos diferenciados de ajustes (FERGUSON, 2010).

Quanto à criação de um mercado comum, este deveria incluir não apenas o livre comércio de bens e serviços, mas também a livre movimentação de capital e trabalho. A crise de 2008 e seus efeitos sobre o desemprego nos Estados Unidos, por si só tornaria praticamente inviável neste momento esta proposta que certamente não contaria com o apoio deste país. Outra questão seria a própria participação do México neste mercado comum, já que é membro do NAFTA. Certamente, o governo americano, como observado historicamente, se oporia à livre movimentação de trabalho com este país. Além disto, a criação de um mercado comum exigiria uma maior harmonização legal e a criação de instituições supranacionais para seu bom funcionamento.

A união alfandegária também seria utilizada para a eliminação de tarifas, o que já é previsto pelo NAFTA, mas também para criar barreiras comerciais com os outros países do mundo com criação de tarifas semelhantes. Porém como observa Fergusson (2010, p.23) “Uma união aduaneira não implica em uma harmonização ou reconhecimento mútuo de regulamentação de cada nação. Portanto, uma presença nacional na fronteira continuaria a ser necessária”.

Embora todas as ideias anteriores venham recebendo espaço no debate canadense, a procura do governo deste país em colocar em vigor novas FTAs e FIPAs e os dados referentes às relações econômicas com os Estados Unidos tem demonstrado que o Canadá na última década vem buscando como prioridade a diversificação das relações econômicas para seu desenvolvimento econômico.

De acordo com relatório fornecido pelo Departamento *Foreign Affairs and International Trade* (2011) entraram em vigência na última década os seguintes acordos de livre comércio:

- a) *Canada- Costa Rica Free Trade Agreement (CCRFTA)* em 2002;
- b) *Canada- European Free Trade Association* (Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça) em 2009;
- c) *Canada- Peru Free Trade Agreement* em 2009;
- d) *Canada- Colombia Free Trade Agreement* em 2011.

Também já foram assinados, porém ainda não estão em vigor, os seguintes acordos: *Canada- Jordan FTA* (2009), *Canada- Panamá FTA* (2010). Por sua vez o *Canada- Honduras FTA* teve suas negociações concluídas em agosto de 2011.

Encontram-se ainda em fase de negociação os seguintes acordos de livre comércio: *Canada-Turkey FTA*, *Canada-Ukraine FTA*, *Canada-Morocco FTA*, *Canada- European Union: Comprehensive Economic and Trade Agreement (CETA)*, *Canada-Korea FTA*, *Canada-Andean Community Countries FTA*, *Canada-Caribbean Community (CARICOM)*, *Canada-Dominican Republic FTA*, *Canada-Central America Four (CA4)*; *Canada-India FTA*, *Canada-Singapore FTA* e a *Free Trade Area of the Americas (FTA)*.

Em relação aos acordos de Promoção e Proteção de Investimentos Estrangeiros (*Foreign Investment Promotion and Protection-FIPAs*) entraram em vigor na última década:

- a) Canada-Croatia FIPA (2001);
- b) Canada-Peru FIPA (2007);
- c) Canada-Jordan FIPA (2009).

Já estão com negociações concluídas os seguintes acordos: Canada-Madagascar FIPA e o Canada- Bahrain FIPA. As FIPAs que ainda estão em fase de negociação são: Canadá-Mali, Canadá-Tunísia, Canadá-Tanzânia, Canadá-Indonésia, Canadá-Vietnã, Canadá-Mongólia, Canadá-Índia, Canadá-China e Canadá-Kuwait.

Outros acordos e memorandos externos também têm sido assinados pelo Canadá, dos quais destacam-se:

- a) O *Bilateral Air Negotiations between Canada and Foreign Countries* com os seguintes países: Croácia (2006), Sérvia (2006), Irlanda (2007), Kuwait (2007), Jordânia (2007), Islândia (2007), México (2007), Barbados (2008), Filipinas (2008), Panamá (2008), República Dominicana (2008), Turquia (2009), Coreia do Sul (2009), Nova Zelândia (2009), África do Sul (2009), União Européia (2009), Cuba (2010), Marrocos (2010), Etiópia (2010), Tunísia (2010), El Salvador (2010), Suíça (2010), Jamaica (2010), Trinidad e Tobago (2010), Egito (2010), Argélia (2011), Qatar (2011), Brasil (2011), Costa Rica (2011), México (2011) e Japão (2011);
- b) O Memorando de Entendimento entre o Ministro da Economia dos Emirados Árabes Unidos e o Departamento de Relações Exteriores e Comércio Internacional do Canadá em Cooperação Econômica, Comércio e Investimento que tem por objetivo fortalecer as relações econômicas nas áreas de comércio, indústria e investimentos.

De fato, embora o Canadá continue profundamente dependente das relações comerciais com os Estados Unidos, tanto no que diz respeito a importações como exportações, observa-se de acordo com os dados do período 1995-2010, com base no Balanço de Pagamentos, que a participação americana vem caindo no que diz respeito tanto as importações como as exportações.

No caso das importações dos Estados Unidos, observa-se que neste período a participação americana vem caindo em termos percentuais desde 1998 quando atingiu o patamar de 77,05% chegando a 62,82% em 2010, conforme tabela 16.

Tabela 16 - Importação de Bens com Base no Balanço de Pagamentos em US\$ milhões (1995-2010)

Ano	TOTAL DE IMPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS	%
1995	229.936,50	172.516,50	75,03
1996	237.688,60	180.010,10	75,73
1997	277.726,50	211.450,80	76,14
1998	303.398,60	233.777,60	77,05
1999	327.026,00	249.485,30	76,29
2000	362.336,70	266.511,10	73,55
2001	350.071,20	254.330,70	72,65
2002	356.727,10	255.232,50	71,55
2003	342.709,50	240.356,30	70,13
2004	363.157,80	250.038,30	68,85
2005	387.837,80	259.332,90	66,87
2006	404.345,40	265.088,30	65,56
2007	415.683,10	270.066,90	64,97
2008	443.751,70	281.555,40	63,45
2009	374.096,80	236.288,90	63,16
2010	413.832,80	259.952,70	62,82

Fonte: Statistics Canada- CANSIM, Tabela 228-0003 (2011e).

Quanto às exportações de bens para o mercado americano, observa-se que em termos percentuais, no período 1995-2010 ocorre um aumento das mesmas até 2002, quando atingem a marca de 83,82% e a partir de então decrescem até chegar a 73,28% em 2010, conforme tabela 17:

Tabela 17 - Exportação de Bens com Base no Balanço de Pagamentos em US\$ milhões (1995-2010)

Ano	TOTAL DE EXPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES PARA OS ESTADOS UNIDOS	%
1995	265.333,90	205.690,60	77,52
1996	280.079,30	222.461,30	79,43
1997	303.378,20	242.542,30	79,95
1998	327.161,50	269.318,90	82,32
1999	369.034,90	309.116,80	83,76
2000	429.372,20	359.021,20	83,62
2001	420.730,40	352.165,00	83,70
2002	414.038,50	347.051,80	83,82
2003	399.122,10	328.983,30	82,43
2004	429.005,80	350.576,30	81,72
2005	450.210,00	368.278,90	81,80
2006	453.951,90	361.442,10	79,62
2007	463.120,40	355.731,50	76,81
2008	489.995,40	370.015,30	75,51
2009	369.528,80	271.173,80	73,38
2010	404.834,20	296.672,00	73,28

Fonte: Statistics Canada- CANSIM, Tabela 228-0003 (2011e).

Da mesma forma, quando é feita uma análise dos principais países exportadores para o Canadá com base alfandegária, percebe-se que no período entre 2001 e 2010, em média, as exportações americanas têm caído 0,8% ao ano, mas ainda representam mais de 50% das importações canadenses. Destaca-se também o elevado crescimento de importações oriundas da China com um crescimento médio de 14,9% ao ano, mas que ainda representam apenas 11% das importações. A entrada do México no NAFTA parece também ter contribuído para o aumento das importações deste país que cresceram em 6,9% ao ano, mas ainda representavam apenas 5,5% das importações canadenses. As importações do Reino Unido são as que apresentam maior declínio, em média 1% ao ano no

período analisado. Observa-se também, que mais de 80% do valor das importações concentram-se em apenas dez países conforme a tabela 18.

Tabela 18 - Principais Países Exportadores de Bens para o Canadá- Base Alfandegária (2010)

Ranking	País	Valor em Bilhões de CAD (2010)	Média Anual de Crescimento (%) 2001-2010	Variação % 2009-2010	% Total de Importações (2010)
1	Estados Unidos	203,4	-0,8	8,9	50,4
2	China	44,5	14,9	12,3	11,0
3	México	22,1	6,9	33,7	5,5
4	Japão	13,4	-0,9	8,9	3,3
5	Alemanha	11,3	3,9	5,9	2,8
6	Reino Unido	10,7	-1,0	14,0	2,6
7	Coréia do Sul	6,1	3,3	3,6	1,5
8	França	5,4	-0,2	-3,5	1,3
9	Itália	4,7	1,6	4,8	1,2
10	Taiwan	4,0	-1,2	18,7	1,0
	10 Principais Países	325,7	1,1	10,5	80,6
	Outros Países	78,2	5,8	11,1	19,4
	TOTAL	403,9	1,8	10,6	100

Fonte: Statistics Canada. Canadian International Merchandise Trade (2001-2010).

No que diz respeito às exportações canadenses, pode-se observar que mesmo que os Estados Unidos ainda representem cerca de 75% de todas as exportações canadenses, entre 2001-2010 estas caíram em média 1,8% ao ano. Destacam-se neste sentido, o aumento das exportações principalmente para o Reino Unido, China e Brasil, muito embora estes três países juntos representassem apenas 8% das exportações canadenses. Observa-se, também, que cerca de 90% das exportações estão concentradas apenas em dez países conforme demonstrado na tabela 19.

Tabela 19 - Principais Países Importadores de Bens Canadenses – Base Alfandegária (2001-2010)

Ranking	País	Valor em Bilhões de CAD (2010)	Média Anual de Crescimento (%) 2001-2010	Varição % 2009-2010	% Total de Exportações (2010)
1	Estados Unidos	299,1	-1,8	10,7	74,9
2	Reino Unido	16,4	14,0	35,6	4,1
3	China	13,2	13,4	18,7	3,3
4	Japão	9,2	1,1	10,6	2,3
5	México	5,0	6,9	4,2	1,3
6	Alemanha	3,9	3,3	5,3	1,0
7	Coréia do Sul	3,7	7,0	5,2	0,9
8	Holanda	3,3	8,6	18,7	0,8
9	Brasil	2,6	11,6	60,4	0,6
10	Noruega	2,5	11,1	43,3	0,6
	10 Principais Países	358,9	-0,7	12,2	89,9
	Outros Países	40,5	6,3	1,2	10,1
	TOTAL	399,4	-0,1	11,0	100

Fonte: Statistics Canada. Canadian International Merchandise Trade (2001-2010).

Como pode ser observado na última década, a tendência de maior participação americana na economia canadense acabou não se confirmando quando analisam-se dados referentes a importações, exportações e investimentos diretos. Da mesma forma, previa-se que o Canadá atrairia maiores investimentos diretos americanos e se tornaria uma plataforma preferencial de exportação de produtos para o mercado americano, o que também não se concretizou com a perda de participação dos produtos canadenses naquele mercado.

A perda de participação no mercado americano com a exportação de um limitado número de produtos, por outro lado abre uma série de novas oportunidades a serem exploradas e podem definitivamente libertar o país do modelo exportador de poucos produtos ou mesmo de um modelo de *staples*, algo bastante improvável até pouco tempo atrás, em uma atmosfera em que o Canadá era visto como um mero fornecedor de matérias-primas e produtos para o mercado americano.

Não obstante, os dados demonstram também que o Canadá continua profundamente dependente dos Estados Unidos em seu comércio exterior, e que embora a busca de novos acordos de livre comércio pareça estar abrindo novos

horizontes para a economia canadense, principalmente com parceiros como os países europeus e a China e também com outros países emergentes como Brasil e Índia, o caminho a ser percorrido é muito longo até que estes possam realmente representar um papel de destaque na Balança Comercial canadense. Porém, muitos destes acordos são bastante recentes, e a maioria deles ainda encontra-se em fase de negociação o que pode gerar impactos de mais longo prazo na economia canadense. O que é certo é o fato de que novos rumos para a economia canadense estão sendo buscados, e que a hipótese de que o Canadá deveria tentar abandonar a procura de novos parceiros visando ampliar ainda mais a integração econômica com os Estados Unidos perdeu força na última década.

5 CONCLUSÃO

A história da economia canadense foi desde o período colonial marcada pela forte dependência em relação a um único país mais desenvolvido. Entre os séculos XVI e XIX, as então Colônias Britânicas da América do Norte sustentaram seu desenvolvimento econômico na exportação de poucas *staples* para a Inglaterra. Porém, já no século XIX, a decadência do Império Britânico, a revogação de leis que priorizavam o comércio com as colônias aliado a questões políticas, geográficas e naturais facilitaram as relações comerciais e de investimentos com os Estados Unidos. Neste período, começa a transição da dependência econômica inglesa para a americana que perdura até os dias atuais.

A participação de empresas e capital americano na economia canadense inicia na década de 1850 com a migração de industriais americanos que buscavam suprir com seus produtos as carências do mercado local. Já no início da década de 1870, o capital americano foi atraído pela abundância de recursos naturais que poderiam ser explorados no Canadá e que eram essenciais para suprir os mercados e indústrias americanas que se encontravam em forte expansão. Com a *National Policy* e seus instrumentos de proteção ao mercado doméstico através de políticas tarifárias, ocorreu no início do século XX, a implantação de filiais de empresas americanas em território canadense com o objetivo de manter a participação neste mercado dificultada por estas medidas.

Desde a década de 1840, as relações comerciais entre os dois países começam a ganhar destaque. O Tratado de Reciprocidade que entrou em vigor em 1854 desempenhou um papel relevante no estreitamento dos laços comerciais mesmo que tenha sido revogado apenas doze anos depois de sua implementação. Desde então, e mesmo com um grande conjunto de medidas protecionistas de ambos os lados, o comércio entre os dois países cresceu acentuadamente. Se em 1886, 44% das exportações e 45% das importações canadenses eram destinadas aos Estados Unidos, estas atingiram 45% e 65% respectivamente em 1913, 60% e 75% em 1955 e 73% e 62% em 2010 (BRECHER; REISMANN, 1957 & STATISTICS CANADA, 2011e).

Os investimentos diretos americanos na economia canadense também preponderaram nos séculos XX e XXI. Em 1900, os investimentos diretos

americanos representavam apenas 13,6% do total de investimentos diretos estrangeiros no Canadá contra 85,2% de investimentos ingleses, já em 1926 os Estados Unidos ultrapassou a Inglaterra com 53,2% contra 43,9% e em 1945 já era responsável 70,3% destes investimentos (FIRESTONE, 1958). Até o início dos anos 2000, os níveis de investimentos diretos americanos na economia canadense mantiveram-se próximos dos observados em 1945, começando a cair de forma mais significativa somente a partir de 2006 (STATISTICS CANADA, 2011d).

Cabe destacar que os investimentos americanos possuíram desde o início características distintas dos ingleses. Enquanto os investimentos ingleses foram empregados principalmente em obras de infraestrutura (principalmente na construção de ferrovias), os investimentos americanos foram direcionados para a exploração dos recursos naturais daquele país, assim como na construção de fábricas que visavam atender o mercado interno canadense, mas principalmente o mercado americano.

Desde o século XIX, ao mesmo tempo em que tenta manter os laços comerciais com os Estados Unidos necessários ao seu desenvolvimento econômico, o Canadá tem buscado alternativas para reduzir a extrema dependência em relação ao país vizinho que em muitos casos ameaçaram inclusive sua soberania como nação. Os casos mais notórios de tentativa de protecionismo econômico e político em relação aos Estados Unidos ocorreram entre a Confederação (1867) até o final da II Guerra Mundial.

Já em 1867 havia forte preocupação no recém formado país sobre a possibilidade de sua anexação pelos Estados Unidos. Com o intuito de criar uma economia e nação autônoma em relação aos americanos, o Canadá buscou estreitar os laços com os países europeus e aprimorar o seu sistema de transporte através do *St. Lawrence River*. Em 1879, com a *National Policy* e suas tarifas protecionistas direcionadas contra os Estados Unidos buscou-se desenvolver a atividade industrial no país, o que acabou atraindo a instalação de filiais das empresas americanas no Canadá.

Mesmo com valores culturais distintos, medidas protecionistas e as tentativas de aproximação com a Europa, a dependência foi aumentando e se consolidando no século XX. As empresas americanas, cada vez mais passaram a ocupar um lugar de destaque no desenvolvimento econômico canadense, principalmente nos setores industriais, de construção e mineração. O mercado canadense passou a ser

dominado por produtos ou fabricados nos Estados Unidos ou produzidos no Canadá com as mesmas características dos produtos americanos e que se adaptavam às preferências dos consumidores americanos e não necessariamente às preferências dos canadenses. Além disto, o setor industrial canadense adotou as mesmas características do americano fundando-se na concentração de capital, produção em massa e especialização na produção.

No entanto, não se pode dizer que o processo de alinhamento aos Estados Unidos tenha atingido seu estágio máximo até a II Guerra Mundial, visto que questões históricas aliadas a valores sociais e culturais bastante distintos dos americanos geravam resistências a este processo. Porém, após a II Guerra Mundial, esta resistência começa a perder espaço diante do poderio econômico e militar da superpotência americana. A não existência de outra possibilidade a não ser o apoio irrestrito à potência hegemônica em tempos de Guerra Fria aproximou e estreitou ainda mais as relações entre os dois países, acentuando sensivelmente a relação de dependência.

A crise dos anos de 1970 e as medidas tomadas pelo governo Nixon que levaram à desvalorização da moeda americana e à criação de sobretaxas sobre as importações feitas pelos Estados Unidos, não tardariam em deixar claro os riscos de uma subordinação tão profunda a um outro país. Mesmo com o ressurgimento de um forte nacionalismo no Canadá diante da crise e a tentativa de implementação de uma terceira via entre o modelo americano e europeu, o fato é que o *Auto Pact* da década anterior já tinha aberto os novos caminhos das relações econômicas entre Canadá e Estados Unidos que seriam fortalecidos no final dos anos de 1980 com o FTA e na metade dos anos de 1990 com o NAFTA.

Os acordos de livre comércio, que passaram a incluir, não apenas o comércio de bens, mas também de serviços, representaram o auge da dependência canadense. Isto ocorreu, não apenas em questões econômicas como exportações, importações e investimentos, mas também com a perda de soberania de suas instituições e instâncias legais que obrigaram-se a respeitar e acatar decisões embasadas em legislações tipicamente americanas que em muitos casos contrapunham-se à tradição legal canadense. O estado social construído durante o século XX e que era um dos principais diferenciais entre estes modelos econômicos sofreu também um processo de desmantelamento com a diminuição de investimentos estatais em projetos com fim não-militar. A perda de soberania, a

diminuição do estado de bem-estar viria também acompanhada do aumento da concentração de renda com destaque para os 5% mais ricos da população. Os anos de 1990 foram, sem dúvida, marcados pela assimilação do modelo econômico americano e pela convergência com os valores sociais dos Estados Unidos.

No entanto, o início do século XXI é marcado por um novo cenário envolvendo a relação entre os dois países. A ascensão do conservadorismo republicano e as medidas tomadas pelo governo americano no pós 11 de setembro trouxeram novamente à tona as diferenças existentes entre Canadá e Estados Unidos. A possível convergência de valores e culturas mostra-se novamente inconsistente com o mundo real. No campo econômico, as restrições de fronteira, além de aumentarem os custos de comércio, constituíram-se em um elemento novo e gerador de atritos que o Canadá parece pouco disposto a apoiar incondicionalmente e novamente demonstram os riscos da excessiva dependência. A convergência para um modelo econômico americano voltado excessivamente para o mercado e com diminuição dos investimentos sociais acabou por incentivar novamente os movimentos nacionalistas no país.

Entre a consolidação da dependência ou a busca de novas alternativas, o Canadá no início do século XXI optou pela segunda opção através de acordos de comércio bilaterais ou multilaterais com diversos países ou blocos econômicos. Embora estes acordos estejam em vigor há pouco tempo e outros ainda em fase de negociação, os Estados Unidos nestes últimos dez anos vem perdendo participação percentual nas exportações e importações assim como nos investimentos diretos do Canadá.

Com acordos tão recentes com outros países, ainda é bastante difícil saber qual será o real impacto destes sobre a dependência econômica em relação aos Estados Unidos. O comércio com a China vem ganhando grande destaque nos últimos anos e a média anual de crescimento de exportações para este país foi de 13,4% ao ano, mas ainda representam um volume baixo do total de exportações, embora possam crescer substancialmente pela exportação de riquezas naturais necessárias para o desenvolvimento chinês. As exportações para a Europa também tem crescido nestes últimos dez anos, principalmente para o Reino Unido, com um crescimento médio de 14% ao ano entre 2001 e 2010, Alemanha 3,3% ao ano, Holanda 8,6% ao ano e Noruega 11,1% ao ano, porém estes países europeus representam ainda apenas cerca de 7% das exportações (tabela 18), já os Estados

Unidos que em 2001 era responsável por adquirir 83% das exportações canadenses, viu sua participação cair para cerca de 73% em 2010.

Até os dias atuais o Canadá continua profundamente dependente do comércio internacional para a manutenção de seu desenvolvimento econômico. Porém, o desenvolvimento industrial do país aliado as suas grandes e diversificadas riquezas naturais tem gerado, principalmente na última década, novas oportunidades de parcerias comerciais além dos Estados Unidos que, caso sejam bem sucedidas no médio e longo prazo, poderão pela primeira vez, desde o período colonial, fazer com que o Canadá deixe ser profundamente dependente de apenas um único outro país, como ocorreu inicialmente com a Inglaterra e posteriormente com os Estados Unidos. A redução da dependência unilateral, como demonstra a própria história do Canadá, é um elemento essencial para o sucesso de seu modelo econômico menos liberal que o americano, assim como para a preservação de seus valores culturais e sociais.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Michael. **Fire and Ice: The United States, Canada and the Myth of Converging Values**. Toronto: Pearson Penguin Canada Inc., 2004.

AITKEN, Hugh. **Discussion (on Buckley)**. Journal of Economic History 18, 1958.

_____ et al. **The American Economic Impact on Canada**. Durham: Duke University Press, 1959.

_____; EASTERBROOK, W. **Canadian Economic History**. Toronto: University of Toronto Press, 1956.

ANASTAKIS, Dimitry. **Auto Pact: Creating a bordless North American auto industry, 1960-1971**. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

AROSÉN, Lawrence. **From World War to Limited War: Canadian-American Industrial Mobilization for Defense**. Revue Internationale de Histoire Militaire, 1982.

BANTING, Keith. **State and Society: Canada in Comparative Perspective**. Toronto: University of Toronto Press, 1986.

BOTHWELL, Robert; ENGLISH, John. **Canadian Trade Policy in the Age of American Dominance and British Decline, 1943-47**. Canadian Review of American Studies 8, 1977.

BOUSFIELD, Arthur; TOFFOLY, Garry. **Royal Observations**. Toronto: Dundurn Press, 1991.

BOWDEN, Witt; KARPOVICH, Michael; USHER, A.P. **An Economic History of Europe since 1750**. New York: American Book Co., 1938.

BREBNER, J. Barlet. **North Atlantic Triangle: the Interplay of Canada, the United States and Great Britain**. New Heaven: Yale University Press, 1947.

BRECHER, Irving; REISMAN, S. **Canada-United States Economic Relations**. Ottawa: Royal Commission on Canada's Economic Prospects, 1957.

BROWN, Robert Craig. **Canada's National Policy, 1883-1890: A study in Canadian-American relations**. Princeton: Princeton University Press, 1964.

BUCKLEY, K.A.H. **The Role of Staple Industries in Canada's Economic Development**. Journal of Economic History 18, 1958.

BUREAU OF LABOR STATISTICS.US Department of Labor. Disponível em: <<http://www.bls.gov.br>>. Acesso em: 2 mai. 2011.

BURT, Alfred L. **The United States, Great Britain and British North America from the Revolution to the Establishment of Peace after the War of 1812.** New York: Russel & Russel, 1960.

CAMPBELL, Bruce; FINN, Ed. **Living with uncle: Canada-US Relations in an Age of Empire.** Toronto: James Lorimer & Company, 2006.

CAMPS, Miriam; DIEBOLD, William. **The New Multilateralism: Can the World trading System be saved?.** New York: Council on Foreign Relations, 1983.

CANADA YEAR BOOK. Ottawa: Queens Printer, 1956.

CLARKSON, Stephen. **Canada and the Reagan Challenge. Crises in the Canadian-American Relationship.** Toronto: Lorimer, 1982.

_____. **Uncle Sam and US: Globalization, Neoconservatism and the Canadian State.** Toronto: University of Toronto Press Inc, 2002.

_____. **The Special Relationship is over.** Disponível em: <<http://portalfornorthamerica.org/news/2008/12/specialrelationship-over>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

_____. **Canada's Secret Constitution: NAFTA, WTO and the End of Sovereignty.** Disponível em: <http://www.policyalternatives.ca/sites/default/files/uploads/publications/National_Office_Pubs/clarkson_constitution.pdf> Acesso em: 2 dez. 2011.

COALITION FOR SECURE AND TRADE-EFFICIENT BORDERS. **Rethinking Our Borders: A New North American Partnership,** 2005. Disponível em: <http://www.cme-mec.ca/pdf/Coalition_Report0705_Final.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2011.

COURCHENE, Thomas J. **FTA at 15, NAFTA at 10: A Canadian Perspective on North American Integration in DONALD, Savoie Art of the State, Volume II: Thinking North America.** Montreal: Institute for Research on Public Policy, 2005.

CRANE, David. **Canada- US Automotive Products Agreement.** Disponível em: <<http://www.thecanadianencyclopedia.com/index.cfm?PgNm=TCE&Params=A1ART A0001245>>. Acesso em: 29 out. 2011.

CREIGHTON, Donald. **The forked road: Canada, 1939-1957.** Toronto: McClelland and Stewart, 1976.

CUFF, R; GRANATSTEIN, J. **Ties that bind: Canadian- American relations in wartime, from the Great War to the Cold War.** Toronto: Samuel Stevens Hakkert, 1977.

DESTLER, I. M. **American Trade Politics.** Washington DC.: Institute for International Economics, 2005.

DFAIT (Department of Foreign Affairs and International Trade). **New Trade Agreement Eliminates Barriers and Opens Doors to European Markets.** Ottawa, 2009. Disponível em: <http://www.international.gc.ca/media_commerce/comm/news-communiqués/2009/387354.aspx?lang=eng>. Acesso em: 8 mai. 2011.

DFAIT (Department of Foreign Affairs and International Trade). **Negotiations and Agreements.** Disponível em: <<http://www.international.gc.ca/trade-agreements-accords-commerciaux/agr-acc/index.aspx?view=d>>. Acesso em: 7 nov. 2011.

DICKEY, John Sloan. **Canada and the American Presence: The United States Interest in an Independent Canada.** New York: New York University Press, 1975.

DLEBOLD, William. **Canada and the United States: twenty five years of economic relations.** Toronto: International Journal vol. 39, 1984.

EASTERBROOK, W; WATKINS, M. **Approaches to Canadian Economic History.** Montreal: McGill-Queens University Press, 2003.

EASTMAN, H. C; STYKOLT, S. **The Tariff and Competition in Canada.** Toronto: Macmillan, 1967.

FERGUSON, Ian. **United States-Canada Trade and Economic Relationship: Prospects and Challenges.** Washington DC: Congressional Research Service, 2009.

_____. **United States-Canada Trade and Economic Relationship: Prospects and Challenges.** Washington DC: Congressional Research Service, 2010.

FIRESTONE, O. J. **Canada's Economic Development: 1867- 1953.** Londres: Bowes & Bowes, 1958.

_____. **Development of Canada's Economy 1850-1900** in National Bureau of economic Research Studies in Income and Wealth 24: Trends in the American Economy in the Nineteenth Century. Princeton, 1960. <<http://www.nber.org/chapters/c2478.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2011.

_____. **Industry and Education: A Century of Canadian Development.** Ottawa: University of Ottawa Press, 1969.

FISHLOW, Albert. **Project 2001: Significant works in Economic History**. Columbia University, 2003. Disponível em: <<http://eh.net/node/2726>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

FOREIGN AFFAIRS AND INTERNATIONAL TRADE CANADA. Disponível em: <<http://www.international.gc.ca/>> Acesso em: 20 abr. 2011.

FOWKE, V.C. **The National Policy and the Wheat Economy**. Toronto: University of Toronto Press, 1971.

GEORGE, P.J. **The Rates of Return in Railway Investment and Implications for Government Subsidization of the Canadian Pacific Railway: Some Preliminary Results**. Canadian Journal of Economics, november 1968.

GERSCHENKRON, A. **Economic Backwardness in Historical Perspective: A Book of Essays**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1962.

GLAZEBROOK, G.P. **A History of Transportation in Canada**. Toronto: McClelland and Stewart, 1964.

GLOBERMAN, Steven; STORER, Paul. **Canada-US Economic Integration following CUSTA and NAFTA**. Bloomington: Indiana University, 2003.

GOLOB, Stephanie. **Three Strikes and you're out? The Security and Prosperity Partnership of North America (SPP) and the Future of North American Integration**. Waterloo: The center for International Governance and Innovation, 2008.

GRANATSTEIN, J. L.; BOTHWELL, Robert. **Pirouette: Pierre Trudeau and Canadian Foreign Policy**. Toronto: University of Toronto Press, 1990.

GREY, Rodney. **Trade Policy in the 1980s: An Agenda for Canadian – US Relations**. Montreal: CD Howe Institute, 1981.

_____. **United States Trade Policy Legislation: A Canadian View**. Montreal: Institute for Research on Public Policy, 1982.

HAMPSON, Fen Osler; MOLOT, Maureen Appel. **Does the 49th Parallel Matter Any More?**. Toronto: Oxford University Press, 2000.

HART, Michel. **Decision at Midnight: inside the Canada-US Free Trade Negotiations**. Vancouver: UBC Press, 1994.

HILLMER, Norman. **Partners Nevertheless: Canadian- American Relations in the Twentieth Century**. Toronto: Copp Clark Pitman, 1989.

HIMMELFARB, Gertrude. **One Nation, Two Cultures**. New York: Vintage, 2001.

HOBBERG, George. **Canada and North American Integration**. Canada Public Policy nº 26,2000.

HOLMES, John H. **Life with the Uncle: The Canadian-American Relationship**. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

HUMAN RESOURCES AND SKILLS DEVELOPMENT CANADA. Disponível em: <www.labour.gc.ca>. Acesso em: 10 abr. 2011.

HUNTER, Todd. **The Impact of FTA/NAFTA on Canada: What does the recent literature say?** Department of Foreign Affairs and International Trade. December, 1998.

HURTIG, Mel. **The Vanish Country: Is it too late to save Canada?**. Toronto: McClelland & Stewart, 2003.

_____. **Selling off our Country** in CAMPBELL, Bruce; FINN, Ed. **Living with uncle: Canada-US Relations in an Age of Empire**. Toronto: James Lorimer & Company, 2006.

INNIS, Harold A. **Problems of Staple Production in Canada**. Toronto: Ryerson Press, 1933.

_____. **Political Economy in the Modern State**. Toronto: Ryerson Press, 1946.

_____. **The Fur Trade in Canada: An Introduction to Canadian Economic History**. Toronto: University of Toronto Press, 1956.

_____. **Transportation as a Factor in Canadian Economic History**. Toronto: University of Toronto Press, 1956.

_____. **The Fur Trade in Canada: an Introduction to Canadian Economic History**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

IRISH, Maureen. **The Auto Pact: Investment, Labour and the WTO**. Frederick: Aspen Publishers, 2004.

JACKSON, George; ROBIDEAUX, Douglas; TAYLOR, John. **The US-Canada Border: Cost Impacts, Causes and Short to Long Term Management Options**. Disponível em: <<http://www.thetbwg.org/downloads/CanadaUSBorderCostsReport.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2011.

KOEHLER, Wallace. **Foreign Ownership Policies in Canada: 'From Colony to Nation' Again**. American Review of Canadian Studies 11, nº1, 1981.

LIPSET, Seymour. **Comparing Canadian and American Unions**. Society, 1987.

_____. **Continental divide:** the values and institutions of the United States and Canada. New York: Routledge, 1990.

LYON, Peyton. **Canada in World Affairs 1961-1963.** Toronto: Oxford University Press, 1968.

MACDONALD, John A. **On Canadian Confederation,** 1865. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/268/5/1.html>>. Acesso em: 2 dez. 2011.

MAHANT, Edelgard; MOUNT, Graeme. **Invisible and Inaudible in Washington:** American Policies Towards Canada. Vancouver: UBC Press, 1999.

MASTERS, Donald. **The Reciprocity Treaty of 1854:** It's History, its Relation to British Colonial and Foreign Policy and to the Development of Canadian Fiscal Autonomy. Toronto: McClelland and Stewart Limited, 1963.

MCDIARMID, Orville J. **Commercial Policy in the Canadian Economy.** Cambridge: Harvard University Press, 1946.

MCDOUGALL, John N. **Drifting Together:** The Political Economy of Canada-US Integration. Peterborough: Broadview Press, 2006.

MCKINNEY, Joseph. **Created from NAFTA:** The Structure, Function and Significance of the Treaty's Related Institution. New York: Sharpe Publishing, 2000.

_____. **US-Canadian Economic Relations.** Twenty Years after the USA-Canada Free Trade Agreement. Liverpool: British Journal of Canadian Studies, 2010.

MCLEOD, J.T. **The Free Enterprise Dodo is no Phoenix.** The Canadian Forum 56, 1976.

MELTZ, Noah. **Challenges and choices facing American labor.** Cambridge: MIT Press, 1984.

MERCER, John; GOLDBERG, Michael. **Value Differences and their Meaning:** Urban Development in the United States. Vancouver: British Columbia faculty of Commerce, working paper n°12, 1982.

MIRUS, Rolf. **The Trade and Investment Impact of Nafta on Canada.** Centre For International Business Studies, 2000. Disponível em: <<http://www.business.ualberta.ca/Centres/WCER/Publications/Other/~media/University%20of%20Alberta/Faculties/Business/Faculty%20Site/Centres/WCER/Documents/Publications/OtherPublications/JSC/JSC22.ashx>>. Acesso em: 5 dez. 2011.

MUIRHEAD, Bruce. **Trials and Tribulations:** The Decline of Anglo- Canadian Trade, 1945-1950. Journal of Canadian Studies 24, 1989.

MULCAHY, Kevin. **Cultural Imperialism and Cultural Sovereignty**. The American Review of Canadian Studies, 2000.

MYERS, G. **History of Canadian Wealth**. Toronto: James Lorimer, 1972.

NAPOLITANO, Janet. **Toward a Better Border: The United States and Canada**. Washington DC, 2009. Disponível em: <http://www.brookings.edu/~media/Files/events/2009/0325_us_canada/20090325_canada_transcript.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2011.

NELLES, H. **The Politics of Development**. Toronto: MacMillan, 1974.

NEWBIGIN, Marion I. **Canada, the Great River, the Lands and the Men**. New York: Harcourt, Brace and Co., 1926.

NORRIE, Kenneth. **The National Policy and Prairie Economic Discrimination: 1870-1930**. Gananoque: Canadian Papers in Rural History, 1978.

NORRIE, Kenneth; OWRAN, Douglas; HERBERT, JC. **History of the Canadian Economy**. Nelson College Indigenous, 2007.

NORTH AMERICAN FREE TRADE AGREEMENT. Disponível em: <<http://www.nafta-sec-alena.org/en/view.aspx?conID=590&mtpilD=ALL>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

OWRAM, Doug. **Canadian History-Confederation to the Present**. Toronto: University of Toronto Press, 1994.

PASTOR, Robert. **Toward a North American Community: Lessons from the old World to the New**. Washington DC: Institute for International Economics, 2001.

POMFRET, Richard. **The Economic Development of Canada**. Ontario: Metheun Publications, 1981.

REA, K. J. **Canadian Economic Development**. Toronto: University of Toronto Web Courses, 1998.

RIDDEL, Chris; RIDDEL, W. Craig. **Changing Patterns of Unionization: The North American experience**. University of British Columbia, 2003.

RUGMAN, Alan; Brain, Cecilia. **Intra-regional Trade and Foreign Direct Investment in North America**. Bloomington: Indiana University, 2003.

RYERSON, Stanley. **Unequal Union: Confederation and the Roots of Conflict in the Canadas 1815-1873**. Toronto: International Publishers, 1968.

SAEZ, Emmanuel; VEALL, Michael. **The Evaluation of High Incomes in Canada: 1920-2000**. Ontario: SEDAP Research Paper n.99, mai. 2003.

_____. **The Evolution of High Incomes in Northern America: Lessons from Canadian Evidence**. American Economic Review, V.95, 2005, p. 831-849.

SCHOTT, Jeffrey J. **Trade Policy and the Obama Administration**. Washington: Business Economics, 2009.

SEAVOY, Ronald. **An Economic History of the United States: From 1607 to the Present**. Abingdon: Routledge, 2006.

SHAFFER, Edward. **The United States and the Control of World Oil**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1983.

STANBURY, W. **Privatization in Canada: Ideology, Symbolism or Substance?** in: Privatization and State Owned Enterprise. Paul McAvoy et al. Boston: Kluwer Academic Publisher, 1989.

STATISTICS CANADA. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca>>. Acesso em: 10 mar. 2011a.

_____. **Canadian International Merchandise Trade (2001-2010)**. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca/daily-quotidien/110407/t110407b1-eng.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2011b.

_____. **CANSIM – Balance of International Payments, Current Account: Table 376-0001**. Disponível em: <<http://www5.statcan.gc.ca/cansim/a26.jsessionid=C5A4ABB93C588BC7914A278EAB6E209C?lang=eng&retrLang=eng&id=3760001&pattern=3760001..3760036&tabMode=dataTable&srchLan=-1&p1=-1&p2=-1>>. Acesso em: 15 jun. 2011c.

_____. **CANSIM – International Investment Position, Canadian Direct Investment Abroad and Foreign Investment in Canada by Country: Table 376-0051**. Disponível em: <<http://www5.statcan.gc.ca/cansim/pick-choisir?lang=eng&p2=33&id=3760051>>. Acesso em: 15 jun. 2011d.

_____. **CANSIM – Merchandise Imports and Exports by Major Groups and Principal Trading Areas for All Countries: Table 228-0003**. Disponível em: <<http://www5.statcan.gc.ca/cansim/pick-choisir?lang=eng&p2=33&id=2280003>>. Acesso em: 15 jun. 2011e.

THOMAS, David M. **Canada and the United States: Differences that Count**. Peterborough: Broadview Press, 2000.

THOMPSON, John Herd; RANDALL, Stephen J. **Canada and the United States: Ambivalent Allies**. Athens: University of Georgia Press, 2008.

THOMPSON, R. W. **International Trade and Domestic Prosperity: Canada 1926-1938**. Toronto: University of Toronto Press, 1970.

TRAKMAN, L. **Dispute Settlement under the NAFTA**. New York: Transnational Publishers, 1997.

TREFFEL, Daniel. **The long and Short of the Canada- US Free Trade Agreement**. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=269543>>. Acesso em: 02 mai. 2011.

TUPPER, Allan; DOERN, G. **Canadian Public Enterprise and Privatization in Privatization, Public Policy and Public Corporation in Canada**. Halifax: Institute for Research on Public Policy, 1988.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **US CENSUS (2010)**. Disponível em: <<http://www.census.gov>>. Acesso em: 8 dez. 2011.

UNITED STATES DEPARTMENT OF LABOR. Disponível em: <www.dol.gov>. Acesso em: 10 mar. 2011.

UNITED STATES TRADE COMMISSION. **US Exports at FAS Value to Canada** Disponível em: <http://dataweb.usitc.gov/scripts/cy_m3_run.asp?Fl=x&Phase=HTS2&cc=1220&cn=Canada>. Acesso em: 18 nov. 2011.

UNITED STATES TRADE COMMISSION. **US Imports for Consumption and Customs Value from Canada**. Disponível em: <http://dataweb.usitc.gov/scripts/cy_m3_run.asp?Fl=m&Phase=HTS2&cc=1220&cn=Canada>. Acesso em: 18 nov. 2011.

URQUHART, M. C. **Canadian Economic Growth: 1870-1980**. Kingston: Queen's University, Working Paper 734.

WALETT, Francis. **An Economic History of the United States: Summary of All Phases of Economic Growth**. Abingdon: Routledge, 2006.

WALLACE, Stewart W. **Economic History** in: The Encyclopedia of Canada, Vol. 3. Toronto: University Associates of Canada, 1948.

WATKINS, M.H. **A Staple Theory of Economic Growth**. Toronto: Canadian Journal of Economics and Political Science, nº 2, 1963.

WATSON, William. **Free Trade: Risks and Reward**. Montreal: McGill- Queen's University Press, 2000.

WILLIAMS, C. Brian. **The Development of Canadian-American Trade Union Relations:** Some Conclusions. *Relations Industrielles/ Industrial Relations*, vol 21, n°3, 1966.

WILSON, Robert et al. **Canada-United States Treaty Relations.** Durham: Duke University Press, 1963.

WOODWARD, Stanley. **Woodwart to Acheson**, 13 January 1953. U.S. Chamber of Commerce Resolution, 1953.

WRIGHT, Chester. **Economic History of the United States.** New York: McGraw Hill, 1941.